VIM PARA
BANIK O CAPITALISMO
DA TERRA!
A HUMANIDADE
MERECE COISA
MELHOR!

Caderno de Formação

Nº4



100 Anos de Resistência e de Libertação da Classe Operária

PASTORAL OPERÁRIA

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS · SP

RUA IRMÁ SERAFINA: 88 Fone 31 7122 (0192) CEP 13 100

AdtetivaL-Doweeti

# APRESENTAÇÃO

A Comissão Arquidiocesana de Pasto ral Operária, ciente da sua missão de anunciar aos operários de hoje a Boa Noticia que o Carpinteiro de Nazaré trouxe aos pobres, pro põe este subsídio para nove encontros de trabalhadores (as) na base.

O objetivo central é o de possibilitar uma rápida visão de conjunto sobre o '
MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA. Situar bem o /
chão onde estamos pisando para darmos os pró
ximos passos com mais acerto no rumo que interessa ao conjunto da classe trabalhadora.

Neste 1º de Maio atingimos o marco histórico como classe operária, 100 anos de' resistência à opressão Capitalista e quere-' mos celebrar na devida forma os passos de libertação que já conquistamos.

Mas as batalhas são muitas e pou- cos os operários, se você vem,

A LUTA CONTINUA! ...

#### 19 ENCONTRO

- " PREPARAÇÃO "
- Apresentação do pessoal
- Leitura da " MENSAGEM /
  AOS TRABALHADORES."

"Por ocasião da celebração do Centenário do 1º de Maio -Dia / de Luta, memoria de libertação' da classe trabalhadora, a Pasto ral Operária que atua crescente mente na Evangelização do Mundo do Trabalho Urbano, não poderia deixar de dirigir essa mensagem -Clamor pela Justiça entre' as classes sociais; manifesta-' ção de fé e esperança na ressur reição, triunfo da possibilidada de vida sobre as imposições' da morte.

Nesta memorável data, celebramos a dignidade humana do -/
trabalhador, mas o fazemos com
os olhos fitos na realidade vivida por milhões de irmãos que
sofrem na carne as chagas abertas pela impiedosa exploração /
Capitalista. Irmãos que vêem se
us filhos marcados pelos tristes e inequívocos sinais de mor
te, provocados pela marginaliza
ção, até na participação social
essencial comoo direito de estu
dar, ter saúde, alimentação ou
habitação decente.

Denunciamos que estas condições de morte são frutos não / do acaso, mas de lucros e planos minuciosamente arquitetados pela classe dominante: seja explorando o trabalho com baixos' salários, ou reprimindo a sua / organização com demissões de li deranças, violência policial 7 e também com tribunais subornados pelo Capital.

No plano político fomos golpeados no que tinhamos de mais' esperançoso: o decreto da Refor ma Agrária -que a Nova República aprovou fazendo-a pior que o Estatuto da Terra de 1964. E a' Emenda Constitucional nº 26 que roubou da Nação a Assembleia Na cional Constituinte e a entregou para o Congresso, até bioni co, a tarefa de fazer a Constituição.

Apesar de tudo isto, companheiros de caminhada, não desanimem. Já sabemos que a luta existente entre as classes dominante e dominada é assim mesmo.
E temos a nosso favor a crescen
te consciência de que a cada golpe sofrido devemos resistir
com novas formas de organizar a
luta.

Já sabemos dizer não, cruzan do os braços e paralizando a - T produção.

Quando nos roubam a Reforma! Agrária, o povo sem terra ocupa! latifundios; quando surrupiam a Assembleia Nacional Constituinte o povo responde nas urnas de monstrando que há necessidade ' de fortalecer partidos que verdadeiramente defendem os inte-' resses do povo trabalhador.

Esta grandeluta continua e / convidamos você para as próxi-' mas batalhas.

- Campanha salarial e contra o FMI; a Reforma Agrária e as / eleições de novembro.

Vamos eleger gente nossa para governar o Estado e companhei ros para o Congresso Constituin te.

Nesta caminhada temos um objetivo - eliminar a dominação / de classes, superar as causas / das injustiças - Construir uma' Sociedade Justa e Fraterna: SI-NAL DO REINO DEFINITIVO".

(1º de Maio 1986)

(Comissão Regional - CNBB / Sul I de Pastoral Operaria)

Anim. - A partir da Mensagem de 1º de Maio que aca bamos de ouvir, vamos fa-<sup>T</sup> zer algumas orações espon tâneas e depois concluir <sup>T</sup> com o Pai Nosso.

# Objetivo deste primeiro Encontro

19- Apresentação do Cader no e discussão dos obje tivos possíveis com o 7 curso. (leia a apresen tação e os títulos dos<sup>7</sup> 9 encontros, discuta com o grupo o que se deseja' alcançar com o curso). 20- Preparar as datas e /
os locais dos encontros.
(será semanal? ou quinzenal? em dias de semana, ou fim de semana? /
será feito rodízio de /
locais pelas comunida-'
des? etc.)

30- Formar uma equipe para a animação dos encon tros com as seguintes 7 funções: a) Fazer a ora ção inicial e final dos encontros.

b) Animar com/ alguns cânticos nos momentos apropriados.

c) Incentivar' pessoas que nos interva los contem alguma anedo ta ou piada "limpa" para a distração, etc.

49- Formar uma equipe (com
1 ou 2 pessoas de cada'
comunidade) para fazer'
um resumo do tema e a-'
presentar nos 5 minutos
finais de cada encontro

59- Preencher a ficha de' participantes (anexo).' Servira para o monitor' instruir melhor o curso



#### 29 ENCONTRO

# MODO DE PRODUÇÃO

Neste caderno, tomamos como ponto de partida para entender a organização global da sociedade, a ma neira como os homens produzem a sua existência, o modo como produzem a sua vida real.

Vamos começar estudando como se dá a PRODUÇÃO'
ECONÔMICA, ou seja, a gera
ção de bens necessários à
sobrevivência dos homens'
em sociedade. Cada época'
e cada civilização tem ne
cessidades diferentes, além do básico indispensável a todos. Por isso mes
mo a PRODUÇÃO de bens é 7

uma atividade básica e fun damental. A produção se / dá num processo social e' já passou por vários está gios e continua em cons-T tante transformação.

A história documenta / as sociedades que viviam' de colheitas de frutas,ca ça e pesca (hã tribos ain da neste estágio); desenvolveu-se para a criação' de animais e agricultura; e vem até a nossa realida de, baseada nas máquinas e indústria moderna.

Veja e guarde o esquema abaixo; são os elementos que atuam na produção de bens:

PROCESSO DE PRODUÇÃO

Força de Meios de Produção

Objeto de Trabalho

PORÇA DE TRABALHO: é a energia humana empregada no processo de trabalho.

MEIOS DE PRODUÇÃO: é formado por: 1. Objeto de Trabalho, é o objeto sobre o qual se trabalha; exp.:terra,minério, árvore' (matéria bruta) ou matéria prima:subs tância já trabalhada pelo homem.

Trabalho: são os instrumentos necessa rios ao trabalho, exp.: ferramentas, maquinas, oficinas, edifícios, vias, canais, etc.

Em qualquer lugar do / mundo o PRODUTO e o resul tado da aplicação da Forca de Trabalho sobre os / Meios de Produção. Dai, / ser este o nosso ponto de partida para entender os' vários Modos de Produção' ao longo da história da / Humanidade, e em particular o Capitalismo. A esse respeito veja o que diz o Papa João Paulo II: "...o trabalho humano é uma cha ve, provavelmente a chave essencial, de toda ques-' tão social" ... "no sentido de tornar a vida humana mais humana"... "assume uma importância fundamental e decisiva" ... (L. E. NO 3)

2-

## OS MODOS DE PRODUÇÃO

A frase Modo de Produção (M.P.) é mais que a / maneira de produzir algum produto; significa a orga nização global de uma sociedade, tribo ou país,pa ra controlar a Força de 7 Trabalho e / ou os Meios' de Produção em vista da' destinação ou apropriação do Produto.

M.P. supõe a produção'
Econômica como base, e so
bre esta a estrutura Política e Jurídica e ainda a
dominação das idéias ou /
seja, a estrutura ideológica. Estes pontos serão'
estudados nos próximos en
contros.

#### MODO DE PRODUÇÃO COMUNAL OU IGUALITÂRIO

Este M.P. era vivido /
nas sociedades primitivas
ou ainda em muitas tribos
indígenas até hoje. É Comunal ou Igualitário por!
que todos os adultos trabalham e os Meios de Produção são posse comum de'
todos. Nesta sociedade -/
não há necessidade de pro
duzir sobras e quando con
seguem, esses "Excedentes"
são queimados" em festas'
ou celebrações da própria
tribo.



## MODO DE PRODUÇÃO ESCRAVISTA

O M.P. Escravista tem' origem na dominação pela/ força de uma tribo, clã / ou país sobre o outro.Por essa forma os mais fortes se apossam das terras (Me ios de Produção) de cultivo e também da Força de 7 Trabalho - o escravo; a fa milia deste também perten ce ao Senhor, perpetuando a classe dos escravos.

Neste M.P. a geração' de Excedentes é obrigatória pelos escravos, pois' tem que sustentar-se e à família, isto quando deixam ficar juntos, e ao amo e sua família, o exército e outros servidores' ou protegidos do amo.



# MODO DE PRODUÇÃO FEUDAL

Neste M.P. ainda os Me ios de Produção são predo minantemente a terra de 7 cultivo, e esta pertence! à nobreza (barao, conde, ' duque, etc.) e também ao clero que em geral faz - ' parte desta nobreza.A for ça de trabalho -os camponeses cultivam a terra da nobreza e são hereditaria mente servos desta terra ou gleba, portanto subordinados ao senhor feudal' para quem geram exceden-' tes e ainda fornecem dias de trabalho gratuito.



# MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Este M.P. como o próprio nome diz, tudo concorre para beneficiar o / Capital. O Capital é o LU CRO ACUMULADO nas mãos do capitalista ou seja, a no va classe enriquecida que se chamou burguesia. Seguem alguns elemen-' tos basicos deste M.P.:

- 1- A questão: O que produ zir,quando e quanto -T produzir, é decidida / pelos interesses individuais dos capitalistas em busca do lucro.
- 2- Propriedade dos Meios' de Produção em forma / de Capital.

3- Uso da Força de Trabalho assalariada.

- 4- O produto é apropriado pelos capitalistas que obtém lucro comercializando, por isso, é mer cadoria".
- 5- Provoca o surgimento / dos estados modernos.
- 6- Predomínio da produção na cidade.

Todos estes pontos serão trabalhados nos próxi mos encontros.



# MODO DE PRODUÇÃO SOCIALISTA

Este M.P. é uma propos ta da classe trabalhadora, tem uma breve experiência de menos de 70 anos e des de o nascedouro tem sido<sup>T</sup> impiedosamente combatido' pelo capitalismo, pois tenta ser a superação des te.

Os pontos básicos a serem atingidos são:

- 1- Socialização de todos os Meios de Produção! (terra, fábricas, etc)
- 2- Produção planejada para atender à necessida des sociais da coletividade.
- 3- Extinção das classes sociais, acabando com os previlégios.
- 4- Garantia de participação igualitária no tra balho, nos bens e nas decisões.

A plena consolidação de uma M.P. depende da superação do outro. Desta for ma, implantar o M.P. Socialista, significa acabar com o Capitalismo.

# PARA DISCUTIR-

Comentar cada sistema, procurando ver em qual de les a pessoa humana pode realizar-se mais plenamen te como Filho de Deus e 7 irmãos uns dos outros.

Sugestão de dinâmica:

Após a introdução formar 5 grupos, um para cada Modo de Produção e a-' presentar em forma de teatro (30 minutos).



39 ENCONTRO

# O MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

O M.P. Capitalista é o produto de uma longa evolução histórica. Duas con dições básicas foram necessárias:

1- Uma imensa acumulação' de riqueza em forma de Capital.

2- Ter trabalhadores disponíveis para vender a força de trabalho.

A característica básica do Capitalismo é a expropriação dos trabalhado res dos Meios de Produção e concentração destes nas mãos da burguesia sob a /

Ao longo da história / das sociedades divididas' em classes, podemos ver / como a classe trabalhadora foi sendo expropriada. Na escravidão, não tinham sequer o direito ao pró-' prio corpo. No feudalismo, os trabalhadores eram o-' brigados a pagar tributo' ao senhor e viverem subor dinados a este. No Capita

lismo, só lhes resta sua' força de trabalho, que é' obrigados a vender em troca de salário.

O Capitalismo nasceu / na Europa entre os sécu-' los XIV e XVIII; Foi um pe ríodo de lutas e transfor mações. Porém a base de 7 formação do Capital e da' burguesia foi a explora-' ção, o roubo, a pilhagem. Primeiramente com a expro priação dos trabalhadores do campo. Isso permitiu a concentração das terras / na mão da nobreza Capitalista. E os trabalhadores expulsos engrossavam as / cidades, vivendo nas piores condições de assalari ados ou desempregados. En grossavam o mercado de tra balho os servos que fugiam das glebas, livrando-' se dos crescentes tribu-' tos feudais.

O processo de expropria ção atinge as terras do 7 Estado e da Igreja transformados em propriedade / privada dos capitalistas, ocasionando a expulsão de seus moradores. As terras de cultivo se tornam pastagens de ovelhas, cuja / lã se faz necessária nas fábricas de tecelagem.

A conquista e coloniza ção africana, asiática e americana foi na verdade' a mais terrivel forma de' dominio, assassinio e rapina da humanidade. Das / colônias, como o Brasil,' foram levados imensas quan tidade de moedas (ouro e prata) e matérias-primas' que serviam a fome de acumulação do Capital industrial europeu. Além do fa to das colonias servirem de mercado lucrativo para os produtos manufaturados.

Esse enriquecimento ba seado na exploração, domí nação e violência que tem como contra-face a cria-'ção do proletariado -é a' condição do triunfo do Ca pitalismo.

A expansão do comercio conhecida como mercanti-' lismo, as revoluções agrícola e industrial, a revolução política inglesa, americana e francesa, etc, a Reforma Protestante; são parte desse processo de / luta da burguesia contra' a Antiga classe Feudal e' ao mesmo tempo a luta de'

imposição do capital sobre o trabalho.

A Revolução francesa / de 1789 (burguesia e tra-balhadores contra a nobre za) marca o fim do feuda-lismo e o triunfo definitivo da burguesia industrial, comercial e financeira na Europa e desta / aos poucos para o mundo-todo.





1- A base do Capitalismo'
é a Propriedade Privada /
dos Meios de Produção.
2- A meta principal é o /
lucro pela: exploração do
trabalho, transações comerciais e financeiras.
3- A doutrina é a da livre concorrência. Absoluta liberdade para explo-'
rar tudo e todos. Os capi
talistam chamam a si proprios de democratas e os'
países onde vivem de "mun
do livre".

4- A rede de exploração é internacional, em cadeia' crescente dos ricos sobre os pobres, Empresas nacionais, Transnacionais, Banco Mundial, FMI, etc.



5- As pessoas, são consideradas uma forma especial de "mercadoria". São / comprados ou vendidos tem porariamente como força 7 de trabalho.

6- É uma relação social / desumanizante. Como vimos, o trabalhador é tratado / como mercadoria e a bur-' guesia, parasita desta "-mercadoria". Assim uma -' classe vive para a outra, da forma mais degradante.



7- A dominação sobre a / classe trabalhadora e a' exploração econômica tem' sido possível pela articu lação das várias instâncī as da organização da socie dade: O Político-Jurídico e o Ideológico que compõem este Modo de Produção.

O Brasil joga um papel importante no plano mun-' dial para este Sistema, en tre outras coisas tem a 7 função de ser o fornece-' dor de alimentos e de ser o maior endividado com US \$ 105 bilhões de dolares.

#### PARA DISCUTIR-

- 1- Neste Sistema você a-' cha possível eliminar' a pobreza, miséria e / marginalização? Porquê
- 2- Dentro deste Sistema, você acha possīvel eli minar a violência sobre os pobres? Porquê?
- 3- O que você aponta de / positivo no Modo de -/ Produção Capitalista?' Explique.

#### 49 ENCONTRO

# EXPLORAÇÃO DO TRABALHO

#### ASSALARIADO



Vamos entrar no assunto de hoje, recordando du as idéias centrais dos en contros anteriores:

- 1- Em qualquer sociedade'
  cujo M.P. não é iguali
  tário, ferve no seu in
  terior o conflito de 7
  classes. -A dominação'
  política, jurídica e /
  idelológica para explo
  rar economicamente a 7
  classe subalterna.
- 2- Em qualquer M.P. o pro cesso produtivo se da pela inter-ação da For ça de Trabalho sobre 7 os Meios de Produção.

No modo de produção Ca pitalista a Força de Trabalho é livre; o trabalha dor a vende para quem qui ser, mas só compra o Capi talista que é o proprieta rio dos Meios de Produção.

Por isso, no mundo Capitalista, quem não é patrão tem que vender a sua Força de Trabalho e esta' é paga em forma de salário.



### O QUE É O SALÁRIO?

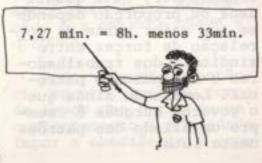
Nos estudos clássicos' sobre o salário, este é / explicado da seguinte for ma:

M-V= VT - CT lê-se:

A Mais-Valia (M-V) ā i-'
gual ao Valor do Trabalho
(VT) menos o Custo do Tra
balho (CT).

Vamos dar um exemplo / concreto para clarear:

Na indústria Volks de São Bernardo do Campo, a cada' 8 horas trabalhadas o ope rário fica com 33 minutos de salário. Na fórmula acima, fica assim-



Isto quer dizer, de ca da 8 horas que o operário trabalha, da 7:27 minutos de lucro ou mais valia para o patrão que restitui 33 minutos de salário para o trabalhador; A exploração do trabalho assalariado segue esta lei ou / norma geral.

As multinacionais auto mobilísticas vem para o 7 39 mundo devido às vanta gens do baixíssimo salá-Trio e farta matéria prima igualmente barata. Eles pagam 6,10 e até 15 vezes menos para os operários / daqui em relação a seus funcionários nas fábricas do país de origem. Desta forma o gasto com a despe sa de salário atinge de 8 a 15% do total de gastos com a produção

Podemos continuar perguntando: O que é salário

Analisando a variação' de um país a outro e as / diferenças entre as categorias profissionais; podemos afirmar: o salario' e uma pequena parte da / produção que retorna aotrabalhador, cuja quantidade ou proporção depende em sua maior parte da correlação de forças entre o sindicato dos trabalhadores e o sindicato patro-' nal. Lembrando ainda que' o governo burguês é sempre um aliado dos patrões nesta luta.

- Deu para entender agora o valor de ser sindi calizado?

E de ter um sindicato combativo?

A historia do Brasil / tem sido para a Classe Operaria um permanente dra ma contra o arrocho salarial; sofremos graves per das com o Delfim Neto nos anos 73/74; com o General Figueiredo, sofremos os / Decretos Leis 2012, 2024, 2036, 2045 e 2065. A "Nova" Republica não deixou' por menos: usou das mesmas armas da ditadura militar e baixou de surpresa o D. Lei 2283 congelan do os salários corroidos pela média semestral da / inflação. O Artigo 21 des se Decreto Lei profbe a 7 recuperação de todas as / perdas anteriores conforme citamos acima.

Para termos uma ideia' real das perdas salariais basta ver que o salario / minimo deveria ser de \$3. 300 cruzados no final de' fevereiro:no entanto foi / decretado a CZ\$ 804,00. / Para sentir a crueza da / injustiça siga a lei; ela manda que voce e sua fami lia se alimente com 48% / do salário mínimo (CZ\$386, 00), que gaste 5% com -/ transporte (CZ\$ 40,20)e / mais 22% com a habitação, 16% com vestimentas e o / restante 9% com material' de higiene.

Confira o Artigo 165 / da Constituição Federal e o Decreto Lei 399 de 1938 sobre o salário mínimo. Ve ja que nesta distribuição o trabalhador e sua família não têm assegurado os gastos com lazer, com os estudos e nem mesmo com a saúde.

#### PARA DISCUTIR-

- 1- O que lhe pagam é justo com o que você produz?
- 2- A sua categoria é orga nizada em sindicato?
- 3- Que contribuição você' dã para a união da sua categoria?
- 4- Como podemos melhorar'
  a luta da classe operá
  ria com respeito ao sa
  lário?



59 ENCONTRO

O PODER NA SOCIEDADE

DE CLASSE

Nos encontros anteriores, constatamos a exploração que sofre a classe'
trabalhadora e dissemos /
que isto é possível porque a classe burguesa articula as instâncias polí
tica , jurídica e ideoló
gica em vista do lucro e
da defesa dos interesses
do Capital.

Neste encontro vamos / começar a entender algumas formas dessa dominação. E a palavra chave é o PODER.

Poder significa potência em ato, isto é, força de impor uma norma ou um' comportamento à sociedade. Impor a obediência e aca-

17

tamento a uma ordem ou a'
um conjunto delas. Isto /
pode ser conseguido pela'
coação violenta, pelo uso
de força policial ou mili
tar, pelo convencimento
ou por puro conhecimento.
Por isso mesmo, podemos /
apontar varias formas de'
poder. Naturalmente, aqui,
falamos do poder que deci
de as condições de vida,
influi diretamente no con
junto da sociedade.

Não se trata dos peque nos raios de poder, como, por exemplo, a autoridade do pai, da mãe, do profes sor, do padre, etc. Falamos do poder na sociedade. E numa sociedade doentia, desumanizante, por que a classe dominante vive parasitariamente do suor e sangue da classe trabalha dora.

Na sociedade de classe o Poder assume a forma de Classe. Assim como existe o poder econômico, políti co e ideológico da burgue sia, há também manifestações do poder popular.

A forma privilegiada /
de Poder é o Estado (Po-'
der Político), pois este'
representa a organização'
da sociedade. É dessa modalidade especial de Po-'
der que se legitimam os /
outros poderes. Porém o /

Estado não representa a / totalidade do Poder.Vamos tratar do Estado no proximo encontro.

Para alem do Poder do' Estado, há o poder de uma classe sobre a outra. Vamos ver, então, os princi pais poderes no Brasil ho je.

PODER DO CAPITAL mundial, do grande capital nacional e internacional, do Banco Mundial, inves timento do capital japonês e o FMI. É o poder 7 do credor de 105 bilhões de Dolares e que arran ca anualmente US\$ 12 bilhões de juros e agiotagens. Para essa finalidade, decide sobre o nosso crescimento ou não, recessão ou desenvolvimento, emprego ou desemprego e até sobre o arro cho salarial.

PODER DAS TRANSNACIONAIS INDUSTRIAIS. Fez do -'
Brasil a citava potência industrial do mundo ca
2- pitalista, Como o primeiro, também este poder 7
não se subordina ao poder da República, e os do
is estão intimamente ligados.

PODER DO ESTADO. Talves em terceiro grau de importância tenhamos, no Brasil, o poder de Estado. Este é o poder oficial, que se proclama co3- mo tal: Tem um Governo, ministros, exército, Tri
bunais, escolas, programas e estatísticas, tem
bancos, empresas estatais e públicas, tem programas radiofônicos e indicadores econômicos e'
sociais, etc. Ainda é o Estado da Burguesia.

O PODER DA "ECONOMIA SUBMERSA": Este se compõe' da soma de tudo que escapa ao controle do poder oficial (3), seja do lado dos ricos (roubos legais das multinacionais exportando a nossa ri-

4- queza abaixo do valor real, a sonegação dos impostos pelo recurso da caixa 2 nas empresas, -' etc), seja do lado dos pobres (os biscates, sub empregos, desempregados, as donas de casas; é 7 onde se concentra a massa desorganizada e por-' onde passa 50% da economia do país).

PODER DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. O quinto poder é o dos Meios de Comunicação social (MCS), cujo carro chefe é a TV Globo. É por meio dele / que enxergamos o Brasil. Ou seja, eles pintam a realidade conforme o interesse da classe dominan te. Faz o povo pensar favoravelmente aos interes ses dos capitalistas. A TV Globo nunca coloca - problemas para o povo; pelo contrário, é ela que resolve SIMBOLICAMENTE, "dá" solução para os gran des problemas, oferecendo um mundo maravilhoso e cheio de felicidades. Roubam o nosso salário e / nos convencem de que TEM +QUE DAR CERTO. É o poder das idéias (ideologia).

O PODER POPULAR. O sexto poder é daqueles que os bispos chamaram em Puebla de ORGANISMOS INTERMÉ-DIOS; são as organizações do povo para resistir' à dominação política e a exploração econômica:os 6- Movimentos Populares, as Pastorais engajadas na' transformação social, Associações de Profissiona is, Sindicatos, e Centrais Sindicais, etc. É onde se forjam os projetos de esperança, é a força emergente dos oprimidos.

#### PARA CONVERSAR-

- 1- Como você encara esses poderes?
- 2- A sua comunidade consi dera esses poderes na pastoral?
- 3- Em qual deles você par ticipa? Como?



69 ENCONTRO

"O ESTADO NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA"

## Introdução:

="O HOMEM É O LOBO DO' HOMEM"; por isso, organiza o ESTADO para a proteção do indivíduo.

="O HOMEM É UM SER NA-TURALMENTE SOCIAL"; por / isso, organiza o ESTADO-' que tem por finalidade a' realização do Bem Comum.



="OS HOMENS ESTÃO DIVI DIDOS EM CLASSES ANTAGONI CAS ENTRE SI"; por isso,o ESTADO se constitui como uma necessidade que aparentemente se coloca acima das classes (neutro),' mas que, na verdade, tem' a função de conter a luta de classe e garantir a ex ploração de uma classe so bre a outra. Essas são al gumas teorias sobre o ES-TADO ou justificativas -' quanto à sua necessidade. A verdade é que, na histo ria, a organização da autoridade como poder politico - ( O ESTADO ) nem -' sempre existiu. É exemplo disso a sociedade tribal' no Modo de Produção Igualitario nas sociedades di vididas em classes, no en tanto, ele foi e continua sendo controlado para assegurar a exploração do / trabalho, seja na forma-' de excedente de produção' agrícola (trabalho forçado),ou no Capitalismo (a' Mais-Valia e o lucro do / mercado).



# 1- O ESTADO BRASILEIRO

O Estado Brasileiro -'
tem hoje seus representan
tes na chamada "Nova Repu
blica". E, como Estado Mo
derno, -a Republica é regida pela CONSTITUIÇÃO e'
exercida pelos três Poderes.



# 1.a- A RELATIVA SOBERA NIA DA CONSTITUIÇÃO

A Constituição é a Lei Mãe, ou CARTA MAGNA, da / nação, que todos devem acatar, e que todos os poderes devem seguir, sob /
pena de perderem a legiti
midade ou de serem cassados de seus poderes. Veja,
pois, a importância de ga
rantirmos uma Constituinte com a máxima participa
ção popular neste ano.

Poderiamos dizer que a Constituição está acima / de todos os poderes. Isto' e bonito, mas numa sociedade capitalista, a Constituição é a expressão da vontade da burguesia. Veja como isto acontece: Os deputados e senadores do' futuro Congresso Constitu inte serão eleitos pelo 7 povo (alguns biônicos ja' estão la); quem serão eleitos? Representantes -/ dos trabalhadores ou, na maioria, representantes-' dos empresarios financiados por "caixinhas" bilio narias? A campanha de cada deputado está orçada / em 2 milhões de cruzados, e este dinheiro não retor na em forma de salário em menos de 5 anos. Em todas as eleições tem acontecido o mesmo: uma grande -' parcela da população pros titui o seu voto, entregando a quem oferece mais. É assim que a burquesia / faz e vota leis e a Constituição segundo seus interesees.

# 1.b- QUANTO AOS PODE-RES DA REPUBLICA FEDE-RATIVA DO BRASIL.

b.1- PODER EXECUTIVO-E formado pela Presidência' da República (sistema pre sidencialista) com o auxilio dos ministros de ESTA DO (são 27 atualmente).



b.2- PODER LEGISLATIVO Este é exercido pelo / Congresso Nacional, que se compõe de: - Câmara -' dos Deputados (são 479 -1 membros atualmente)e

- Senado Fe ral (são 69 senadores, 3T por unidade de federação).



b.3- PODER JUDICIARIOcomposto de: -

-Supremo Tribunal Federal. -Conselho Nacional de Magistratura.

-Tribunal Federal de Re-' cursos.

-Juizes Federais.

-Justica Militar.

-Justica Eleitoral.

-Justica do Trabalho.

-Tribunais e Juizes Estaduais.

E ainda faz parte do / poder político, ou Estado, os Governos Estaduais e / seus respectivos legislativos, as Prefeituras e / Câmaras Municipais.



# 2. QUEM PAGA OS GASTOS DO ESTADO?

Veta como tudo recai-' sobre os ombros dos traba lhadores:

Imposto no preço das mercadorias:

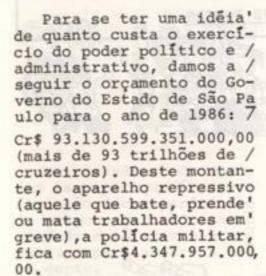
- ICM 17%.

- IPI de 2 a 20%.

- ISS de 2 a 20% sobre o' valor do ser vico.

- Imposto Sindical = um / dia por ano. - INPS de 8 a'

8.5%.



A Prefeitura Munici-' pal de Campinas tem para' gastar neste ano um orçamento de Cr\$1.124.514.500. 000,00 e deste,cCr\$32.500. 000.000,00 são para custe ar os 19 vereadores. Faca as contas quanto isto da' de mordomia a cada um por mês?

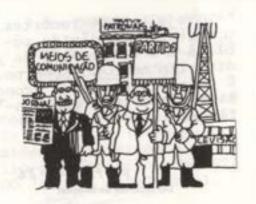
Veja, nestesrecortes.' o montante da divida publica e a fabricação de / dinheiro novo do Governo. É consenso entre os econo mistas que isto gera in-T flação.

## FSP 21-2-86 Da Sucursal de Brasília

O Banco Central divulgou ontem, através de seu boletim mensal, os números oficiais do déficit de caixa das autoridades monetárias em 1985: Cr\$ 74,72 trilhões, equivalente a 5,5% do Produto Interno Bruto, estimado em Cr\$ 1,36 quatrilhão no ano passado, contra 4% do PIB em 1984. Os encargos financeiros corresponderam a 79,1% do total do déficit de caixa e, em 1985, o setor público pagou Cr\$ 53.8 trilhões de encargos da sua divida liquida de Cr\$ 1,1 quatrilhão, com emissão da moeda ou novos títulos públicos.

FSF 2-4-86 O Banco Central deverá ser autorizado pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) a emitir Cz\$ 65 bilhões neste ano, Cz\$ 55 bilhões além do limite legal,





#### PARA DISCUTIR-

- 1- Qual a função do Estado no Brasil?
- 2- Em que sentido ele rea liza o bem-comum?
- 3- Como deveria ser?

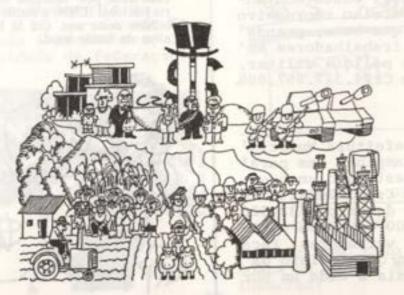
79 ENCONTRO

CONJUNTURA BRASILEIRA OU

CORRELAÇÃO DE FORÇAS

#### INTRODUÇÃO:

Nos encontros anteriores, caracterizamos (bem) a estrutura sócio-econômi ca e política da sociedade brasileira.



Vemos, neste desenho, a estrutura social capitalista com seus componentes mais ou menos está-' veis: a economia, a produ ção, o Estado, as classes sociais, a cultura, etc.

1. Neste encontro va-'
mos ver a correlação de /
forças (ou poderes) que-'
estão em jogo neste momen
to no Brasil. Estudar cada momento desse jogo das
forças sociais e políti-'
cas é fazer ANÁLISE DE -'
CONJUNTURA.



Na verdade, todo mundo faz isso por que é essencial não ficar perdido:to do grupo organizado na so ciedade está atento à con juntura para jogar na hora certa.

Numa análise de conjuntura, é preciso ter sem-T pre em mente a ESTRUTURA' e, a partir daí, ver a cor relação de forças. Esta é verificavel nos Acontecimentos e nos atores que / as provocam. Verificar o' que muda esses acontecimentos e que grupo ou que classe ganha ou sai per-' dendo.

Já vimos quais são as' forças mais em evidência, no 59 encontro, quando ci tamos aqueles seis pode-Tres que agem atualmente / no Brasil. Falamos também que o Estado é uma forma' privilegiada de poder, por que representa a organiza ção da sociedade, e além 7 disso, legitima os outros poderes.



Portanto, o Estado atu al, a "Nova" República, es tá no centro dessa correlação de forças e por meio dela se articulam os / poderes, ou se desarticulam outros poderes, con-' forme os interesses no jo go de alianças ou de confrontos.



2. A questão central:'
"Nova" República, o que €

É o grande conchavo da burguesia e seus partidos políticos: A "Aliança Democrática" (PDS, PMDB, PFL," PTB, PCB e PC do B). Esta / "Aliança" recebe o poder' de Estado transferido pelos militares aos civis.



- 2.1.- Quais são os ob jetivos da "Nova" Repú-T blica?
- a) Atender mais amplamente aos interesses econômicos dos vários setores da burguesia, pois a Ditadura vinha privilegiando mais o Capital Financeiro Mundial (poder 1), e o Capital Industrial / Transnacional (poder 2). (esta numeração correstiponde aos do 59 encontro)
- b) Rearticular politicamente a burguesia, implo dindo parcialmente o PDS, partido identificado com a ditadura. Isso dá uma' fachada nova ao poder de Estado (poder 3).



c) Conter as forças de' oposição ao Modo de Produção Capitalista, identificados no PT e na CUT (poder 6).



d) Imprimir uma política <u>Populista</u> e <u>Nacionalista</u> <u>com muito</u> assistencialis mo para ganhar o apoio 7 das massas (poder 4).



3. A "NOVA" REPUBLICA' E O PACOTE ECONÔMICO"

Decorridos pouco mais'
de um ano de sua implanta
ção a "Nova" República se
vê obrigada a redefinir o
Quadro Conjuntural. Como'
se dá isso?

- Vamos seguir os rastos dos Acontecimentos: A bril de 85: Morte de Tancredo e posse de Sarney ( ex-presidente do PDS). Ma io/85: Greve defraudando a bandeira de 40 horas e' trimestralidade; Janeiro' e Julho: Congresso de Sem Terra e da Contag(Congres so de Trabalhadores Rurais); Setembro: Greve Na-' cional vitoriosa dos bancarios, coordenada pela / CUT; Novembro: Eleições / nas Capitais e algumas ci dades com explêndido cres cimento dos partidos PT e PDT, os únicos de oposicão à Aliança Democratica, conquistando 25% do total dos votos; Jan/86: o Presidente Sarney contempla' o PFL com seis ministerios que abocanham 2/3 do / orçamento da União; isto' provoca crise no PMDB que ficou com 21 ministerios' e 1/3 das verbas. Estes a contecimentos e o crescen te descrédito no Governo levam a uma eminente de-' sintegração da Aliança De mocratica.

Fevereiro de 1986; de cretado o "Pacote Econômio" (Decreto Lei 2283).



Verifique que estes vá rios acontecimentos levam a um quadro geral, de des moronamento das forças de sustentação da "Nova" República.



O "Pacote" foi mais que um "acontecimento", mais' um elemento redefinidor / do Quadro. Ele insidiu no econômico, mas o objetivo foi eminentemente político: -o de salvar a Aliança Democrática, reorientando as vantagens políticas e econômicas entre os aliados.

2

O "Pacote" trouxe terríveis danos para os assa
lariados, mas ele se mantém na aceitação popular.
Por que isto acontece? -É
aqui que entra o poder 5,
os Meios de Comunicação /
Social. É a força de controlar o comportamento do
povo, forjando a opinião'
pública, conforme os inte
resses capitalistas.

#### PARA DISCUTIR

- 1- Que novo "Acontecimento" está influindo no' "Quadro"?
- 2- Que perspectivas você' vê para o movimento 0perario?
- 3- Que perspectivas você' vê para as forças popu lares nas eleições do Congresso Constituinte

89 ENCONTRO

# NOSSAS FORÇAS E OS DESAFIOS PARA 86

Nos sabemos que os tra balhadores têm uma força muito grande na sociedade. È o nosso trabalho que -/ sustenta a econômia e move o país. Sem o nosso -' trabalho, não existe o lu cro para o capitalista -7 nem o imposto para o Esta do de burocratas e genera is.

Será que esta força to da que os trabalhadores 7 tem na vida econômica do' país é também uma força-' política?

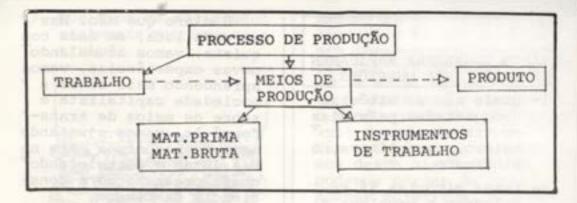
QUAL É A NOSSA FORÇA '
POLÍTICA?

(converse isto com seus / companheiros durante 10 ' minutos) Muitos entendem que a' força política dos trabalhadores é a força numéri ca, do voto. Outros acham que a força política dos' trabalhadores é a de pres sionar o Estado burguês 7 para resolver alguns dos' nossos problemas. É isso. Mas será que é só isso?



A MISSÃO HISTÓRICA DOS TRABALHADORES

Vamos recordar o qua-' dro que vimos no 2º encon tro.



Nada acontece nesta socie dade sem que os trabalhadores coloque sua força / de trabalho e ação.

Nada acontece nesta so ciedade sem que os trabalhadores coloque sua força de trabalho e ação.

Daí é que vem nossa -' força política = a classe trabalhadora e capaz de realizar a transformação' na raiz do sistema capita lista. Somos os únicos ca pazes de eliminar a explo ração e a dominação que a burquesia nos impõe, eliminando a propriedade pri vada dos meios de produ-T cão e construindo uma nova sociedade, em que nos' decidiremos prá quê e como usarmos os meios de -' produção e nossa força de trabalho. Em outras palavras, uma sociedade socia lista, em que o trabalhador não mais sera roubado de si o fruto de seu trabalho.

## COMO CHEGAR LA ?

Não há uma receita pron ta, como se fosse um bolo o rumo é indicado a cada' momento, pela organização que nos conseguimos criar nas lutas destes anos todos.

É preciso enfeixar todos os ramos da organização da classe trabalhadora e nosso passado de lutas:

Tudo isso junto na dis cussão de nossas experiên cias, é que nos mostra o caminho para o socialismo. Não podemos achar que nos sa luta termina com peque nas conquistas. Ela so - termina com a vitória da classe trabalhadora.



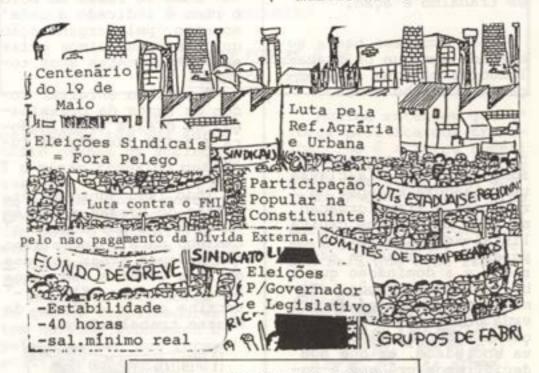
2

## VAMOS CONVERSAR RAPIDAMEN TE SOBRE ESTA QUESTÕES.

- l- Quais são as vitórias'
   conquistadas pela clas
   se trabalhadora: no'
   bairro, na política, no
   sindicato,...?
- 2- Essas vitórias já re-' solveram o problema da classe trabalhadora? (10 minutos de papo)

É claro que não. Mas / em cada luta, em cada con quista, vamos acumulando novas experiências, vamos aprendendo mais sobre a / sociedade capitalista e sobre os meios de transformá-la, vamos ajuntando mais companheiros para no vas lutas e fortalecendo nossa organização e consciência de classe.

É preciso a gente pensar bem nisto porque va-' mos enfrentar um ano de / muitas lutas:



VAMOS AGORA DISCUTIR ES-' TES ASSUNTOS:

1- Como nós e nossa comunidade podemos partici par destas lutas de 7 1986?

2- Em que estas lutas podem ajudar a luta dos trabalhadores avançar? 3- Que tipo de sociedade' realmente queremos cons truir?



RECADO FINAL: Este ano co memoramos os 100 anos do Dia Internacional de lu-' tas dos Trabalhadores, o' 10 de Maio. Há um século, os trabalhadores de todo' o mundo comemoram a sua / luta contra a exploração, Nós cristãos, participa-' mos desta história. Não / podemos perder de vista ' nossos objetivos: a construção de uma sociedade ' justa e fraterna, anúncio do Reino Definitivo.

( 99 ENCONTRO )

# PASTORAL OPERÂRIA

A Pastoral Operária é' um serviço da Igreja na / evangelização da Classe ' Operária.

O objetivo principal é a libertação da explora-'ção Econômica e da opressão Política e Jurídica e ainda a dominação Ideológica exercida pelos detentores do Capital.

Com essa finalidade a'
P.O. reúne trabalhadores'
para conversar sobre a -'
sua situação e suas lutas,
e juntos encontrar cami-'
nhos de solução. Para que
isto seja possível, segui
mos um método: VER - JULGAR e AGIR.

Vamos ler um trecho da Biblia e perceber nele es te método;

Exodo Cap. 3, 7-14.

(dinâmica após a leitura)
15 minutos em grupos '
de cochicho com a seguintes perguntas:

- 1- O que Deus viu?
- 2- O que Deus ouviu?
- 3- Deus tomou conhecimento da situação. Como ' Deus Julgou?

\* OUT'R

(recomendações: Se você '
ainda não conhecia este /
trecho, faça um esforço e
leia o Livro do Exodo inteiro, pois ele narra a '
libertação e a formação do
Povo de Deus na terra de'
Canaãl

Em seguida vamos ver o Filme " CAIU EM TERRA ' BOA "... trata-se da se-' mente que Jesus semeia.

Vamos antes, ler o tex to: Evangelho segundo Mar cos 4, 1-9.

Procure ver no filme, 'que classe representa esses diversos tipos de ter reno.

E qual é a classe que' de fato constrói o Reino, produzindo 100 por 1, ou como vimos no Exodo, acei ta ser enviado por Deus 7 para a libertação do povo.

(apos o filme)



# A FUNÇÃO DA PASTORAL OPERÂRIA

- Unir fé com a vida dos' trabalhadores.
- Julgar a realidade do / Mundo do Trabalho a par tir do Projeto de Deus com o auxílio das Ciências Sociais.
- Agir incentivando for-' mas de organização dos' operários.

SEVOCÉ ENTENDEU

O ENCONTRO, E

GOSTOU MUITO.

ACHOU QUE E

POR AI

COMECE A ORGANIZAR

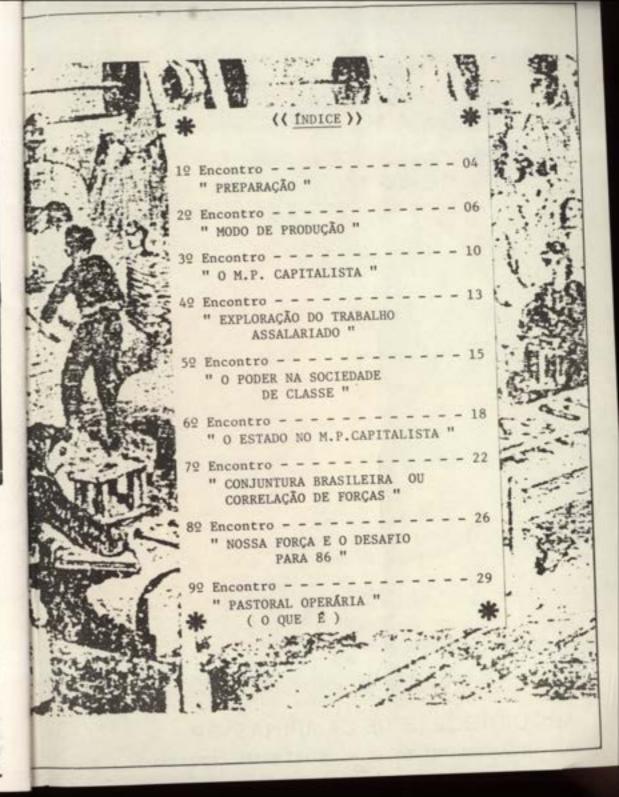
NO LOCAL DE MORADIA,

DE TRABALHO, EM.

CASA, COM OS AMIGOS

E, ATÉ A VITORIA!

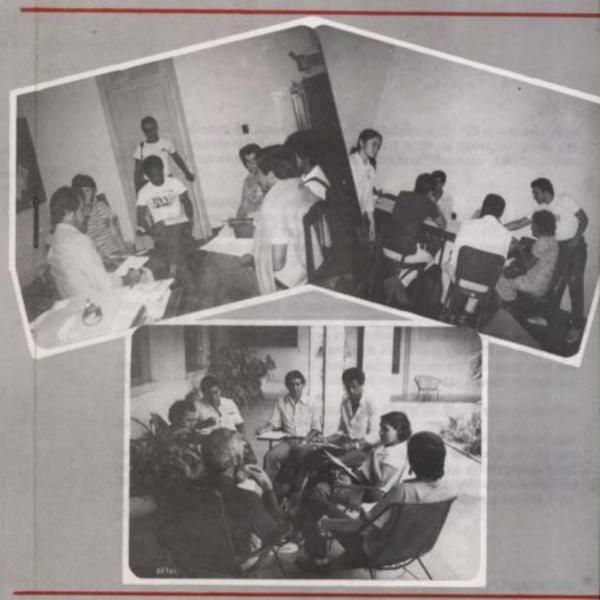




# GRUPOS DE BASE

ELABORADO NA VII ASSEMBLÉIA NACIONAL

DIAS: 2-3-4-12-88



COMISSÃO PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL

# **APRESENTAÇÃO**

Os Grupos de Base fazem parte da esséncia da PO desde seu nascimento. Na Maioria dos lugares a PO cresceu a partir da formação destes grupos. Eles se constituem como lugar previlegiado do despertar dos trabalhadores para:

a solidariedade e consciéncia de classe;

 assumir e refletir, impulsionados pela sua fé o compromisso è luta como trabalhadores;

celebração e aprofundamento da nossa té, isto é uma ligação permanente entre a fé e o engajamento — vida.

Podemos dizer que é através especialmente do Grupo de Base que o trabalhador se toma sujeito de sua história. Ai acontece a formação básica, o despertar da sua cidadania enquanto cristão comprometido com a construção da Nova Sociedade; entendida como uma antecipação do Reino de Deus.

Os Grupos de Base são a primeira Prioridade de 1989 de toda a PO nacional. Isto por termos avaliado que na atual conjuntura, esta seria uma das melhores contribuições à luta dos trabalhadores e a nossa missão evangelizadora.

Com a intensificação do trabalho no Grupo de Base estamos aprofundando ainda mais estes compromissos.

O presente texto é fruto de amplo debate realizado em todos os cantos do país e foi aprovado na VII Assembléia Nacional realizada em dezembro/88, com o objetivo de definirmos minimamente o que entendemos como Grupo de Base na PO. É um texto que pretende sistematizar nossa prática acumulada até o momento. Por isso, o consideramos dinámico e sujeito a novas reflexões e definições.

Born proveito!

# GRUPOS DE BASE

# INTRODUÇÃO

A PO já tem uma longa caminhada e rica experiência. Nestes últimos anos multiplicaram-se os Grupos de Base em todo o Brasil. Por isso, sentimos a necessidade de fortalecer o trabalho dos Grupos de Base.

O texto que segue corresponde à essa busca de maior enraizamento da PO. Foi discutido, corrigido e enriquecido em várias reuniões da Coordenação Nacional e Assembléias Estaduais. Foi aprovado na forma atual na VII Assembléia Nacional, em dezembro de 1988.

Esperamos que ele favoreça o crescimento da PO, de cada um dos grupos e membros, através da troca de idéias e experiências.

### I-O QUE É UM GRUPO DE BASE?

- O Grupo de Base é uma organização de trabalhadores cristãos para ser presença da Igreja no Mundo do Trabalho, e presença dos trabalhadores na Igreja. Para ela os grupos trazem as riquezas da Classe Trabalhadora. Fazem isto participando nas suas próprias comunidades, trazendo suas experiências.
  - 2. Os membros de um Grupo de Base são diversos, isto é uma riqueza e um desafio para o bom funcionamento de um grupo. Alguns já têm experiências e compromissos nas CEBs, nos sindicatos, partidos e movimentos populares. Outros ainda não têm engajamento particular. Todos devem, de alguma forma, participar da vida do grupo.
  - Os membros de um grupo podem ser de uma mesma paróquia ou comunidade. Podem também ser membros de uma mesma fábrica, de um mesmo local de trabalho, de uma mesma categoria ou mesmo de categorias diferentes.
  - 4. O Grupo de Base tem caráter eclesial e ecumênico.

#### **II OBJETIVOS**

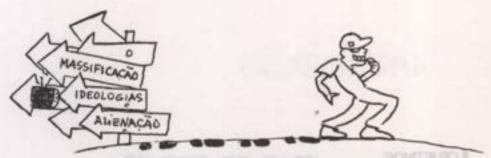
#### a) Enquanto Grupos de Base

- 1. Assumir na prática os objetivos gerais e específicos da PO.
- 2. Ser espaço para os trabalhadores trocarem experiências das diferentes dimensões das suas vidas e afetividade, Isto é, refletir, analisar e aprofundar estas experiências; celebrar junto a vida na fé; atuar em vista de uma nova sociedade, construída por homens e mulheres novos. Isto constitui a revisão de vida operária.
- Tornar-se aos poucos um grupo de companheiros(as) e amigos(as), uma verdadeira comunidade comprometida com a classe trabalhadora e com a Igreja.
- Ser a instância principal que fundamenta a PO, sua base. Todos os membros da Po, em qualquer nível, devem participar de alguma forma da vida de um Grupo de Base. Deve ser o lugar privilegiado de integração na PO.

## b) Em relação a seus membros

#### Ajudá-los a ser:

- Autónomos, capazes de participar e decidir o seu futuro pessoal e coletivo, sendo portanto sujeitos de sua história.
- Solidários e comprometidos com a classe operária, amigos(as) e companheiros(as) de todos os trabalhadores do mundo oprimido, participando ativamente das suas lutas transformadoras.
  - Conhecedores da história de luta da classe operária lida à luz da Palavra de Deus; conhecedores da vida e proposta libertadoras de Cristo, enraizados na experiência da fé e vida cristás numa comunidade.



 Criticamente conscientes da realidade da classe trabalhadora, que capacite a elaboração conjunta de um projeto alternativo vivenciando desde já o mundo novo que queremos construir.

#### III - COMO PROMOVER GRUPOS DE BASE

 Pistas para começar Grupos de Base, embora não exista uma única maneira de se iniciar um Grupo de Base.



- a) Desenvolver um trabalho de massa é importante para atrair e motivar a partipação nos grupos: filmes, lazeres, celebrações, atos da vida operária, 1º de Maio, manifestações, festivais, shows, romarias, semanas dos trabalhadores etc.
- b) Convidar trabalhadores(as) sensíveis e interessados pela PO e que provavelmente assumirão o compromisso de participar do grupo.
- c) Fazer visitas prévias às pessoas para despertar confiança, aproximação, amizade... passar boletins, convites para alguma atividade. Estas visitas devem ser planejadas e preparadas.

- d) Já aparece aqui o papel destacado do(s) animador(es) e/ou coordenadores de grupo de reunir pessoas para começar um novo grupo.
- e) Na medida do possível, buscar evitar grandes diferenças nos níveis de experiência.

#### 2. Continuidade

- a) Continuar um grupo é mais exigente do que começar. Os membros vão continuar a participar e a se envolver na medida que encontram nas reuniões de grupo respostas aos questionamentos e aspirações de sua vida pessoal, como trabalhador e crente.
- b) Uma boa periodicidade para as reuniões parece ser duas vezes por mês. Cada grupo verá quais as possibilidades dos membros e qual a melhor periodicidade.
  - c) É importante que os grupos sejam espaços de celebração onde, à luz da Biblia, ida, refletida e rezada, os membros possam crescer na fé cristá ligada à vida. Háo de encontrar uma linguagem e símbolos próprios da vida dos trabalhadores nas celebrações e nas orações das nossas reuniões.



d) Num Grupo de Base, os membros devem encontrar espaço não só para tratar das questões sociais, econômicas, políticas e sindicais, ou do trabalho, mas também de todas as outras dimensões de sua vida: do bairro, da família, da vida afetiva, da Igreja (sua participação na comunidade, da fé e espiritualidade).

#### IV - COMO FUNCIONA UM GRUPO DE BASE

#### Dos participantes:



- a) Um bom número parece ser de 5 a 15 pessoas para favorecer a participação de todos. No começo talves haverá mais, pois alguns não continuarão.
- b) É importante ser a caminhada de um grupo ligada às experiências de seus membros. Para isso, a revisão de vida operária se revela fundamental. As reuniões de RVO se alternam com as de estudo e formação. Não se consolida um grupo apenas com as reuniões; precisa-se de festas, confratemizações, celebrações, lazeres. A RVO e os estudos devem desembocar também na ação pessoal e coletiva, seja na comunidade, no bairro, no sindicato, no partido. Esta mesma ação (junto com outras experiências e práticas de vida) deve ser avaliada na RVO, e celebrada.



c) Para que um grupo se consolide é importante seja a sua caminhada a partir das experiências das pessoas, respeitando os níveis de consciência e engajamento de cada uma. Isto é um desafio, dada a diversidade dos membros. Depende muito do jeito do animador o favorecer a expressão e participação de cada um.



#### 2. Da Coordenação

- a) Na caminhada dos Grupos de Base destaca-se o importante papel do coordenador (ou de uma coordenação de três ou quatro pessoas, que se sintam responsáveis pela boa caminhada do grupo. Tanto a caminhada global deve ser planejada (articulação equilibrada entre reuniões de RVO, de formação e atuação), como cada reunião precisa ser preparada. O Coordenador (pesoas ou grupo) cuida da participação de todos os membros: encoraja e estimula o conjunto do grupo, visita quem se ausenta, busca formadores quando, necessário, preocupa-se com a participação do grupo na pastoral de conjunto etc. A formação de coordenadores de Grupos de Base deve ser uma das principais prioridades para multiplicar e fortalecer os grupos.
- b) O coordenador (individual ou coletivo) deve articular sua função com a dos animadores das reuniões, do agente, do tesoureiro. As funções e tarefas para o bom funcionamento de um grupo são muitas e diversas; sejam repartidas entre os membros, embora articuladas pelo coordenador.
- c) O bom funcionamento dum Grupo de Base resulta da qualidade das reuniões preparadas, disciplinadas e avaliadas. Para isto, parece importante: (1) sempre referir-se aos objetivos e propostas que devem ser esclarecidos e aprofundados, para não se cair no espontaneismo ou no ativismo desmobilizado-

res; (2) conhecer melhor e saber usar a RVO; (3) aprofundar o método de reflexão e ação (PTP), o que não exclui o mais tradicional método (VJA). Para o Grupo de Base caminhar, é fundamental que haja algum companheiro ou companheira para acompanhar e animar. Um acompanhante que saiba respeitar a caminhada do grupo. Que tenha sensibilidade para perceber a trajetória do grupo; compreenda e respeite a origem de cada companheiro(a); saiba criar formas de relacionamento para ajudar a integração do grupo.



#### Da Articulação

- a) Para os Grupos de Base caminharem, é de muita valia uma instância para discutir a vida e a caminhada dos grupos. Ela tem a tarefa de ficar atenta a tudo o que diz respeito à vida dos Grupos de Base. Ela se encarregará de ver, por exemplo, qual o melhor subsidio para tal momento da vida do grupo.
  - b) É importante criar espaços onde os Grupos de Base se encontrem no seu conjunto para confrontar experiências. Este espaço pode ser um encontro de todos os grupos ou representantes de grupos para uma confraternização, onde haja um momento de formação, de troca de experiências, de celebração. Além disso, é importante a coordenação estar atenta para criar espaços mais amplos, massivos, onde se coloca a questão do mundo operário. Um bom exemplo disso são as romarias urbanas como as do Rio Grande do Sul e São Paulo; igualmente as celebrações dos mártires como no Paraná.

VII ASSEMBLÉIA NACIONAL DA PASTORAL OPERÁRIA Rio de Janeiro, 2-3-4 de dezembro de 1988

# DOCUMENTO-40-CNBB (TEXTOS PARA REFLEXÃO)

- 133 A Igreja do Brasil, fiel à sua missão de Evangelização, não pode deixar de refletir a complexa situação do trabalho no país, es pecialmente, neste momento brasileiro.
- 143 O aviltamento dos salários e das aposentadorias, a péssima distribuição de recursos, a falta de uma Política social coerente, geram condições de vida cada vez mais desumanas nos bairros populares, favelas e cortiços. As famílias se desfazem, as crianças são entregues à rua.
- 146 Hoje, uma das principais causas da situa ção de injustiça dos nossos trabalhadores e do crescente e inaceitável empobrecimento do povo é, certamente, a dívida externa brasileira.
- 147 Nessa sociedade injusta e conflitiva constatamos, com alegria, a existência de uma classe trabalhadora que, ao longo dos anos, fazendo frente a opressão, fortalecendo su as associações, sindicatos, outras organizações próprias, vem construindo sua liber tação.
- 168 O aviltamento da pessoa humana, através de condições indignas de trabalho, diminui as possibilidades de uma vivência da espiritualidade do trabalho. O cristão que atra vés das organizações, associações e sindicatos, se compromete com a humanização das condições de trabalho contribui para tornar possível a vivência dessa espiritualidade.

AIGREJA NA GREVE DOS METALÚRGICOS SÃO BERNARDO — 1980

Debate

A IGREJA NA GREVE DOS METALÚRGICOS SÃO BERNARDO — 1980\*

PRÓLOGO: Muito se tem dito e escrito, ultimamente, sobre as relações da Igreja com o movimento operário no ABC. Mas poucas vezes os verdadeiros personagens dessa história têm tido a oportunidade de contar como ela ocorreu. Este é um documento que pretende dar vez e voz a operários e padres que participaram da campanha salarial e da greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, em 1980. Ouvimos, para isso, durante quatro horas, nos dias 26 e 28 de junho passado, o depoimento de oito operários católicos e de dois religiosos da cidade.

1.º Ato

A Campanha Salarial

P.: Como foi a greve aqui no ABC? Como foi a participação do trabalhador e da Igreja Católica?

Pedro: Antes de decretar a greve, começou a campanha salarial. A diretoria do sindicato, junto com a Comissão de Salários, sentiu a necessidade de criar o debate, o mais amplo possível, da pauta de reivindicações. A Igreja, então, começou a participar. Uma das coisas que contribuiu bastante foi que o sindicato percebeu e reconheceu o trabalho das comunida-

As entrevistas foram realizadas por Heloisa Helena T. de Souza Martins, Henrique Pereira Júnior e Carlos Alberto Ricardo. A responsabilidade pela redação do documento é de Heloisa Helena T, de Souza Martins.

des da Igreja, por exemplo, em cima da greve de 1979. Após a greve de 1979, diversas comunidades solicitaram pessoas do sindicato para fazer uma avaliação da greve. Começou um despertar em determinados bairros, pessoas e grupos de trabalhadores que discutiam, que lutavam com os problemas do bairro etc. O sindicato viu, então, a necessidade de encontrar com os trabalhadores também nesses locais. Para discutir, o mais amplamente possível, a pauta de reivindicações, o sindicato fazia reuniões na sede do sindicato, por empresa, onde se discutia a pauta e se tirava os delegados para a comissão de salários. Além dessas reuniões por empresas, o sindicato começou a participar de reuniões em bairros, em sociedades amigos de bairro, em paróquias. A gente la com filmes, slides, fazendo palestras, discussões sobre a pauta de reivindicações. A posição da diretoria do sindicato era, inclusive, de que esses debates nos bairros fossem mais em sociedades amigos de bairros e não em Igrejas, porque achava que lá haveria trabalhadores crentes e tal, não é? E eu sempre briquei um pouco, desde a campanha do ano passado, para que se fizesse isso e que não se colocasse a questão, "não, porque é Igreja Católica". Eu acho que onde houver uma porta aberta, vamos fazer o debate, se houver trabalhador; e se o crente não vai ali, vai depois na sociedade amigos de bairro. Eu tive algumas experiências, em alguns bairros onde a gente foi fazer essa discussão e o interessante que eu notei ai é que quem la mais nesses debates eram as donas de casa. Uma das preocupações que a gente tinha, junto com a diretoria, era de que a questão da campanha salarial tinha que ser um debate com as donas de casa, inclusive, porque no caso de greve, elas teriam que assumir, junto dos maridos, a luta. Foi uma coisa impressionante, então, como as donas de casa participaram. E eram aquelas donas de casa que iam à Igreja, rezavam aqueles treços, de trás para frente, da frente para trás etc. e tal, mas foi um debate assim muito rico. Eu acho que al a Igreja começou a ter uma participação efetiva dentro do movimento. Por outro lado, nesses próprios lugares que a gente la, eles já começavam a se organizar em termos de uma possível greve, no sentido de tirar comissões para arrecadar fundos de greve, arrecadar alimentos, comissões para piquetes etc. Isso tudo era feito dentro da Igreja. E esse pessoal da Igreja, em todos os tipo de atividade que as comunidades de base têm, mesmo que não seja diretamente a Pastoral Operária, dentro de suas discussões, de suas reuniões, passaram a discutir a questão da campanha salarial. As donas de casa, clubes de mães, qualquer outro tipo de coisa assim,

que tinha uma participação na Igreja, começou a discutir a questão da campanha salarial. Eu acho que esses grupos de base não só começaram a trabalhar em torno da greve, mas eles começaram a se ampliar em torno deles, porque estavam fazendo uma coisa que atendia uma realidade que nós estávamos vivendo na hora. Todo mundo falava na campanha salarial e a possibilidade era de greve mesmo. A saída era uma greve mesmo.

#### P.: Por quê?

Pedro: Bom, porque nós tínhamos uma pauta de reivindicações. Dentro dessa pauta nós tínhamos alguns itens que nós conquistamos em 79, mas a maioria dos itens, por exemplo: delegado sindical, jornada de 40 horas, nós sabíamos que numa boa não iriamos conseguir, que os patrões estavam mais do que preparados para não dar isso mesmo. A gente, então, discutia e cada vez que lamos aprofundando essa discussão a gente la percebendo a necessidade maior dessas reivindicacões. Por exemplo, a questão do delegado sindical era uma necessidade que precisava ficar bem clara na cabeça do trabalhador. O sindicato tinha problemas em determinadas firmas, já desde 77 e 78, toda semana havia greve em São Bernardo; duas, três fábricas em greve. Essas fábricas que entravam em greve tinham problemas específicos lá dentro, por exemplo, como higiene, o pessoal ter que almoçar dentro do banheiro porque não tinha refeitório, ou então almoçar em cima de uma máquina, problema de salário, de insalubridade, de uma série de coisas. Na medida em que o sindicato vai se dispondo a participar da luta mesmo, e não ser simplesmente um prédio al para ter médico e dentista, mas para assumir a luta do dia-a-dia do trabalhador, o trabalhador entrou e velo trazer esses problemas para o sindicato. Mas o sindicato não tinha muita força, porque não tinha gente dentro das fábricas, porque são 600 e poucas empresas e são só sete pessoas que estão no sindicato e que não têm condições. Então, em cima dessa discussão, desta necessidade de luta, a gente foi vendo a necessidade de um delegado sindical; que cada empresa dessas tivesse um delegado sindical. Hoje, para o trabalhador, é um negócio importantíssimo o delegado sindical, a questão da estabilidade de emprego, a garantia do emprego - para nós isso é uma coisa fundamental. Você vê, durante essa greve aqui, nós aceitávamos o reajuste de 7% acima do índice, desde que a gente tivesse um ano de garantia de emprego, porque para nós a garantia de emprego é um negócio importantíssimo. Por exemplo, eu estou desempregado, vou procurar serviço, me oferecem um salário menor do que eu ganhava antes, quer dizer, nem o reajuste eu pego. Quer dizer, é uma maneira das firmas rebaixarem o salário. A gente, então, tendo a garantia de emprego, assegura pelo menos o reajuste. Essas questões ficaram muito claras e nós sabemos que só lamos conquistar estas reivindicações se fizéssemos greve mesmo. Aliás, foi uma greve de 41 dias e não conseguimos nada. Acho que toda essa discussão, todo esse trabalho que foi feito, ou partindo dos sindicatos, ou partindo das própria comunidades de base, foi uma grande contribuição que se deu antes da greve. Uma das orientações que se tirou em cima desse trabalho todo que a gente fez nos bairros foi de que se os sindicatos sofressem intervenção, se não houvesse possibilidade de se fazer reunião na Vila Euclides ou no Paço Municipal, a tática era ir para as Igrejas. Porque a gente sabla que a maioria das Igrejas nos receberia de portas abertas. Havia, inclusive, uma relação que eu peguei na diocese, das Igrejas que em outras épocas ou durante a campanha salarial abriram as portas e daquelas que fecharam as portas. Essa relação foi muito boa. A gente falava: "tal Igreja lá, não vai não, que o Padre lá é fogo", "o Padre de lá é reaça". Um fato que aconteceu no ano passado, durante as intervenções: tinha um filme da greve, a gente estava passando o filme em uma Igreja, chegou a hora da missa e não tinha tomada para ligar e o padre mandou parar o filme para fazer a missa. Al a turma ficou puta da vida e dizia: "Pô, que Igreja é essa aqui! Val fazer a missa em vez de passar o filme". Tinha, então, essas coisas dentro dessa Igreja, padres que eram contra o nosso movimento. Mas, por outro lado, na maioria das Igrejas a gente levava os boletins e no outro dia já estava tudo distribuído. Essa é a participação da Igreja. Algumas Igrejas que eu conheço, que desenvolvem uma série de atividades, passaram a discutir, como eu coloquei, a questão da greve. Se passam a discutir a questão da greve, essa discussão é levada dentro das fábricas. Então quer dizer, há, passa ai, um trabalho, inclusive, não só de sindicatos, não só de movimentos políticos, que existem, que também fazem uma militância dentro da fábrica, mas também de cristãos ligados ao movimento da Igreja que fazem esse trabalho dentro das tábricas e para mim isso é fundamental. Quer dizer, o que leva, por exemplo, São Bernardo a ser São Bernardo não é simplesmente a cara do Lula, mas é um trabalho efetivo dentro das fábricas. Para mim é fundamental que cada vez mais tenha trabalhador consciente, seja ligado à Igreja e que leve uma reflexão mais no sentido de Igreja, seja o pessoal de grupos políticos que levam uma reflexão mais política. Mais política, que eu digo, não é que o cara do movimento político é mais político do que o cristão, do que um cara da Pastoral Operária, mas é que ele vê as coisas por outro ângulo. Acho que muitas vezes o da Pastoral Operária faz um trabalho mais político, porque ele aprofunda muito mais dentro das questões. Ele não vê simplesmente a questão reivindicatória, a questão do poder, mas ele vê uma questão da sociedade muito mais profunda, não é? Eu acho que todo esse trabalho se deu na medida em que esses grupos, não só de Pastoral Operária, mas de JOC (Juventude Operária Católica), de ACO (Ação Católica Operária), começam a atuar também dentro das fábricas. Aí então, eu acho que a Igreja tem uma participação viva do homem, do trabalhador dentro das fábricas.

P.: O que levou a Igreja a abrir as portas? Foi uma decisão da hierarquia, do bispo ou foi a participação e envolvimento dos trabalhadores na Igreja?

José: Eu acho que foi simplesmente uma consciência do próprio D. Cláudio, como Bispo diocesano. Se a Igreja assumiu, escolheu o caminho a seguir, que é de dar apoio aos necessitados, aos pobres, que é o caminho que Deus escolheu, o D. Cláudio fez uma coisa super-consciente. A Igreja é o povo de Deus. A Igreja é povo, então, nós temos que acompanhar o povo onde ele estiver. O povo está se organizando para a campanha salarial? Então a Igreja, através da Pastoral Operária, deve trabalhar junto, dando apoio para eles, incentivando-os, orientando-os enquanto Igreja.

Frei Beto: Olha, eu só queria dar uma informação al para vocês. A organização da Igreja junto ao movimento operário aqui no ABC é anterior a 1964. Desde a época de D. Jorge Marcos.

P.: A impressão que se teve é que foi nessa greve, em 1980, equi no ABC, que a Igreja começou a participar.

Frei Beto: Não, não é correta essa observação. No ano passado houve também a participação da Igreja nas negociações, fazendo parte, durante a intervenção, da comissão de negociações.

Pedro: Como o Frei Beto falou, Dom Jorge foi considerado o primeiro Bispo no Brasil a falar sobre a classe operária. Foi antes de Dom Cláudio. Inclusive, quando se coloca a questão

de D. Cláudio, há um fato interessante; eu o conheci logo que ele velo para cá. D. Cláudio velo lá do Rio Grande, parece que ele era reitor de um colégio lá, uma coisa assim. Ele não entendia patavina de operário. Quando ele chegou aqui na diocese, em 1975, tinham os cursilhistas que naquela época bastante eram fortes, tinha o pessoal de JOC, que era eu, o Daniel. Tinha o pessoal de Pastoral Operária, da ACO e tal. E nós nos perguntávamos: "E esse cara como é que é?". O D. Jorge nessa altura já estava para se aposentar e já não estava assumindo muitas coisas, não é? Quando nós começamos a conversar com D. Cláudio, a colocar o trabalho que a gente estava desenvolvendo em termos de movimento operário, ele começou a comparar esse nosso trabalho com a realidade que se colocava aqui no ABC, que era um ABC de fábricas e trabalhadores, de operários, né, e viu que a diocese tinha que trabalhar em uma linha que representasse um pouco a realidade das coisas. D. Cláudio tem uma capacidade muito grande, uma inteligência muito grande, e começou a assumir isso de uma maneira que, inclusive, surpreendeu a gente. Eu me lembro, por exemplo, em 1976 eu trabalhava na Ford e eles queriam reduzir a jornada de trabalho dos trabalhadores, inclusive o salário. D. Cláudio me chamou para perguntar como estava a situação na Ford. Um jornalista foi entrevistá-lo e quem fez a nota para a imprensa fomos nós e ele assinou, porque naquela época ele não conhecia muito bem a situação do trabalhador. Ele era uma pessoa, e é uma pessoa, que assume. Se a gente disser que nós precisamos fazer isso e isso, e pede que ele faça com a gente, ele discute e assume com a gente. É um cara que se posiciona em cima do que a gente pede e a participação dele nessa greve, por exemplo, foi na medida em que a gente solicitou a participação dele.

P.: Vamos voltar, então, àquela questão inicial — como foi a campanha salarial?

José: A greve, como o Pedro falou, começou seis meses antes. Nós começamos a mobilização da categoria com reuniões, cinco ou dez reuniões por fábrica, lá no prédio do sindicato. Cada colega que assistia à reunião ajudava a organizar mais ou menos a pauta de reivindicação que o sindicato la levar ao Governo. Então aquele colega que assistia à reunião voltava para a fábrica e já conversava com os outros, começando a se mobilizar, a se mexer devagarinho: "porque a inflação subiu demais", "porque nós vamos pedir isso", "porque isso aqui é super importante" etc. Foi havendo aquela

preparação de mobilização de massa seis meses antes do dissidio coletivo. Eu, como participo bastante de minha comunidade, na Igreja, sempre que havia uma reunião marcada pelo sindicato, eu procurava trazer os boletins do sindicato e distribuía na porta da Igreja. Eu procurava falar que o assunto era importante, que era importante a gente aparecer e dar força ao sindicato, porque era o início de uma guerra, de uma querra em que a gente só visava uma coisa; salários melhores para a gente tirar um pouco aquele atraso que a gente vive nesse dia-a-dia. Sair um pouco da miséria que existe nesse dia-a-dia culpado pelo ordenado muito baixo e a inflação muito alta. Nas fábricas a gente fazia a mesma coisa. A gente procurava, na hora do almoço, ficar com o pessoal, dez, vinte pessoas descansando dentro do ônibus. Então a gente procurava colocar, por exemplo, eu chegava assim e procurava ler uma manchete de jornal: "Delfim Neto disse que a inflação vai cair", aí o outro gritava: "Vige, safado, esse aí nunca vai fazer nada". Então eu lia uma manchete, inventava, para provocar o pessoal. Ali, como a gente estava entre amigos, começava a fazer uma espécie de mesa-redonda. Um falava mal do Delfim Neto, o outro já metia o pau no Murilo Macedo, então a gente entrava no meio e falava o seguinte: "Calma pessoal, vamos conversar um pouquinho baixo para o chefe não ouvir". Fechava o ônibus, fechava os vidros e ai: "Gente, é o seguinte, a campanha salarial está em desenvolvimento. Vocês não acham que ao invés de falar mal do Delfim Neto, do Murilo Macedo ou do Figueiredo, falar por exemplo do item que fala de controle contra a chefia. Você já pensou o controle contra a chefia? Na hora em que o chefe levantar a mão ou falar alto conosco, o pessoal se reunir?". "Abaixa essa voz aí que você não está falando com o seu filho, você está falando com um filho de Deus, com um funcionário que tem que ser tratado melhor". "Você já pensou se o pessoal tivesse forca para suspender esse ou aquele chefe?...". Al o pessoal apoiava: "Ah, isso é ótimo". Al eu falava assim: "Você já pensou se a gente pudesse trabalhar só 40 ou só 30 horas?". Algum meio pessimista dizia: "Precisava ver se a gente la ganhar o mesmo salário das duzenta e quarenta horas". "É claro, porque se a gente procura trabalhar só 40 horas, o benefício maior disso daí é para que surjam, durante as 40 horas, mais vagas para funcionários ao invés de sobrar hora-extra. Porque a empresa dá muita hora extra e vocês sabem que quanto mais horas extras vocês trabalharem, vocês estão tirando o emprego daquele que está lá de fora". Então nós procurávamos fazer, todo dia, aquele debatezinho.

Com isso a gente ficava uma pessoa mais popular, mais conhecida. Quando vinha um boletim do sindicato, a gente logo distribuía para o pessoal, que ficava feliz. As vezes aparecia algum operário que estava contra o Lula, criticando-o. Logo um falava assim: "Você está contra o Lula porque você também é um pelegão. Você está esquentando a cabeça com o seu emprego, quem sabe amanhă você vai ser dono desta empresa aqui?". O cara se sentía de mentalidade atrasada e terminava mudando de idéia e apolando. Naquele bate-papo a gente corrigia algum que estava com a mentalidade de fora, contra o Luia, certo? Nós o corrigiamos e ele passava a ser uma pessoa protetora do Lula. Quando alguém passava dizendo que o negócio era greve, nós diziamos: "Calma bicho, não é assim, o nosso objetivo agora é realmente dar uma força nessa campanha salarial, porque a pauta já está em discussão e vocês sabem que no dia da assembléia a gente vai ter que aparecer lá em geral, para a gente mostrar força ao governo, porque o homem vai ficar vendo na televisão a quantidade de trabalhadores que tem lá. A base do sindicato dos metalúrgicos tem 135 mil trabalhadores e se aparece, por exemplo, dez mil no dia, os patrões vão começar a cantar vitória, porque eles sabem que não vai ter greve. Mas se a gente for lá e apresentar 70, 80 mil nessa assembléia, os patrões já vão começar a sentir a estrutura deles trepidando. Primeiro nós temos que dar o exemplo de organização e a nossa organização surge da força, da força de cada um, isto é, conversando com o pessoal, organizando o pessoal, para que eles compareçam na assembléia". Na Igreja também, na nossa comunidade, a gente fazia reuniões com representantes de dirigentes sindicais. Fazia reuniões dos grupos de Pastoral Operária em várias comunidades daqui. Nessas reuniões, nós fazíamos a discussão daquele livrinho que marcava a pauta de reivindicações do sindicato. A discussão era em cima de determinados itens, escolhia o pessoal para fazer parte da conversa, para dar uma informação e deixávamos a palavra livre para que o pessoal fizesse perguntas. Quer dizer, a gente fazia um trabalho de orientação, de como la ser baseada a pauta de reivindicações, como ela la ser discutida. Eu trabalhel em três bairros que pertencem a uma mesma paróquia e lá nós não tivemos problema com o padre. O padre apoiava, inclusive, procurava dar uma força. Isso tudo al dentro de uma necessidade de cada metalúrgico defender a sua categoria. Eu sou metalúrgico, e na época de dissídio eu vou procurar unir o máximo da categoria operária para participar dessa luta, direta ou indiretamente. Eu falo indireta por aqueles que não são metalúrgicos e a

campanha está se desenvolvendo em benefício dos metalúrgicos. Na época do dissídio coletivo dos metalúrgicos, eu sentia a necessidade própria de fazer isso dal. E sendo da Pastoral Operária, a gente fazia reunião e procurava colocar um diálogo bem aberto, porque no caso da gente vir a entrar em greve, já tinha o povo do bairro mais ou menos informado sobre o significado daquela campanha. Então a gente procurou ligaos bairros, mas a gente não procurava só dar o apoio aos metalúrgicos. Nesse tempo a gente teve o problema da eleição dos motoristas e nós procuramos dar a eles um apoio paralelo, no sentido de ligação, da importância da gente não só dentro do campo metalúrgico, mas dos outros campos também. Como metalúrgico eu colocava a minha parte, isso daqui é uma luta minha e como cristão eu vou lutar por ela até as unhas, certo? Mas havia também o lado da Igreja, que tinha outras lutas para apoiar. O objetivo da Igreja é acompanhar o povo que também é a Igreja. A Igreja quer a união, é o Evangelho que pede. Então a Igreja acompanha o povo dentro das suas decisões, como um apoio, ou seja, como um fermento na massa. Por exemplo, em uma reunião de coordenação de Pastoral Operária na Cúria, nós fomos procurados pela chapa de oposição na eleição do Sindicato dos Motoristas Rodoviários e Anexos de Santo André que queria derrubar a chapa dos pelegos. A chapa de oposição estava há três meses desempregada, a maioria dos componentes desta diretoria estava demitida e não arrumavam emprego, ninguém dava emprego para eles, estavam passando fome. Eles não tinham dinheiro para fazer folhetos de distribuição para a eleição e vieram pedir um apoio de D. Cláudio e da Pastoral Operária. D. Cláudio fêz questão que nós tivéssemos uma participação direta, que a Igreja não só la ajudar os metalúrgicos, mas la ajudar todo o povo. E a oposição também faz parte dessa vida nossa, porque eles estavam passando necessidade e nós, como povo, nos propusemos a ajudá-los naquilo que fosse possível. Eles falaram que iam precisar de uma certa quantia em dinheiro para mandar fazer os boletins, fazer a programacão da eleição toda e pagar suas dividas. Estavam precisando de alimentos e nós, juntamente com D. Cláudio, assumimos a responsabilidade de ajudar a chapa da oposição do sindicato dos motoristas. Quando a gente saiu daquela reunião nós já salmos preparados para que, em nossas paróquias, aquelas reuniões de conscientização do povo para apoiar os metalúrgicos durante a campanha salarial, não la ser só para os metalúrgicos. la ser geral. Quando alguma pessoa perguntasse se nós só iríamos ajudar os metalúrgicos, nós responderíamos que não. Vamos ajudar a todos. Graças a Deus, nós ajudamos e eles ganharam a eleição.

Isalas: Só que venceu mas não levou, não é?

José: É, já está no terceiro ou quarto escrutínio.

Padre: Eu somente lamento que desde que comecamos as greves do ano passado não tenha tido aqui um gravador para gravar, exteriorizando assim tudo o que nesta casa, nesta Igreia se falou. Talvez o DEOPS tenha colocado alguns gravadores na janela, por al... Mas eu vejo a participação da Igreja nesse movimento como o fato de uma conscientização que vem desde Medellin e depois com Puebla e essas comissões de Justica e Paz em defesa dos direitos dos oprimidos, essa campanha da fraternidade da própria Igreja, especialmente do ano passado que foi sobre o migrante. Vejo toda uma preparação que levou, realmente, não tanto o bispo, porque o bispo sozinho não podia ter feito nada, mas levou toda uma comunidade, de modo especial os sacerdotes, a assumirem isso. E o interessante foi que nem D. Cláudio, nem nós, sacerdotes, imaginávamos que lamos realmente assumir uma parte histórica nesta coisa dos trabalhadores. Isso aconteceu na véspera da intervenção no sindicato, no ano passado, quando às dez e meia da noite, o Dr. Mauricio me telefonou dizendo: "Olha, temos aqui um caminhão de mantimentos e estamos prevendo a vinda de tropas para tomar conta do sindicato, nós não temos um lugar para guardar esses mantimentos". O Dr. Maurício é um católico praticante, é militante daqui e diz: "Olha, o senhor tem aí uma sala para guardar esses mantimentos? Amanhã de manhã os rapazes vão ai para distribuir para as famílias". Aí começou a história, realmente, da ajuda, da abertura da Igreja para essa causa. Nem eu imaginava que no dia seguinte tivéssemos aqui, no andar térreo do salão paroquial, duzentos operários metalúrgicos, com uma fila de um guilômetro, de guinhentos metros, de metulúrgicos pedindo comida e a Polícia já rodeando toda a praça, inclusive prendendo e enxotando algumas senhoras e derrubando a bolsa de algumas senhoras que vinham buscar alimentos. E depois, então, às dez horas, quando Lula salu do sindicato e realmente fecharam o sindicato, não existia outra coisa senão ir para onde estavam os alimentos, porque pelo menos, a Igreja era um lugar seguro. Toda a diretoria veio para cá e dal começou, realmente, a história. Isso no ano passado, 1979. Logo mais telefonei a D. Cláudio, e ele veio para cá e disse: "Temos mesmo que assumir a coisa, não há dúvida que se trata de mantimentos, trata-se de ajudar esses pobres etc.". Ai começaram a vir outros padres, outros sacerdotes também da Pastoral Operária, para ver o que acontecia. A imprensa começou a divulgar que na Matriz de São Bernardo do Campo, o Lula estava falando etc., etc., aí, então, caiu toda a imprensa aqui e divulgou para o Brasil inteiro. E para o mundo, porque depois veio a imprensa estrangeira, eu me recordo da televisão holandesa, francesa etc. Fotografaram todos esses sacos de alimentos, esses caminhões que vinham, e a ajuda, depois, de mais mantimentos.

Pedro: Só para completar um pouco. Antes da intervenção, do pessoal vir para cá, D. Cláudio já tinha participado de assembléias no início de 79. Já tinha participado de uma ou duas. Eu me lembro, inclusive, quando surgiu a idéia de chamar o D. Cláudio. A gente tinha assembléias todos os dias e quando não havia negociações, não havia fato novo para se colocar para o pessoal da assembléia, esses eram dias de sufoco, porque o pessoal la para a assembléla e via sempre a mesma coisa, né? Em um desses dias, o Lula me procurou com um artigo que D. Cláudio tinha feito no Diário do Grande ABC, onde ele dizia que as Igrejas estavam abertas para arrecadar alimentos, e me disse: "Olha, que tal a gente falar com D. Cláudio, ele fez um depoimento bom nesse jornal". Eu respondi: "É uma boa. Eu acho que ele assume". Eu fui para Santo André buscar D. Cláudio para falar com a gente no sindicato. Foi quando eu trouxe D. Cláudio e ele assumiu; naquele dia ele foi para a assembléia. Eu me lembro, também, que nessa altura a gente já tinha conversado a possibilidade de chamar o D. Paulo. Eu fui falar com D. Paulo, não sei se em São Paulo, e ele só não veio para cá porque ele achava que aqui era a diocese de D. Cláudio. Não ficava bem ele vir para cá, mesmo porque, D. Cláudio tinha condições de assumir. Quer dizer, nessa altura, a gente tinha pensado em D. Paulo porque o sindicato não sabia até que ponto D. Cláudio assumiria a coisa. Foi um negócio surpreendente como ele assumiu, quer dizer, que toda a Igreja assumiu,

Padre: Interessante é que no dia em que houve a intervenção no sindicato, no dia em que o Lula veio para cá e que se noticiou que o DEOPS estaria prendendo todos os diretores do sindicato — isso em 1979 — um dos diretores me chamou na sala de distribuição de alimentos, reuniu todo o pessoal que estava ali e disse: "o Lula deu ordens para que todos os dire-

tores desaparecessem da rua, de modo que aqui está o dinheiro e aqui estão outras coisas. Tudo isso eu entrego ao
Padre aqui; neste momento quem assume o sindicato, a distribuição de alimentos e a organização aqui é o Padre. Eu
ali, naquele momento, me vi praticamente com toda a categoria em minhas mãos. E todo mundo vinha me perguntar: "que
vou fazer, vamos continuar, vamos fechar?". Isto é, eu assumi provisoriamente a orientação da distribuição de alimentos,
não a orientação do movimento. Depois é que os diretores
voltaram novamente e assumiram a coisa devagarinho.

## P.: Vamos agora ao depoimento do Francisco.

Francisco: Antes do início da campanha salarial, das negociações, nas vésperas do dissídio, é feita uma preparação, inclusive, da pauta de reivindicação e todos os que são militantes sindicais partiram das assembléias. Foram feitas reuniões por fábricas, onde era retirada a comissão. É feito um tipo de assembléia, por exemplo, quando é uma fábrica pequena, é feita a convocação para a reunião e nesse dia se elege, na quela fábrica, os representantes dela para a comissão. E aí começa a preparação dentro da fábrica, com esses membros. Quando uma fábrica é grande, são convocados os setores e por setores é eleito o pessoal da comissão.

Frei Beto: Eu queria dar uma explicação sobre essa comissão de salários. A comissão de salários é o órgão deliberativo dos metalúrgicos de São Bernardo e Diadema. Nada se faz aqui sem a discussão e a decisão na comissão de salários, que é integrada por 425 trabalhadores que representam as principais indústrias da região. Evidente, que nem sempre se reunem todos, mas as reuniões da comissão de salários tem uma média aí de 100 a 200 trabalhadores. Alguns aqui presentes são membros dessa comissão, escolhidos mais ou menos por fábrica, a nível de empresas. É o órgão mais representativo que existe da base metalúrgica de São Bernardo.

Francisco: As assembléias são para montar a pauta, o que se vai levar para a mesa de negociação. E nesse processo, todo mundo que participa tem uma participação direta. Quando se vê na pauta, por exemplo, a reivindicação de 40 horas, é a redução da semana, da jornada de trabalho. Isso não é alguma coisa que saiu da diretoria do sindicato, pura e simplesmente. Isso foi coisa que saiu de sugestão de operários para a pauta de reivindicações e que foi aprovada pela assem-

bléia. Porque todos os itens, não sei quantos itens, sei que são vinte e dois básicos, tudo isso saiu de propostas feitas para a mesa da assembléia, que a mesa põe em votação e que a assembléia vota. A assembléia aprova ou não. Se não aprova não vai para a pauta e se aprova vai. Agora, multas dessas reuniões por fábricas foram feitas por determinados grupos, nos próprios bairros, onde ficasse mais próximo dessas fábricas. A reunião era convocada, ia lá um diretor do sindicato, um dos companheiros que já tinha sido eleito para a comissão, fazia-se a reunião, uma mesa-redonda com eles, conversava, explicava: "Nós precisamos eleger um cara para representar vocês dentro da comissão". Aí, foi usada a Igreja, Igrejas foram usadas para isso. Grupos organizados da Igreja também fizeram esse tipo de trabalho antes, na preparação da pauta de reivindicação, como já foi dito.

#### P.: Não houve casos de recusa das paróquias?

Francisco: Houve, que eu sei, pelo menos em uma Igreja que fica em frente da minha casa.

Daniel: Não, foi em mais do que uma. Em Santo André houve diversas. Umas que você nem conhece, outras que eu não conheço.

Isalas: Houve uma denúncia que o padre de V. P., eu não conheço bem ele, nos sermões convidava o pessoal a voltar ao trabalho, condenava a luta dos trabalhadores. Depois reunia, lá dentro da Igreja, gente ligada aos empresários, gente que estava ligada à Igreja, funcionários e o pessoal que estava vacilando em voltar, para incentivar a volta, para furar a greve. Até o padre foi chamado de pelego aqui e o pessoal se revoltou bastante contra ele.

# P.: Vou passar a palavra para o Daniel.

Daniel: Não, eu não, se eu for falar vai repetir muito, não é? Eu sou ligado à Matriz de São Bernardo, mas eu participo de atividades em Santo André, em paróquia. Lá se desenvolveu da mesma forma que em São Bernardo, o pessoal se reunindo, discutindo e tal. Eu gosto de salientar o seguinte: sempre, nos jornais, quando alguém do Governo fala, ele fala como se a classe trabalhadora estivesse vivendo bem. Em qualquer pronunciamento, nunca falam da miséria. Falam sempre de grupos que estão agitando o povo, não é? Mas, é impossível mexer com uma massa tão grande só porque alguns grupos

querem. A gente sabe que é a realidade mesmo. Está quente al, é uma questão de fome, de necessidade. Os próprios órgãos do Governo só falam tarde da noite, eu já observel, depois da meia-noite. Reconhecem, como eu já ouvi o diretor da penitenciária de São Paulo falando, que a causa do excesso de marginais é o salário baixo. Eles mesmo falam. Só que falam sempre depois da meia-noite, não é? Nunca põem em manchete grande durante o dia para todo o povo saber. Um pai de familia que vive a vida toda trabalhando, às vezes sábados e domingos, não pode mesmo acompanhar o crescimento dos filhos, nunca. A gente vê, então, que no geral, é um ataque, é um fenômeno que explode pela própria exploração que eles têm em cima da gente. Exploram tanto que depois as vítimas da exploração atacam, não é? É bom que cada ponto saliente isso. O que faz essa luta ficar forte é essa fome, essa exploração forte do povo que eles tentam tampar e quando as Igrejas abrem as portas, esses padres abrem a porta, não é uma questão política, é uma questão de fome mesmo, a fome está batendo à porta. Só não vê quem não quer. Ou está muito alienado ou não quer assumir essa luta junto. Quando se abre a porta, então é em cima de uma fome muito grande que existe na periferia.

P.: Por que você disse que a sua atuação foi em Santo André?

Daniel: Porque eu moro lá e a gente está ligado à Igreja também. Quando eu não tenho atividades aqui é porque estou ligado com um trabalho de comunidade de base.

P.: Conte um pouco como a Igreja em Santo André viu essa preparação toda.

Daniel: Também não foi em um todo, nem todos os padres assumiram, né... Eu acho que a atuação das Igrejas depende muito do povo que tem lá, talvez um povo engajado. Quanto mais tem povo engajado, mais a Igreja tem a tendência a voltar-se para os problemas daquele local. Se é uma paróquia rica, então, geralmente, eles não querem nem saber. Eles estão lá, mas eles colocam o Evangelho ao nível da vida deles, não é? Agora, nós que estamos em uma situação azarada, nós também vamos buscar os nossos direitos all dentro do Evangelho. Eu acho que é, então, a própria tarefa do Evangelho na vida mesmo, como é o Cristo hoje presente aqui. Onde Ele estaria hoje, com toda a luta que ele desenvolveu naquela época para libertar o oprimido; de que lado Ele esta-

ria hoje? Por tudo aquilo que Ele falou, que Ele disse, através de uma reflexão nossa em termos só de Igreja, é que a gente também ia buscar qual o nosso papel hoje. A gente também refletia isso; discutindo os nossos problemas do dia-a-dia é que a gente vai, também, buscando ou descobrindo os direitos. Até onde vão os nossos direitos e o que a gente tem que exigir.

P.: Conte um pouco como eram essas reuniões de preparação, reuniões feitas, por exemplo, na Igreja ou através dos grupos de Pastoral Operária. Quem participava? Que tipo de questão aparecia? Era uma reunião só de metalúrgicos?

Daniel: Não, era um auditório amplo. Nessas reuniões a gente refletia o problema do trabalhador em geral, o problema da produção, como a gente é explorado na produção, o problema do chefe que só quer ver você produzir, não quer saber de seus problemas, das dificuldades que você está passando, se o salário está dando ou não, se você está tendo contato com a família. Através da discussão do dia-a-dia de cada um, porque todo trabalhador, não só o metalúrgico, sofre o problema da exploração, dos salários baixos. Nessas discussões a gente la sentindo a importância da pauta de reivindicações, de melhores salários, de menos horas de trabalho, do corte da hora extra. A discussão se desenvolvia discutindo o dia-a-dia, o problema seu dentro da fábrica, do trabalhador, da condução em geral e depois colocando a importância da pauta de reivindicações, que era uma resposta para essa exploração.

P.: Nunca houve reclamação por ser uma discussão sobre a campanha salarial dos metalúrgicos, na medida em que havia trabalhadores de outras categorias?

Daniel: É que nem todo sindicato tinha a atividade do sindicato dos metalúrgicos. Agora, não havía essa exigência porque a greve, isto é, a campanha que estava iniciando, no momento, era a dos metalúrgicos. Eram os metalúrgicos que estavam preparando sua campanha salarial e a atenção se voltava para lá. Agora, quando eu falo "a greve", é porque o Governo já começara a se pronunciar, antes, de que não daria o que estava sendo reivindicado. Qual era, então, a salda para os metalúrgicos? É nesse ponto que a gente fala em greve, porque o Governo já começou a dar a resposta antes, já também se preparando, já atiçando...

P.: Morando em Santo André, fazendo o trabalho em Santo André e trabalhando em São Bernardo, como você conciliava tudo isso? Você levava esse trabalho para o sindicato de São Bernardo e para o sindicato em Santo André?

Daniel: Nesses grupos de Pastoral Operária, tinha pessoas de São Paulo, Santo André, São Caetano e São Bernardo. O grupo de pastoral é um grupo onde a gente vai se conscientizar junto: um ensina o outro através de sua experiência e vai desenvolvê-la na medida em que a realidade for exigindo. Como para essas três cidades do ABC chegou o momento, então o pessoal dessa região passou a trabalhar. Qual é o nosso papel? Já foi dito que a Igreja não dá ordens, não dá a linha, não determina nada. Acho que quem determina é o sindicato, não é? Ora, a Igreja só tem o papel de servir. Se o povo dela pedir uma sala para se reunir, para discutir sobre seus direitos, então ela abre a porta. A gente discutiu e viu que chegando a greve tinha que se organizar e participar das atividades. Se a greve fosse deflagrada, a gente como operário consciente, teria que estar lá dentro, trabalhando, se organizando todos juntos.

Isaias: Acho que eu vou começar colocando aquela parte da atuação da Igreja e das comunidades de base numa parte em que eu estive bastante presente que foi na zona leste em São Paulo; e que, apesar de ter sido zona leste, em São Paulo, foi muito importante para a greve do ABC, porque lá naquela região da zona leste, desde São Miguel até Vila Alpina, passando por Jardim Elba, por São Mateus, Sapopemba, Itaquera, mora uma grande parte dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, de Santo André, principalmente de São Bernardo. São metalúrgicos que trabalham nas grandes indústrias automobilísticas, porque elas têm transporte, o que facilita trazer pessoal de zonas tão distantes. É o caso da Volkswagen, com 43 mil empregados atualmente, o caso da Ford, da Mercedes Benz, que são as indústrias de ponta do ABC. Para quem não sabe, três indústrias do ABC representam quase 80% da categoria em São Bernardo. Acho que é por aí que a coisa vai. Mais tarde, para a gente estabelecer, pelo menos para mim, para entender o papel da Igreja, a gente tem que analisar um pouco o papel da classe e a situação, também, da mentalidade da classe, a mentalidade religiosa da classe. Isso seria, talvez, em uma segunda parte. Mas, começando pela atuação nesses lugares eu diria o seguinte: a minha participação lá em São Mateus e na zona leste, já vai para mais de 4 anos. Nesses quatro anos, até aqui, a gente viu que nas Igrejas, nas reuniões, seja reuniões de comunidades de base, seja reuniões da Pastoral Operária, ou reunião de grupo de jovens, ou seja, qualquer reunião em função de um trabalho comunitário cristão - sem discrminação de ideologia nenhuma, porque o pessoal não tinha esse problema -, foi ocorrendo um processo muito importante, que a gente não percebia muito claramente naquela época. A gente se reunia, às vezes, dois, três, e não chegava o resto; às vezes, para puxar um operário, tinha que puxar na corda, quando chegava, todo mundo batia palmas - nossal era uma festa. O negócio era muito difícil. Havia momentos em que o pessoal desanimava: o pessoal lá vinha por costume, não tinha cinema, vai lá para a reunião do negócio lá da Igreja. Tinha cara que já era viciado, passava no botequim, bebia uma pinga e la lá para a reunião. Isso al criava uma rotina viciada. Várias vezes, eu comprovel que o pessoal chegava, depois de um período, a questionar: "pô, mas isso aqui é válido ou não é válido?". Afinal, iam sempre dois, três, quatro, cinco, eram sempre as mesmas caras. Reunia a Pastoral Operária, eram os mesmos caras; reunia o negócio da juventude, eram os mesmos caras que estavam na Pastoral Operária; reunia o negócio da água, eram os mesmos caras que estavam na Pastoral Operária e da Juventude. Sempre os mesmos caras. O pessoal, então, depois daquele período, questionava: "Isso aqui é válido? Isso não cresce! Que fruto traz isto ai?". E a gente, muitas vezes, não conseguia avaliar a importância do negócio. As vezes, podia ter um pouco de confusão na cabeça de algumas pessoas que achavam que a direção das lutas ia partir dali, daquele grupinho. E o que foi comprovado foi que a direção parte da classe, pelas suas necessidades. Quando ela se expressa, o grupinho tem uma atuação válida, mas em função não do que ele pensou em fazer para programar tal coisa, ou tal luta, ou tal greve, mas sim do que a classe estava disposta a fazer. Naquele momento, então, o grupo cresce. Esse foi o processo. Eu acho, justamente, que a avaliação final desse trabalho, trabalho pequeno, trabalho que às vezes só tinha um operário, uma dona de casa, um "sacristão", um cara mais chegado ao negócio dos sacramentos, esse trabalho todo só pode ter seus pontos positivos avaliados quando, no movimento, na luta, esse grupo passa a ter uma importância muito grande de apoio na luta dos metalúrgicos. Passam a aglutinar os metalúrgicos que precisam de um local, e não só de um local, mas de pessoas mais experientes. Experiência que foi ganha durante aquele período todo, por essas pessoas, para, justamente, dar tal contribuição.

Esse trabalho da Igreja na zona leste era um trabalho pequeno. muito pequeno em relação à realidade, mas não em relação à propaganda. Na propaganda sim, ele sempre foi "oh! a Pastoral da zona leste! São Mateus!"; mas você la ver na realidade. e muitos aqui podem comprovar, chegava na hora mesmo, tinha aqueles gatos pingados. Em relação à propaganda era muito grande, em relação à realidade era muito pequeno, mas ele se transformou em uma coisa gigante, na medida em que se luntou à luta de classes, naquele momento. Para mim é essa avaliação que interessa fazer. Acho que isso trouxe um sangue novo a todo trabalho que foi iniciado nessas comunidades de base, quando a classe justamente reconheceu e fêz com que a categoria e a classe trabalhadora evoluíssem, no sentido em que receberam uma coisa muito importante em termos de organização, pensamento político, objetivos e tal, que vinha sendo refletido pelo pessoal nesse tempo todo. A classe ganhou com isso, ela não só ganhou, ela contribuiu, também, para que esse grupinho superasse a sua rotina, a sua visão parcial da realidade, pois se continuasse daquele jeito, aquilo la se tornar um círculo vicioso, não sablamos até quando. Esse círculo vicioso foi rompido, justamente, pela grande contribuição que a classe deu com a sua luta. Foi, então, uma contribuição mútua que se juntou e que deu como resultado aquilo que nós estamos vivendo nesse momento que é (ainda não dá para a gente fazer avaliações mais profundas) a renovação da vida política e até cristã das comunidades. Por exemplo, vamos ver, durante a campanha salarial, havia guatro ou cinco locais importantes de concentração de trabalhos eclesiais, trabalhos de base, trabalhos de comunidade de base, trabalhos de Pastoral Operária que eram São Miguel Paulista, Itaquera, São Mateus, Jardim Elba, Sapopemba e Vila Alpina, Nesses locais, o pessoal se reunia para debater questões, como por exemplo, problemas da água, dependendo da necessidade do bairro se debatia problemas relacionados ao bairro; se debatía problemas relacionados às lutas das diversas categorias, como às dos metalúrgicos de São Paulo; se debatia questões sobre a situação da classe operária, situação do trabalhador no Brasil, a grande exploração do trabalho no Brasil; se debatía problemas com relação às donas de casa, problemas das mulheres, questões, como o companheiro citou, dos motoristas, questões dos têxteis. Houve momentos em que em São Mateus, no final, antes da greve, reuniam-se em reuniões quinzenais, representantes de três, quatro, cinco categorias (uma ou duas pessoas de cada categoria, que moravam no bairro), por exemplo, que eu me lembro agora: os têxteis.

os motoristas de São Paulo e do ABC, os mesmos companhelros que lam no ABC também iam lá, o pessoal da SABESP, o pessoal dos metalúrgicos de São Paulo, os metalúrgicos do ABC, gente de diversas categorias que moravam no bairro e que tinham alguma ligação ou não com o sindicato deles. Debatiam-se, então, questões gerais.

#### P.: "Ou não" significa o que?

Isalas: Não ligadas ao sindicato, à estrutura do sindicato, podiam não ter mas eram da categoria. A pessoa podia participar independentemente de estar ligada ao sindicato ou não. Era isso que eu queria dizer. A partir, então, de um momento - reuniões pequenas - a participação do pessoal da classe dos metalúrgicos de São Bernardo, que morava no local, não vinha. Vinha uma ou outra pessoa que sempre participou da comunidade, podia ser metalúrgico de São Bernardo, mas a massa dos metalúrgicos de São Bernardo não vinha às reuniões; o que vinha representando eram aquelas pessoas que já participavam da comunidade, ou da Pastoral Operária ou das outras atividades da comunidade. A partir do momento em que se deflagra o movimento, então, começa a aparecer o pessoal - aquele negócio: se há greve, se acontece a intervenção, se acontece a repressão em São Bernardo, o pessoal vai para os bairros, procura as Igrejas. Naturalmente, a gente comeca a conhecer os nossos vizinhos dentro da reunião.

# P.: O que você quer dizer quando fala em deflagração do movimento? Quando é isso?

Isalas: O que eu quero assinalar é que durante a campanha salarial, antes da greve ainda, a participação do pessoal foi muito pequena. Antes da greve, a participação dessa classe nas reuniões foi mínima, quase insignificante. Na preparação, a gente colocou várias reuniões na Igreja, o pessoal não veio, mesmo que a convocação fosse para discutir a pauta de reivindicações, o pessoal não veio. Não vinha mesmo. A gente até convocou uma reunião do pessoal de São Mateus que estava reunido em diversas categorias, convocaram uma reunião só para os metalúrgicos de São Bernardo, em três locais. É verdade que naquele dia choveu bastante, foi até gente do sindicato lá, mas não veio ninguém em nenhuma das três reuniões. Isto na preparação. O motivo que eu dou para isso é que havia ainda aquele processo antigo em que não havia a intregação entre a luta do trabalhador e o reconhecimento do

trabalhador na sua luta e o reconhecimento da Igreja e do grupo da Igreja como um grupo que poderia apoiá-lo. Havia um distanciamento, havia uma barreira entre eles. Uma barreira aí de que a Igreja só nos interessa para missa, isso quando interessa, e que não tinha sido rompida, a coisa se rompe, mesmo, durante a greve. Para mim, pelo menos na zona em que eu participei, foi isso.

José: Eu gostaria de acrescentar uma palavra só, quando ele falou que vocês realizavam uma reunião e, às vezes, não tinha nenhum operário, tinha um sacristão, uma dona de casa, esses daí também são operários. Aquelas pessoas que não trabalham ativamente no serviço externo e que trabalham só dentro daquela casinha alí, são operários também; embora sejam operários de Deus; no caso do padre, do sacristão, da madre, eles são operários de Deus.

Isaias: Eu concordo que a gente não discutiu o conceito de operário, mas quando eu falo em operário, eu me referia mais ao metalúrgico, a uma categoria específica, mais avançada, sabe, que o pessoal sempre visava; aquela categoria mais avançada não tinha ninguém ali, é mais nesse sentido, mas eu concordo com você.

Ato II

A Greve

P.: Nós poderíamos, agora, falar do que aconteceu durante a greve.

Isalas: Como eu estava dizendo, Vila Alpina nunca chegou a reunir, antes da greve, mais de dez pessoas, de metalúrgicos; mas durante a greve reunia quatrocentas, quinhentas pessoas na Igreja. Lá, o grupo que organizou Vila Alpina fêz 400 associados para a Associação do Fundo de Greve. Em Vila Alpina nunca teve mais de dez pessoas, jamais. Operários mesmo, fora do trabalho comunitário, nunca teve.

P.: Você notou se isso aconteceu antes da intervenção ou depois da intervenção no sindicato?

Isalas: Não, antes da intervenção aconteceu, mas só depois da intervenção é que o negócio se transformou em uma coisa mais volumosa. Também teve essa diferença, mas logo depois da deflagração da greve o pessoal já veio participar. O pessoal dos piquetes eram organizados a partir desses grupos. A organização, desde o primeiro dia da greve, dependeu multo da atuação desses grupos de comunidades de base. Agora, depois da intervenção, a coisa aumentou ainda mais. Mas mesmo antes da intervenção já começava a ser bastante significativa a participação desse pessoal. Nunca antes, nessas comunidades de base, se viu tanta gente nova, tanta gente combativa. Eu ful uma vez, durante a greve, em uma reunião lá em Vila Alpina, representando a associação do fundo de greve. Era uma reunião de umas 400 pessoas. Eu conhecia algumas pessoas de Vila Alpina, participantes da comunidade. Havia uma mesa presidindo a reunião e havia o coordenador da reunião, um senhor, um rapaz assim de 35-40 anos; havia uma pauta da reunião e ele começou a desenvolver a pauta, dirigindo a reunião. Antes da reunião ele tinha conversado com algumas pessoas, conversou com a gente que vinha de São Bernardo, que vinha mais diretamente representando a associação do fundo de greve e com um companheiro que representava a comissão de salário; ele perguntou se era bom citar nomes, aquele negócio, a polícia estava em cima, quer dizer, demonstrou bastante maturidade. Na presidência da mesa ele também desenvolveu a reunião assim de uma maneira brilhante, não é? Al eu cheguei para um companheiro de Vila Alpina e perguntei há quanto tempo aquele cara estava na comunidade. Ele respondeu: "não, esse aqui apareceu agora na greve". O pessoal mostrou, então, uma grande capacidade, assumiu o trabalho, mostrou uma capacidade que a gente às vezes poderia pensar que não teria, porque faltava consciência. Mas na hora se revelou uma grande capacidade de organização, de direção do negócio.

P.: Mas não dá para você saber se ele tinha uma participação no sindicato?

isaias: Não, esse cara não tinha participação anterior, nem no sindicato, nem na comunidade, mas se revelou muito. Não só ele, estou citando só um exemplo, eu poderia citar vários exemplos aqui de pessoas, que agora não me vêm à mente, mas só para citar esse exemplo de uma pessoa que se revelou durante o processo de luta, mas que, logicamente, teria já assim, dentro dele, alguma coisa, como muitos trabalhadores da

categoria, muita coisa escondida, que se revelou no momento da luta. Olha, exemplos iguais a esse são centenas, em São Miguel. Para terminar, então, o negócio das comunidades na zona leste, eu acho que teve uma grande vantagem, na minha opinião, as comunidades da zona leste, em sua maioria, foram muito atuantes, foram muito participantes e contribuíram muito para crescer durante a luta, durante a greve e para fazer crescer o próprio movimento. E acho que foi um sangue novo que revitalizou o trabalho das comunidades nessa área, certo? Agora, importante para que isso tivesse acontecido, é que havia dentro das comunidades gente com conceito diferente de cristianismo, com conceito diferente de luta, com conceito de cristianismo relacionado à libertação da classe trabalhadora e ao engajamento radical e total na luta, certo? O que muitas vezes — eu agora falando sem conhecer, muito mais apenas como observador de fora do ABC, de São Bernardo - eu acho que nas comunidades daqui a coisa não se dava da mesma maneira. O pessoal aqui é bem mais atrasado, as Igrelas, pelo que eu observei de caras que participam de grupos, é tudo ainda aquele velho negócio de TLC (Treinamento de Lideranças Católicas), aquele negócio todo, é um cristianismo ainda interpretado de uma maneira, em função do explorador, em função da alienação e acho que isso al, o fato de ter acontecido isso, não tenha sido motivo de riqueza para o crescimento das comunidades aqui no ABC e vice-versa, para ajudar, também, o crescimento da classe operária. Porque, se existissem aquelas comunidades da zona leste aqui, no ABC, teria sido muito maior a contribuição para a classe, a classe teria, também, recebido muito mais e a própria Igreja teria crescido muito mais aqui. Essa é a impressão que eu tenho, que pode ser, depois, confirmada ou não pelos companheiros. Eu queria colocar, agora, um negócio que era, eu não sei... essa divisão de antes, durante e depois da greve, limita um pouco a discussão da gente aqui, pelo menos a mim limita um pouco. Havia algumas coisas, como por exemplo, a gente analisar a situação da classe trabalhadora em São Bernardo do Campo, eu havia colocado três itens que foram negativos para o movimento e três itens que foram positivos, não sei se dá para continuar nesse nível. Eu acho o seguinte - vou tentar resumir ao máximo --, quando a gente foi em lugares al para conversar com o pessoal sobre a greve do ABC, muita gente perguntou o seguinte: por que a greve no ABC? Por que esse movimento em São Bernardo do Campo? Por que não em Osasco, por que não em São Paulo, por que não em outros lugares onde o trabalho de base anterior era muito maior? Em

Osasco há uma tradição de trabalho de base de 1968 e lá vai fumaça. Em São Paulo, o trabalho de base é, também, anterior. Aqui em São Bernardo, o trabalho de base é novo, nos bairros é tudo novo, entendeu? Muita gente, então, perguntava isso, em Osasco, principalmente: "Por que lá e não aqui?". Um dos dados, então, para a gente analisar com os companheiros é o seguinte; em São Bernardo do Campo estão concentradas as maiores indústrias, multinacionals muito grandes, com um nível de exploração muito maior do que nos outros lugares. Ou pelo menos, aqui a contradição da exploração se vê muito mais, se sente muito mais a classe operária. E. também, a dimensão da fábrica, são fábricas enormes onde a classe operária se concentra e a própria concentração da classe operária favorece grandes movimentos contra o capitalismo. Acho que isso prova, justamente, que onde o capitalismo é mais desenvolvido, a contradição da exploração, também, é mais sentida na classe. E também a união, a dimensão de muita gente junta; essa união toda dá uma impressão, para a gente, de força muito grande. Se a gente trabalha na Volks, como eu trabalhei, pô, são 40.000, se a gente une 40.000, a gente acaba com esses caras, não é? Agora, também por outro lado, a gente perde um pouco a dimensão do resto do país, sabe? A gente pensa, então, muito assim: 40.000 aqui, e só esses caras estão al fazendo toda essa sacanagem com a gente, é fácil, é só fazer uma greve aqui, os 40.000 param, esse negócio cal. Mas, isso limitou um pouco - talvez, agora, com essa greve, o pessoal abriu mais os olhos - a ver o resto do país, que não existe essa impressão de força, talvez, em outros lugares. Os bóla-frias não têm tanto essa possibilidade, porque têm que procurar emprego, os desempregados têm outras lutas, antes da luta contra o patrão: é conseguir o patrão para se empregar primeiro, não é? Existe, então, uma diferença entre o nosso estado de espírito contra o patrão aqui em São Paulo, aqui no ABC e esse mesmo estado de espírito em São Paulo, na capital, em fábricas de dez operários, pô! Na fábrica de dez operários o próprio patrão engana o operário até dizendo o seguinte: "oh, eu não tenho dinheiro para te pagar, sou tão pobre quase quanto você, também estou sendo explorado", quer dizer cria um pouco esse clima. Acho que esse é um dos motivos. Eu colocaria, também, que houve um impedimento por parte do pessoal que veio do interior para São Bernardo, assim, eu diria, no plano da mentalidade. O pessoal vem com aquela mentalidade do interior, com aquela mentalidade de aceitação das coisas e quando vem para a cidade já foi uma primeira conquista dele: se arrumou emprego na

Volkswagen, pô, já é uma vitória! Porque tem gente na Volkswagen, que vocês devem saber, que fica desde a meia-noite até às seis horas da manhã na fila, para arrumar emprego. O pessoal chega à meia-noite na fila, pega um cobertor, marmita, para ser atendido de manhã - fica uma fila de quinhentas pessoas lá. Eu já saí da Volks às duas e meia da manhã, quando eu trabalhava no horário da noite, para ir embora para casa e estava uma fila dos caras - às duas e meia da manhã - esperando para entrar. Depois tem o seguinte: chega oito, dez horas da manhã, os caras são todos dispensados, não tem vaga, né. Pegam dez, pegam vinte só. Todo mundo passou por isso. Eu também passei por essa fila. Agora imagina o seguinte, se o cara dá sorte de ser empregado lá dentro, o cara vai fazer uma festa, foi uma conquista que ele fez. Vai ter um período ai de um ano, dois anos, até ele tomar consciência de que tem que brigar com a Volkswagen, né, até ele tomar consciência que o prêmio que ele recebeu foi ao contrário, foi uma condenação a viver em um campo de concentração, sob uma exploração muito grande. Mas, até isso acontecer, demora um tempo. Acho que esse pessoal de dois, três anos de São Paulo, de Volkswagen, agora que está tomando consciência. Havia, então, esse problema do pessoal que vem do interior. O exército de reserva que o companheiro José falou aí. Uma outra coisa, também - aí vou entrar no problema -, é a mentalidade religiosa do pessoal do interior, mentalidade religiosa atrasada, do conformismo, de que tem que ser bonzinho, de que não pode lutar contra o patrão, de que o patrão é, também, filho de Deus, ele ganha o pão também etc., etc. Aquela mentalidade religiosa que contribuiu, também, para o cara não participar. É depois o sindicato atrelado, né. O pessoal la ao sindicato, achava que o sindicato era que nem INPS. Essas três coisas, então, eram três coisas que impediam a luta da classe operária. Agora, aconteceram três outras coisas que romperam isso ai. A primeira, eu já citei, é a própria exploração das multinacionais; quando o cara passa dois anos na Volks, al sente o que é o negócio, começa a se revoltar ou, então, a ficar maluco. 80% das doenças da caixa, de loucura, são da Volks. Ou o cara fica louco ou, então, ele começa a tomar consciência e a brigar naquela desgraça, quebrar máquina etc. Uma segunda coisa que rompeu também isso, foi a Igreja tomar partido pelos explorados. O cara, então, é católico, é cristão, lhe ensinaram tanta coisa, que tinha que obedecer, e agora a Igreja está se rebelando, está dizendo que o Governo é safado, está tomando o partido da gente contra o patrão, acho, então, que isso

rompe com aquela mentalidade. Este é o grande papel da Igreja. O grande papel da Igreja, juntamente com os trabalhos comunitários, mesmo através de sua cúpula, é ter apoiado o movimento, mesmo sem trabalho de base aqui nas Igrelas. nas comunidades. O grande papel da Igreja é que ela está do nosso lado, a favor da greve, a favor da luta. Acho que essa foi a grande contribuição da Igreja, certo? E e a terceira coisa, que também rompeu com esse negócio, foi a direção autêntica da diretoria, do próprio sindicato atrelado. A diretoria assume e se sensibiliza com a própria mobilização do povo, do metalúrgico, pelo próprio sentimento do metalúrgico. O metalúrgico fêz a greve de 78, o sindicato pegou e respondeu junto com ele, preparou melhor a de 79 junto com a classe e foi em frente. O final da greve de 79 foi um negócio que deixou muita gente desiludida, então, o sindicato teve a sensibilidade de na próxima "nós vamos até o fim". Essa atuação da direção do sindicato, para mim, é importantíssima. A gente não pode criticar a diretoria do sindicato dizendo assim: "bem, em 78 o fulano falou isso", a gente tem que ver a evolução e a capacidade de evolução dessa diretoria, dessa direção, em função da pressão da própria classe. Uma das coisas mais positivas que essa diretoria teve foi a sensibilidade. Ela sentiu o que a classe queria e não queria e quando a classe a criticou - pela sua própria disposição de espírito, depois da greve de 79 - ela corrigiu muita coisa, encaminhou outras coisas por um lado melhor e em 80 respondeu à altura.

Agora, eu também diria o seguinte: quem começou a greve foi a disposição da classe, a diretoria apenas fez o papel de direção dessa classe, colocando os instrumentos dela a serviço dela: colocou as assembléias, colocou certas posições a serviço desse estado de espírito. Mas, quem terminou a greve foi a própria classe. Vocês vêem que aquele negócio foi dirigido, muitas vezes o pessoal que estava preso pensava que tinha que continuar, mas a classe disse que não e voltou. O pessoal da diretoria achou que não podia, não sei lá o quê. Mas a classe já estava voltando, ela decidiu voltar porque achou que não tinha, nessa greve de 80, mais condições de continuar. Só um dado: o fundo de greve atendeu a vinte mil companheiros — muita coisa — foram 12 milhões de cruzeiros arrecadados. Na última, em 1979, foi um milhão e meio só, nessa foram 12 milhões, atendeu 20.000 companheiros, distribuiu 500.000 toneladas de alimentos, é muita coisa né, mas o que é isso? Vinte mil não chega a ser nem 20% da categoria dagui, acho que é 10 ou 15%. Nesse aspecto há, então, um ponto positivo, os outros 80% ou 90% viveram do seu próprio fundo de greve, positivo. Mas, negativo, pois na hora que acabasse, eles iam voltar. Quer dizer, a gente não tinha controle. Isso serve até como lição para o futuro, nós vamos ter que organizar um sistema de atendimento, realmente, para todo mundo, para levar a greve até onde a classe determinar. E muita gente fala assim na fábrica: "Pô, os caras que levantaram o braço lá, que iam até a morte, iam até seis meses, quatro meses, voltaram, né, é traição!". Não é traição, é que, realmente, o movimento, no seu todo, não tinha condições de dar alimento para esse pessoal, para durar seis meses, mas a disposição do cara era ir até seis meses.

Pedro: Ele queria ir, mas não tinha estrutura para aguentar.

Isalas: Acho que isso serve como lição para o futuro, mas é importante ver a força que a gente teve nessa greve e a sua fraqueza ao mesmo tempo. Só para terminar, eu quero dar a minha opinião que, talvez, vá ser ponto de contradição: durante esse período todo de preparação, de reuniões de comunidades de base, antes da greve, durante esses quatro ou cinco anos anteriores, fêz-se esse trabalhinho pequeno. Dois ou três, como a gente falava no começo, iam lá e faziam. Era de teimosia mesmo. Muitas vezes a gente questionava se era importante ou não: "vamos deixar isso aí, vamos fazer outra coisa, vamos lá para o sindicato". Muitas vezes a gente tinha a tentação de abandonar o negócio, sabe. Agora tem o seguinte: na luta se provou que foram esses grupos que deram verdadeiro apoio à greve.

Foram esses trabalhos pequenos, insignificantes, que podiam parecer insignificantes, que durante a luta foram os verdadeiros instrumentos da classe. Foram as entidades pequenininhas, de trabalho de base, que deram grande apoio, que se juntaram ao comitê de solidariedade e deram grande e verdadeiro apoio, não foi a unidade sindical dos sindicalistas, mas foi aquele trabalho baseado naquela telmosia e persistência, apesar de pequeno. Foram essas entidades, com essa linha de trabalho de base e também de independência, de não instrumentalizar a classe, mas dar instrumentos para a classe se libertar. Foram grupos com esse pensamento, foram os pequenos grupos de comunidade que antes trabalharam em São Miguel, Itaquera, em São Mateus, e todas as comunidades da zona leste, foram esses grupinhos, com o seu trabalhinho, que na hora da luta foram os grandes instrumentos. Não foi aqui-

lo que a gente desejaria que fosse, mas que talvez vai ser no futuro, mas foram os melhores. Agora eu pergunto o seguinte e é al que eu coloco a questão: e os grupos políticos, o que fizeram? Com a grande carga política que o pessoal de muitos grupos políticos se determinou a fazer uma organização de esquerda, na hora mesmo da prática, na hora desse momento-chave, o apoio deles, a importância deles, a contribuição deles na greve, foi muito menor do que a realidade pedia, Era essa comparação que eu gueria fazer entre os grupos políticos, com tendências demarcadas, que muitas vezes são instrumentalizadoras da classe, que vão levar a classe para aquilo que eles querem e não para aquilo que a classe quer. Nesse momento, se embananaram todos e, na prática, não conseguiram responder. Esse é um ponto, talvez, para uma reflexão muito maior, porque é um ponto-chave, pois eu colocaria assim: de um lado, grupos organizados libertadores e de outro, grupos organizados instrumentalizadores de uma classe, com objetivos já pré-determinados, que vai acabar sendo, também, a exploração ideológica da classe. Para mim, existe, então, essa diferença e mesmo os grandes partidos, até o Partido dos Trabalhadores, se embananaram todos. O PT não fêz nada como partido; seus militantes sim, trabalharam para caramba, mas ele como organização, como PT, foi nulo. Não diria que foi o pior, mas acho que a gente esperava muito mais dele, ou que eles esperavam muito mais deles próprios. Isso mostra, mais uma vez, que esta greve foi dirigida pela classe e esta procurou os locais onde poderia ser dado o apoio real.

Pedro: Não é discordando dele, mas acho que olhando de uma outra maneira. Eu comentaria a colocação dele a respeito da questão do porquê não houve greve em Osasco, em São Paulo, lugares onde havia um trabalho de base maior e houve aqui, onde o trabalho de base, principalmente nos bairros, foi praticamente nulo. Por que isso? Ele faz toda uma colocação mas fala muito pouco sobre o sindicato, que é, realmente, o que fêz a greve. Esta foi uma greve sindical. Por que, então, em outros lugares onde existe trabalho de base mais efetivo nos bairros, ou seja, trabalho das oposições sindicais que são mais organizadas nos bairros, como em São Paulo, por exemplo, a greve foi um fracasso? É porque, eu acho, a classe operária, hoje, reconhece o sindicato como um orgão de classe. O Isaías colocava a existência do sindicato atrelado quando falava daqueles três itens, mas nós temos, ainda, o sindicato atrelado; o sindicato é o mesmo, a estrutura

sindical é a mesma. Só que aqui, em São Bernardo, é a partir da luta pela reposição salarial que o trabalhador passa a ver o sindicato com outros olhos. Ele passa a reconhecer no sindicato um órgão de classe, porque o sindicato comeca a responder ao nível de consciência que a classe operária tinha. Como eu já coloquei, o trabalhador, a classe operária tinha um nível de consciência muito maior do que as lutas propostas pelo sindicato. O trabalhador, então, podia criticar; "o sindicato não resolve nada, com sindicato ou sem, o aumento é o mesmo". Mas quando o sindicato de São Bernardo assume a luta pela reposição salarial e depois assume a luta da greve de 78, ele passa a ser reconhecido pelos trabalhadores. Eu acho que o movimento sindical consegue atingir muito mais a massa do que as comunidades de base. Elas têm um trabalho importante. Como o Isaías coloca, na questão da solidariedade esse trabalho miúdo foi fundamental. O que, realmente, sustentou a greve durante a intervenção, foram o fundo de greve e essas comunidades de base, porque ai nós não tinhamos sindicato e as direções foram para os bairros. Mas eu acho que o síndicato é, hoje, o que a classe trabalhadora reconhece, o que, realmente, ela assume em termos de liderança. Uma prova disso foi o que aconteceu na greve de São Paulo e o que aconteceu na greve aqui. Quanto à outra coisa que o Isaías coloca, sobre a volta ao trabalho porque o fundo de greve não atendia a todos, eu não acho que a volta ao trabalho foi porque eles não viam no fundo de greve condições de serem atendidos. Eu acho que o trabalhador voltou ao trabalho também e, principalmente, porque ele não via mais perspectivas. A uma certa altura da greve, quando não havia mais negociação, chegou-se a um impasse que não tinha saída. Não foi muito pela fome, então, que não vê na greve condições de ser atendida, mas sim porque não havia saída. O trabalhador começou a perceber isso antes até que a comissão de salários, que as lideranças e começou a falar: "bom, não tem saida, o que eu posso fazer, eu vou lá trabalhar". Uma outra questão que o Isaías coloca, sobre o Partido dos Traba-Ihadores. Havia um problema na questão do PT: ele nasceu em São Bernardo e nós nunca poderíamos colocá-lo na frente da greve. A gente se negava a discutir, por exemplo, sobre o PT, durante a greve. A gente se negava a falar sobre o PT, porque a gente não falando, muitos al estavam dizendo que essa briga aqui era por causa do PT. Como PT, realmente, a gente não tinha condições, porque nós não queríamos fazer de nossa greve uma greve partidária. Tanto assim que nós tínhamos aqui o PMDB e outros partidos que também apoiaram. Mas, pelos informes que eu tenho e não sei se você tem, os núcleos do PT, em outros lugares, sem se colocarem como PT, foram dos que mais ajudaram. Mas como PT não tinha condições de fazer isso. Senão faria uma grande confusão e aí sim, os outros partidos, ao invés de apolarem, de ajudar como ajudaram, passariam ao campo da crítica. Foi, então, mais uma questão estratégica do que propriamente de assumir ou não assumir.

Isaias: Eu só queria, antes de você continuar, acrescentar uma coisa sobre a volta ao trabalho. Eu citel o exemplo do fundo de greve como um desafio para a gente pensar melhor na estruturação do plano da alimentação porque é importante. Mas, eu concordo com o que você colocou, que faltava uma perspectiva política para uma vitória, uma saída para conseguir a vitória, que não adiantava continuar por muito tempo. Acho que também isso al foi uma coisa muito importante. Eu acho que é nesse momento aí que o cara toma consciência de que a dimensão da luta é nacional. Essa foi uma das consciências tomada no final da greve pela classe, pois agora todo mundo fala nas fábricas, que é o Governo que está impedindo, que o problema é a nível nacional, é de estrutura, é contra as outras categorias também, porque uma categoria sozinha, nós sozinhos, não conseguimos. A consciência do trabalhador, agora, cresceu, também nesse sentido de ver a dimensão nacional da luta.

José: Eu gostaria de fazer uma complementação sobre a volta dos operários ao trabalho. Talvez não fosse o problema do fundo de greve, mas sim porque viam uma perspectiva negativa de seu poder. Perspectivas negativas alimentadas pelas notícias pagas da televisão, horas e horas o cara da CIESP e da FIESP aparecendo lá e falando ao trabalhador: "volte a trabalhar hoje, se você não voltar, amanhã você vai ser mandado embora sem seus direitos". Eu acho que isso al foi o fator principal, porque eu conversei com uma pessoa, de outra região, que trabalhou direto com a gente, durante a greve. Como ele era muito velho na Mercedes Benz, com 16 anos de casa, faltando só seis meses para se aposentar, ele ficou com medo que a empresa o mandasse embora sem direitos. Ele, pai de três filhos, com 57 anos de idade, achava que la ficar no mundo da amargura; se ele visse, contudo, o outro lado, o do cristão, ele la aceitar e la até o fim da briga; acontecesse o que acontecesse, ele estaria ao lado da categoria. Eu figuei chateado com ele: "você que esteve tanto no sindicato, nos deu tanto testemunho, você que tanto incentivou o pessoal a ir firme nessa greve, talvez você tenha cometido um ato de traição quando voltou ao trabalho antes de terminar a greve". Ele me respondeu: "Eu vou explicar a você, o que aconteceu comigo foi exatamente isso — abandono de trabalho, trinta dias fora da empresa, a CLT diz que é abandono de trabalho — rua, sem direito — e eu com 16 anos de casa não posso perder todos os meus direitos. Por isso eu voltei a trabalhar no dia 28 de abril". Esse talvez seja o fator principal do pessoal ter esvaziado a greve rapidamente.

Pedro: Eu acho que o antecedente da greve de 80, o que mais contribuiu, foi a greve de 79, foi ter participado em 79, em 78. Foi através dessa lição, da participação nessas greves, que o pessoal veio para 80 com muita experiência, com uma perspectiva: agora vai ser diferente, agora ou dá ou deixa. Isso ai é muito importante e eu acredito - talvez esteja errado - que se possa fazer greve, mas em São Paulo vai ser bastante difícil. Lá, as duas últimas greves foram bastante ruins em termos de experiência. Em termos econômicos a nossa também foi um desastre, mas não em termos políticos. Lá em São Paulo, o problema político foi bastante desastroso, de um lado porque o sindicato foi ainda mais desacreditado e por outro, o trabalho das oposições sindicais, dos grupos políticos das comunidades de base não tiveram condições de ser reconhecidos como liderança. Eles não responderam a nível de direção, não foram reconhecidos pela categoria, só o foram em determinadas áreas onde o nível do trabalho era mais forte, né. Lá, por exemplo, eram feitos piquetes e em São Bernardo eles não existiam. Aqui nós só tivemos piquetinhos em portas de fábricas, nos pontos de ônibus, só depois da intervenção no sindicato. Eu me lembro que em 1979 eu fiz muito piquete em ponto de ônibus. Este ano aqui nós reunimos o pessoal e fizemos piquetes como a gente fêz em 1979. Chegando lá nós ficamos como bobos, pois todos os ônibus que nós parávamos não tinha ninguém dentro. Isso foi até depois da intervenção. Já no fim sim, houve piquetes, quando houve esse problema que o companheiro colocou do abandono do emprego. Al a gente fêz o piquete, mas em nenhum momento como em 79. Na porta da Volkswagen, por exemplo, não existia o piquete, existia um grupo de pessoas, duas ou três, que faziam o levantamento de quantas pessoas estavam entrando.

José: Como eu já citei antes, nós tivemos os trabalhos que serviram de preparação e reforço para a gente entrar firme na greve. Quando nós entramos na greve, nós da comunidade, junto com a Pastoral Operária, nós já tínhamos aquele pessoalzinho da própria comunidade organizado. Nós metalúrgicos, assistíamos as assembléias, procurávamos a opinião do grupo -, voltávamos para o bairro trazendo um monte de boletins. Lá, o nosso pessoalzinho distribuía os boletins e avisava o dia e a hora da próxima assembléia. Na nossa comunidade, no nosso bairro, no início da greve, nós não fizemos piquetes porque nós estávamos preocupados em realizar uma greve justa, pacifica, porque ela iria para julgamento, certo? Ela já havia sofrido uma interrupção quando os juizes se recusaram a julgá-la legal ou ilegal. Nós continuamos, então, a não fazer piquetes, a distribuir boletins, a falar na missa: "a greve está firme, o povo está firme, não vamos dar para trás, vamos continuar firmes, como irmãos, porque o Cristo, afinal, está por nós. Ele quer que nós nos libertemos dessa tristeza, dessa opressão que nós sofremos. Se não estivermos unidos, vamos fraquejar. A única maneira de aparentar força é estarmos juntos". Eu era membro da comissão de salários, mas eu ficava só assistindo as assembléias; isto até quando houve a intervenção no sindicato. Al passamos a usar a praça da Matriz, porque o campo de Vila Euclides foi fechado. Começou a surgir muita violência e eu, então, achei que seria melhor parar de ir na Igreja Matriz e começar a rezar as orações para os irmãos aqui do bairro. Foi justamente antes de começar a missa da terça-feira, 3 de maio, que chegou um companheiro, responsável pela estatística de quantos tinham entrado na Mercedes Benz, na Scânia, na Volks; me chamou e avisou que o nosso bairro estava sendo o maior furão da greve. Al eu chamei um dos coordenadores da comunidade e lhe disse que nós precisávamos, urgente, dar um aviso total, acionar os aparelhos de comunicação do bairro e que nós precisávamos começar a "ferrar o pau" já, amanhã de madrugada. Salmos a pé avisando o pessoal, era meia-noite, nós estávamos, ainda, na rua, batendo na porta do pessoal, e falando: "o nosso bairro está assim e assim, estão furando muito a greve e amanhã de madrugada nós estamos com cento e tantos homens para fazer piquetes, amanhã ninguém, nenhum metalúrgico, sai para trabalhar". No outro dia, às quatro horas da manhã, nós saímos para a rua, com oitenta e tantos homens e fomos fazer piquetes, formamos várias equipes com cerca de vinte pessoas cada uma. Volta e meia a gente la perguntar ao companheiro como estava a estatística

e naquele dia foi jóia. A tarde nós nos reunimos na Igreja e ficamos ouvindo as conversas dos operários que comentavam que naquele dia tinham ido trabalhar mas que os caras do piquete não deixaram. Quando era um cara conhecido no bairro, nós iamos à casa dele perguntar porque ele estava furando greve. A resposta de um deles foi; "estou furando greve porque tem um cara aí que deu uma de machão em cima de mim e falou que se eu fosse furar a greve ia me cortar a orelha". Aí eu comecei a sentir a violência que alguns queriam levar. Nós já somos violentamente explorados na empresa, já temos aquela consciência calejada. E vem outro cara falar em violência em cima da gente, não dá, né? A gente tem que ter, então, uma palavra amiga, uma palavra de amor e dizer que não, que Deus não quer violência. Deus quer a unidade dos irmãos, ele não quer a separação; ele quer todos juntos, é o preto, é o branco, não nos interessa a religião, o que interessa é a força, é a unidade. Falando assim eu consegui convencer o cara e ele disse que não la mais furar a greve. Como eu disse, nós formamos as equipes. A equipe 1 trabalhava fazendo piquetes de madrugada, três horas da manhã eu estava na rua, podia chover ou não, nós estávamos juntos.

Nós adotávamos, inclusive, táticas para não haver prisões. Uma sugestão era cada um pegar o seu macacão, embrulhar e colocar debaixo do braço. Na hora que a Polícia chegasse era só dizer que não conhecia os outros caras, que ia trabalhar "a situação está feia, eu tenho que trabalhar, não dá para o senhor me levar, dar uma carona?". Essa era a tática para limpar a barra com a Polícia. A equipe 2 prestava atendimento ao pessoal, caso precisasse levar ao médico, precisasse fazer um barraco. Nós tivemos, mesmo, que derrubar um barraco e construir outro para uma pessoa. Nós tivemos, também, que procurar uma pessoa que esteve desaparecida do nosso bairro. Essa pessoa foi trabalhar na Crysler, não era metalúrgica, passou mal e levaram-na para um hospital. Lá no hospital essa pessoa sumiu, você precisava ver que apavoração deu na família.

Nós moramos em um bairro superperiférico, o mais pobre possível, não tem água encanada, não tem esgoto, então a gente se enfia naquele apavoramento, naquela tristeza que existe, aquelas ruas sem nada. Nós íamos levar mantimentos para uma pessoa, fazíamos uma vaquinha na Igreja para comprar alguma coisa para uma pessoa necessitada, mesmo que

não fosse metalúrgica. Se ela fosse lá embaixo, na Igreja Matriz, ela só seria atendida se fosse metalúrgica. Nós fizemos, então, um próprio fundo de greve meio desbaratinado, meio falso, para pessoas que não eram metalúrgicas. Esse trabalho era da equipe 2. A equipe 3 trabalhava na programação da articulação, trazia os boletins, distribuía, passava filmes, abria a palavra para todo o mundo, quem aparecesse lá, mesmo não sendo metalúrgico, fazia parte, dava sua opinião. A equipe 4 trabalhava fazendo relatório de quem foi preso, de quem foi solto, quem foi internado, que não foi. A gente procurava assessorar um companheiro que tinha mais ligação e conhecimento com os advogados e parlamentares que podiam soltar os presos. Durante os piquetes, tinha gente que até tremia quando nós estrávamos no ônibus ou chegávamos na porta do ônibus. Nós pergutávamos se o cara era metalúrgico e o cara, tremendo: "não, não, eu vou ao médico". Eu falava: "tá bom, vai tomar um cafezinho, descansa um pouco a cabeça e volta amanhă, hoje você não vai trabalhar". Mas o caso mais bonito durante os piquetes foi o do Pedrão. Nós estávamos fazendo piquete desde as três horas da madrugada. Podia ser umas quatro horas, nós estávamos no ponto do ônibus e ao lado havia um brejo e nós não sabíamos. Nós cercávamos todo o ponto de ônibus, a entrada e a saída do bairro. O bairro só tinha duas saídas, uma era pelo lado de F., onde tem um tal murão que divide a Vila S. J. com o bairro de F. Ali costumavam ficar uns vinte operários fazendo piquete e eu soube de cara que ficava até com pedaço de pau. Mas isso não era o nosso forte, onde eu ia, procurava dirigir o piquete da forma mais simples. Eu só ouvia as notícias, os recados em casa, que falavam de pessoas que queriam me pegar. Eu mandava outro recado, para que viessem como homem conversar comigo, como cristão, que eu tinha um papo bom para bater com eles, mas sem brigar. Bom, como eu estava dizendo, nós estávamos naquele ponto de ônibus, com o macação debaixo do braço. Uns estavam de olho para ver se a polícia vinha e um deles avisou que ela vinha vindo, bem devagarinho, com luz apagada. Um falou: "vamos desbaratinar!". Eu nem me mexi, "vou fazer o quê? se a gente corre a polícia pega a gente, então se ficar é melhor". Eu já estava preparado para dizer vou trabalhar porque eu sou peão/ estou cansado / estou passando fome / o meu macação está aqui. A polícia não pode prender a gente com macacão senão dá um galho violento. O macação é a arma que a gente não pode largar, é o documento, é a prova que estamos trabalhando na empresa. Bom, conforme a polícia ia chegando e um lá avisou, quando eu quis querer dar uma manjada para ver se dava tempo de correr, um cara já estava atolado, até o pescoço, no brejo. Era o Pedrão, dois metros de tamanho, eu só ouvi aquele rugido no meio do mato, Nossa Senhora, deve ter alguém morrendo. Era o Pedrão que tinha saído em uma disparada e perdeu as duas botas. Até hoje, quando se fala nessa daí o Pedrão fica com vergonha, porque um cara tão grande daquele jeito, tão mole, mas vivo para caramba. Mas o nosso piquete não parou aí, porque se fazia piquete de madrugada até umas sete horas, depois vem o pessoal que vai trabalhar às 8 ou 9 horas, pois as portas das fábricas ficavam abertas, o cara entrava e saía a hora que queria. Durante o dia a gente fazia um revezamento, um grupo ficava das oito horas em diante fazendo aquele piquetinho meio desbaratinado e o outro grupo la descansar porque desde as três horas, na rua, não dava.

Isaias: A minha participação durante a greve foi, como eu já disse, no fundo de greve. Eu tive mais contatos com os bairros da zona leste, com o comitê de alimentação e compra de alimentos. Com relação aos comitês da zona leste, foi um exemplo muito interessante que mais tarde poderia ser avaliado lá com eles, ver como eles se organizaram. É mais ou menos o exemplo de organização no bairro que o José contou al. Houve em quase todos os bairros um determinado tipo de organização nesse estilo, com algumas diferenças. O mais interessante foi que por falta de comunicação no início, uns faziam uma coisa, outros faziam diferente e, às vezes, o cara inventava coisa mais rica, outro depois pegava mais tarde, mas houve, assim, uma diversificação muito grande de idéias e de colocação e de prática da atuação, conforme a própria realidade local. Não daria, aqui, para fazer um balanço geral de como atuaram os comitês; só que eles atuaram de uma maneira diversificada e sempre com relação à própria realidade que eles viviam. O comitê de São Miguel, Paulista, por exemplo, foi muito rico nessa organização. Ele criou um posto de distribuição de alimentos e o mais interessante é que foi o único posto que se manteve sozinho. Arrecadou e distribuiu alimentos sozinho, não precisou pedir nada ao fundo de greve, abasteceu toda a área com a sua própria arrecadação e ainda sobrou para outros lugares. O exemplo de São Miguel é interessante, pois se eles conseguiram isso é porque eles montaram equipes de arrecadação que funcionaram.

As vezes a gente vê certos locais que montaram equipes de arrecadação mas que não funcionou, sempre dependia diretamente de vir buscar alimentos aqui na Matriz para distribuir lá. Mas no caso de São Miguel, eles nunca vieram pedir alimento aqui e abasteceram a região toda. A gente, então, não dava alimentos para o pessoal de São Miguel porque sabia que tinha um posto funcionando lá. Outro fato interessante em São Miguel, é que eles criaram uma equipe de visitas, coisa um pouco inédita. A função dessa equipe era visitar família por família. A função do cara da equipe era, por exemplo, visitar cinco famílias pela manhã. O cara não conhecia aquelas famílias, entrava nas casas e depois ele fazia, à noite, o balanco do que ele encontrou. A familia ou a mulher estavam, às vezes, desanimada, preocupada. A mulher gritava: "chegou o cara do sindicato", era aquela animação. Chegou, traz as notícias ai; se estivesse desanimada, já animava. E o cara da equipe também pegava as opiniões da esposa, do cara. Convidava o cara para participar e tal. Era interessante esse negócio porque à noite ele la avallar como estava a situação das famílias, como estava a moral do pessoal, se estava alta, se estava baixa. Mas o mais importante é que ele trazia o ânimo e fazia a ligação entre a casa, que era a familia, e o movimento. Foi um exemplo pequeno, é lógico, não daria para dizer que foi multo estendido, mas mostrou que a equipe de visitas funciona e fucionou maravilhosamente. Essa não era uma equipe para visitar os fura-greves, para amedrontar, era para visitar os próprios grevistas, ou a própria esposa do grevista, que, às vezes, não participava da comunidade. A zona leste foi, também, uma zona importante para os piquetes que ficavam nos pontos de ônibus das fábricas do ABC. Esses piquetes funcionaram maravilhosamente bem, com muita participação, muito bem organizados e sempre tendo em vista o problema de esclarecer os companheiros do porque eles não deviam ir trabalhar.

Eu participei de um piquete que foi muito interessante. O pessoal do piquete começou a achar aquele negócio muito sem graça, porque eles paravam os ônibus em um ponto e não tinha ninguém dentro, só guardas de segurança da Volks e bombeiros da fábrica. Naquele momento da greve, esse pessoal era liberado para entrar, mas depois até esses não deixavam mais. O piquete resolveu, então, entrar no ônibus. Entraram uns quinze no ônibus para ver se nos outros pontos não ía entrando gente furando a greve. Nós resolvemos ir com o ônibus até o fim e o motorista concordou. Era muito

engraçado quando abria a porta do ônibus - sempre abria para um cara bombeiro ou um guarda que estava esperando - e o cara ficava assustado vendo guinze pessoas logo ali na frente, pedindo a carteirinha da fábrica. O cara entrava assustado no ônibus e tinha que mostrar a carteirinha para confirmar que era bombeiro. A gente la conversando com os caras até a fábrica. Os bombeiros chegavam a fazer, por causa disso, uma lista lá dentro da fábrica para arrecadar dinheiro para o fundo de greve. Outro fato, também, é que os padres, as freiras, todos participavam dos piquetes e alguns chegaram a levar até uns cascudos por aí. Lá na zona leste teve um padre que estava fazendo piquete junto com o pessoal. Estavam todos dentro de um bar quando chegou a po-Ilcia. Al todo mundo fingiu que estava bebendo. O padre que nunca tinha bebido, engoliu um copo de pinga, não sabia nem onde encontrar o dinheiro para pagar, tiveram que pagar para ele. Só sei que ele bebeu um copo de pinga ali, como se estivesse bebendo água, como se estivesse bebendo vinho.

Outro fato aconteceu também nessa mesma padaria. Havia um cara que era muito visado, estava em tudo quanto era piquete, mas nunca tinha sido preso. Ele estava na padaria quando encostou a rádiopatrulha lá. A criatividade do trabalhador nesses momentos é um negócio fantástico. O cara estava perdido, cercado de todo o lado, o negócio era entrar na padaria, mas isso só não adiantava, né, a polícia viria atrás. Ele entrou, então, normalmente dentro da padaria; estava um cara fazendo pão, amassando a massa: "quem é você?". "Fiscal", respondeu ele. E já foi revisando a massa, vendo como estava a massa, os caras meio confusos com o fiscal. Foi lá atrás, no banheiro, ele sempre levava uma roupinha dele, trocou de roupa e salu pelos fundos. Exemplos como esse tem muitos. Como o casa, o Nordestino, que resolveu fazer piquete sozinho, de manhã cedo, lá na S. M. Parou um ônique que tinha dois caras dentro que iam furar a greve. Ele entrou lá dentro para tirar os caras, mas nisso chega a rádiopatrulha e encosta na porta do ônibus. Ele então desceu tranguilo e os policiais perguntaram: "o que você está fazendo aí?". E ele respondeu: "eu ia trabalhar, mas aqueles dois lá me mandaram descer, agora eu não vou mais". Essa daí tem que ter muito sangue frio.

Francisco: Para completar, eu queria contar um fato que aconteceu quando nós fomos fazer o piquete na saída do pessoal mensalista. Um companheiro nosso, depois que nós pa-

rávamos o ônibus, ia lá dentro e tirava o pessoal. Não aceitava desculpas - "eu já vou embora, eu sou mensalista, eu sou do banco, eu sou da cooperativa" - fazia todo o mundo descer com aquele jeitão dele. Uma vez, quando ele deu fé, chegou a polícia e entrou dentro do ônibus. Ele, então sentou no último banco e ficou parado, assobiando. O guarda chegou e perguntou: "onde você trabalha?". "Na Mercedes". Mostrou a carteirinha e o guarda mandou ele descer do ônibus. E ele, muito cretino do jeito que ele é: "Pô, até vocês?". E foi descendo. Mas quando ele chegou lá na porta do ônibus, um dos caras que ele tinha feito descer e que estava puto da vida porque estava perdendo, inclusive, o horário de ir para a aula, dedou o nosso companheiro como piqueteiro, para a polícia. Ele foi posto direto no camburão, preso na hora. Só pegaram ele e deram uma boa volta com ele por aí e depois soltaram.

Daniel: O trabalho nos bairros durante a greve foi muito parecido na organização. Eu fazia a ligação com a comissão e o bairro. Um ponto que eu queria levantar é que houve uma grande participação do povo nos bairros. A gente era ajudado na distribuição dos boletins e das orientações do sindicato, pelo povo do bairro, pelas donas de casa, os jovens, o pessoal de outras categorias. Ajudava, inclusive, a alertar quando tinha muita polícia. Depois que começou a organização nos bairros, a polícia centralizou nos bairros. O povo, então, avisava quando tinha muita polícia, em que rua que estava.

José: Um fato curioso também, foi o uso de umas tabuinhas venenosas com pregos que o pessoal dos piquetes la jogando nas ruas onde tinham muita fábrica. Vinha aquela fila de ônibus das fábricas e quando era daí a dois minutos, havia uns trinta ônibus com os pneus furados, na Av. Mal. Faria Lima. O pessoal que estava nos ônibus tinha que sair correndo para ver se dava tempo de pegar o horário, pois com essa furação de pneus já perdiam a hora.

Francisco: A participação na greve é isso aí que o pessoal falou. Eu acho que todo mundo participou quase que da mesmo forma, principalmente o pessoal que está aqui que é o pessoal da comissão. O único lance foi o da Igreja lá da Vila P. que não aceltou que a gente se reunisse lá. Houve um dia, inclusive, que chegaram até a chamar a polícia para tirar o pessoal lá da frente da Igreja. O pessoal teve que sair mesmo, eu estava lá nesse dia e apesar de ser conhecido dos padres não teve jeito.

P.: Eram operários que moravam no bairro?

Francisco: Eram. Não houve jeito mesmo de reunir, não deixaram mesmo.

P.: E como está agora a relação dos operários com os moradores do bairro?

Francisco: Sabe, é um problema quase social. O pessoal que mora lá é uma classe média em ascensão. A própria maneira como se colocam é diferente, não sei se é um bairro um pouco mais burguês. Sei lá, é até decorrência disso. É mais dificil levar alguma coisa com esse pessoal, de mostrar a eles a realidade. É um pessoal um pouco alienado para determinadas coisas, não consegue entender, sei lá. Eu queria agora, contar um caso que aconteceu no Dia das Mães, durante a greve. Nesse dia haveria uma passeata das mulheres e nós precisávamos de flores e de bandeirinhas. Eu e outro companheiro da "comissão dos 16" ficamos encarregados de comprar as bandeirinhas e as rosas. Eu já tinha conseguido as bandeirinhas, estava tudo pronto, mas ele não conseguia as flores, porque sendo Dia das Mães não tinha mais. Quando conseguia, era um preço absurdo e, mesmo assim, o cara não dava certeza se la conseguir ou não arrumar as flores. O nosso companheiro foi, então, ai no velhinho da floricultura e ele disse que não tinha também. O companheiro resolveu, então, abrir o jogo e disse que as flores eram para a passeata das mulheres. Quando o velhinho soube que era para a greve dos metalúrgicos, ele mudou por inteiro. Foi logo perguntando de quanto a gente precisava, o companheiro pedia 500, ele arrumou 800 e ainda velo dar uma de floricultor, trazendo as flores até aqui na porta da Igreja. Isso porque estava uma repressão violenta. Para a gente subir com qualquer pacote, nós tinhamos que subir dentro de um carro camufiado de uma certa forma, para os caras não tomarem, porque senão chegando aqui a polícia tomava. O velhinho trouxe as flores aqui na porta e não cobrou nada. No dia em que a gente relatou isso para o pessoal do DEOPS e para o pessoal da comissão, pô, o pessoal vibrou sabe, foi uma coisa muito importante, né.

P.: Quem era esse pessoal do DEOPS?

Francisco: Sabe, esse era um problema até em nossas reuniões, quando a gente fala no pessoal do DEOPS é o pessoal que estava preso. José: Eu queria encerrar com um refraozinho que a gente cantou muito no 1.º de Maio: "Chora Figueiredo, Figueiredo chora, chora Figueiredo que chegou a sua hora"."

Pedro: Eu acho que esse trabalho que vocês estão fazendo tem que ser feito dessa maneira, para que a classe trabalhadora comece a escrever a sua história, porque a história que a gente aprende ai nas escolas não fala do do trabalhador. Eu acho que quem faz a história é quem está ligado diretamente com a produção; acho que sempre foi assim, só que o sistema só coloca os heróis, não é? Mas esse é um trabalho multo difícil de fazer porque a gente fica falando, contando os fatos - pois quem faz o movimento são os fatos, não é -, e a gente fica horas e horas e cada vez vai surgindo mais coisa. Se nos fizéssemos um levantamento dos jornais. do dia-a-dia da greve que os jornais registraram, ainda que nem sempre tudo tenha saldo, daria para a gente se basear e lembrar das coisas. Eu mesmo esqueci de muita coisa e o jornal serviria para lembrar. Eu participei daquela comissão que foi falada aqui, a "comissão dos 16"...

## P.: O que era essa comissão?

Pedro: Essa comissão foi formada antes da greve, foi tirada daquela comissão de salários, para no caso da prisão da diretoria, essa comissão dos 16 assumir a direção do movimento. Tudo o que aconteceu durante a greve foi previsto. A gente se surpreendeu com algumas questões como, por exemplo, a gente esperava que a intervenção não viesse logo. que a decretação da ilegalidade da grave viria logo e aquela coisa toda, mas tudo no decorrer da greve foi previsto: intervenção, prisões, o cerco da Matriz de São Bernardo e nós estávamos preparados para tais coisas. Essa história que está sendo registrada por vocês é importantíssima, porque nós mostramos - não é para jogar confeti em cima da gente um potencial em termos de organização que foi tremendo e isso tem que ser registrado. Essa experiência tem que ser colocada, porque eu acho que é uma maneira de colocar o que o trabalhador faz. Nós não tívemos, ainda, em momento algum, a mão de intelectuais. Todas as vezes que intelectuais e políticos guizeram botar as mãos, eles foram denunciados. Pelo fato de ter participado nessa comissão dos 16, nós sabemos de coisas que a massa não sabe. Como, por exemplo,

<sup>\*</sup> NE: A música do refrão é a de "Cirandeiro", de Martinho da Vila:

a participação dos políticos dentro dessa greve foi um negócio, assim, de dar vontade de brigar, quando a massa pensava que os caras estavam apoiando. A gente teve que enfrentar muita sujeira por causa de alguns políticos, não estou falando que foi de todos, que foi um negócio incrível.

P.: Você acha que pode contar alguma coisa mais específica?

Pedro: Eu acho que vai levar um tempo para isso, inclusive, com mais gente que estava comigo e que presenciou isso, com gente que fêz reuniões com esse pessoal. Vamos deixar as coisas passarem, um dia isso vai ter que ser colocado no papel. Essa greve foi cheia de coisas. Nessa comissão, eu era responsável pelo negócio dos boletins da greve. Eu tinha que pegar o boletim e levar para os bairros, onde o pessoal pegava para distribuir. Quem escrevia o boletim era a gente, era a comissão dos 16. Nós continuamos fazendo o boletim como nós fazíamos no sindicato. Era um boletim bem feito, com o timbre do sindicato. Nós montávamos o boletim e isso al requeria uma técnica. Nós tínhamos que ficar, muitas vezes, atrás disso al para fazer um boletim sempre certinho, para que não desse uma conotação de que o boletim era clandestino. Nós chegávamos a rodar de 60.000 até 120.000 boletins. Esses boletins eram distribuídos em uma média de três horas. Era, assim, um trabalho fantástico, a gente contando parece até que está mentindo, mas era assim. Agora, isso exigia um sacrifício violento. Por exemplo, quando uma reunião terminava uma hora, duas horas da manhã, o pessoal la para casa dormir e eu la tratar do boletim com mais alguns companheiros, o pessoal do boletim. Nós tínhamos um lugar central onde os boletins eram colocados para o pessoal dessa comissão ir lá pegá-los e levá-los para os bairros. Eu, muitas vezes com o carro cheio de boletins, tinha que fugir da polícia. Eu sala de madrugada. Uma noite eu quase me matei, sal fora da estrada porque dormi no volante. Eu andava com o carro a toda, com a policia atrás. Eu andava assim no centro de São Paulo, às seis horas da tarde, com a polícia atrás, a gente no meio do trânsito, "costurando" o trânsito que nem doido, né. Eu rodei uma média de quase oito mil quilômetros nesses 41 dias. Eu dormia no carro, eu e mais os outros companheiros. Cada um tinha uma responsabilidade nesse esquema todo. Cada um tem uma história incrível para contar. Aquele grandão lá que caiu no brejo, também tinha um papel e tem uma história para contar. O papel dele é tão importante quanto o meu, quanto o do pessoal aqui. Há colsas fantásticas para contar, não só da participação no movimento, mas sobre o que isso resultou na família da gente. A minha mulher, por exemplo, queria até se desquitar de mim. Todo mundo tinha um problema dentro da família. Houve os momentos em que a mulher, por exemplo, apoiou o marido, estava junto, mas havía as horas mais difíceis em cada casa, o cara não ia trabalhar e a mulher fazia pressão para o cara trabalhar. Toda essa história deve ser colocada, sempre em uma escala de valores única, isto é, não colocar um cara que faz aquelas análises danadas, mas um cara que, simplesmente, conta o que fez ou deixou de fazer. Eu acho que nós deveríamos ouvir, inclusive, o cara que furou a greve desde o começo, para saber porque esse companheiro furou a greve. Nós poderemos ver, então, porque o nível do trabalho que nós fizemos não atingiu esse companheiro.

Epilogo (ou Começo?)

A Pastoral Operária de São Bernardo do Campo

P.: Na apresentação inicial, todos os operários presentes se identificaram como membros da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo, com exceção de dois deles que disseram ser um, membro da JOC e o outro, da Pastoral da Juventude. Eu queria saber, então, como e há quanto tempo essa Pastoral se organizou.

Frei Beto: É preciso dizer que a Pastoral Operária de São Bernardo se organiza a partir da greve de 80. Ela praticamente inexistia antes da greve. Existem aqui muitos trabalhadores que são membros de suas comunidades de base, como é o caso, por exemplo, de Severino, mas esse segmento específico da Igreja na classe operária, que é a Pastoral Operária, passa a existir a partir da greve, em São Bernardo do Campo. Isso em São Bernardo, não no ABC, porque em Santo André, por exemplo, já existia organizada há bem mais tempo, e em termos de organização de conjunto da Diocese do ABC, já existia também. Mas os núcleos de São Bernardo começam a se organizar agora, depois da greve.

P.: Como se dá a passagem para a Pastoral Operária? Os operários saem das comunidades de base ou dos outros movimentos como JOC e ACO?

Pedro: Eu, também, fui da JOC, quase uns sete anos e eu me lembro que nós começamos a falar de Pastoral Operária em Santo André talvez em 74 ou 75, não me lembro bem. Essa Pastoral surgiu da experiência que já acontecia em São Paulo, que era de Pastoral Operária e que depois passou a chamar-se Pastoral do Mundo do Trabalho. Em Santo André a gente começou com pessoas que tinham passado pela JOC ou que estavam na ACO. Eram pessoas que já tinham uma experiência em movimento de Igreja e não propriamente pessoas que só faziam sindicalismo. Eram pessoas que, ou tinham passado, na juventude, pela JOC ou que estavam ainda na ACO e que viam na Pastoral condições de fazer um trabalho mais comum entre, por exemplo, o pessoal da JOC e da ACO. Isso foi no começo, quando eu participei. Depois, inclusive, eu saí da Pastoral, porque não havia uma linha, não se tinha definido qual era o papel da Pastoral. A gente via que era importante frente à necessidade de um trabalho mais conjunto, mais amplo; isso vendo um pouco a experiência de São Paulo. Mas não se definia, pelo menos até guando eu figuei, não conseguimos definir qual era o papel da Pastoral. Depois eu me afastei, mas ela continuou, inclusive, com núcleos em alguns bairros. Esses núcleos foram sempre partindo de pessoas mais ligadas à Igreja, de um pessoal que já tinha passado por esses movimentos, nunca foram buscar pessoas dentro do movimento sindical. Mas o próprio pessoal que já tinha um trabalho no bairro ou dentro da fábrica, tinha sua militância despertada nesses núcleos da Pastoral.

José: A minha integração na Pastoral Operária resultou da nova reformulação que a Igreja fêz no ano de 1978. O Papa, dentro do documento de Puebla pediu à Igreja para voltar-se, prioritariamente, para a pobreza. Deveriam constituir-se núcleos com o nome de Pastoral do Mundo do Trabalho, deveria haver, também, uma Pastoral da Familia e as Comunidades de Base. Aqui no ABCD foi realizada, no final de 1978, uma pesquisa geral e foi realizada uma assembléia onde se votou quais os três itens prioritários para que a Igreja desenvolvesse um plano de Pastoral para todas as foranias do ABCD. Feita a votação, foi eleita em primeiro lugar a Pastoral Familiar, depois as CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e depois a Pastoral do Mundo do Trabalho. A minha integração na Pastoral Operária se deu al. Eu já pertencia a outros movimentos de Igreja, eu já fazia parte da comunidade, só que não existia essa separação entre a Pastoral Familiar, a Pastoral Operária, certo? Eu comecei a trabalhar com as CEBs e de-

pois eu saí e ingressei na Pastoral Operária, porque o nosso grupo deveria colocar em funcionamento, nas comunidades, os núcleos de Pastoral Operária. Apesar de que, eu não me desliguei da comunidade, continuo trabalhando, dando uma mãozinha em diversas comunidades, mas já mais dentro da Pastoral. Agora, o sindicato também ajudou multo, porque a gente aprendia dentro do sindicato, que nós frengüentávamos bastante, principalmente no tempo de greve. A gente aprendia, então, uma consciência que era, também, a consciência da Pastoral Operária, isto é, uma consciência superconsciente do mundo operário, da exploração que acontece e o que a gente tem que fazer para sair dessa exploração. A parte da Pastoral Operária era uma parte mais evangélica - de denunciar as coisas erradas e procurar no meio do pessoal, no meio do povo, solucioná-las com um trabalho de união. No sindicato há, também, um trabalho de união, mas o trabalho da Pastoral é um trabalho menos político. Do lado da Igreja não tem politica, simplesmente a gente age como um fermento que tem que apoiar o povo, procurando unir o pessoal, com uma estrutura toda ela baseada no Evangelho.

Francisco: Antes de participar da Pastoral Operária eu tinha uma militância sindical. Por aí eu fiquei conhecendo o Frei Beto que me convidou a participar da Pastoral Operária. Tenho participado, porque eu achei que era um local onde a gente podia fazer um trabalho, pois a gente, de certa forma, está cerceado de fazer um trabalho sindical, isto é, via sindicato. Então, sei lá, a gente tem que se organizar de outras formas e a Pastoral Operária é uma delas, é uma opção. Eu acho que tem muita gente boa aí que pode ajudar e a gente pode fazer um trabalho importante dentro da Pastoral.

José: Eu queria fazer uma complementação. A Pastoral Operária tem mais facilidade de ação, durante as pressões políticas, do que o sindicato. No sindicato os homens falam logo em eliminar os representantes do sindicato; agora, sendo na Igreja, ela já mexe praticamente em todo o universo. Para nós é mais fácil de assumir certa responsabilidade e ir firme. Talvez esteja havendo uma necessidade de se manifestar e se integrar na Pastoral Operária.

Severino: Antes da Pastoral, eu fazia parte da comissão de salários do sindicato, e foi através do movimento na fábrica, da organização e da mobilização que eu cheguei até a Pastoral Operária, através do colega José. A gente discutia na fá-

brica e um dia ele falou que quando surgisse um convite para participar da Pastoral Operária, ele me avisaria. Foi o que aconteceu: através do trabalho no bairro, na comissão de salários e do trabalho que nós fizemos na mesma fábrica — nós trabalhávamos na Mercedes — eu fui convidado a participar da Pastoral Operária.

Pedro: Há uma questão aí que foi levantada, sobre o sindicalista na Pastoral ou da Pastoral no sindicalismo, que eu acho importante. A gente percebe que em Santo André houve uma tradição em termos de Pastoral Operária, já tem um bom tempo. Que, como eu disse, surgiu de um pessoal que tinha, por sinal, uma tradição dentro do movimento de Igreja e movimento operário. Em São Bernardo isso não acontecia, só veio a acontecer a partir das greves agora. Eu acho que tem um dado al que a gente tem que analisar. Em São Bernardo, por exemplo, a gente tinha um sindicato que, ainda que não fosse o que é hoje, era já, há algum tempo, um sindicato mais combativo. Ao contrário, justamente, do que sempre foi em Santo André. Quando se tem, então, um sindicato fechado, em que não há nenhuma possibilidade de participação no interior, nem de organização, pois o sindicato não dá cobertura para isso, a gente vai para os bairros. E a Igreja, nesse sentido, em termos de Pastoral Operária, JOC, ACO, esse tipo de coisa, dá chance desse movimento crescer, porque se torna a alternativa. Veja aí o caso de São Paulo. Em São Bernardo eu me lembro que, em 1977, a gente tentou formar uma Pastoral Operária aqui. Foi uma época em que houve uma mudança na diretoria do sindicato e a gente não sabia qual seria o espaco que nós teríamos com essa diretoria. A gente tentou, então, articular a Pastoral Operária, inclusive, a gente fazia as reuniões agui na Matriz. Nós ficamos fazendo reunião aqui um bom tempo, mas na medida em que a gente foi participando do sindicato, inclusive depois do 3.º Congresso dos Metalúrgicos que teve no Guarujá, a gente teve um espaço muito grande no sindicato. A Pastoral Operária, então, se desarticulou. Eu vejo, pois, o seguinte: a Pastoral tende a crescer na medida em que ela tem um sindicato fechado; e na medida em que o sindicato, como o de São Bernardo, começa a fazer um trabalho mais de massa, com o tempo, por uma série de questões, a Pastoral se dilui. Hoje já existe outro momento e eu posso fazer a pergunta: como é que hoje, quando o sindicato deu uma prova de maior abertura ainda, surge a Pastoral Operária? Eu vejo, entretanto, que a Igreja deu uma demonstração de participação a partir das greves de 1979 e 1980. Quer dizer, a Igreja mostrou que ela tem força e que, realmente, ela está junto com a classe trabalhadora. Ela se colocou à disposição dos trabalhadores; hoje, o trabalhador sente e vê na Pastoral Operária um instrumento da sua luta. E, por outro lado, pela participação da Igreja na greve, não se colocando como direção do movimento, mas sim como apoio do movimento, eu acho que o pessoal não está vendo a Pastoral Operária como alternativa, no sentido de, se o sindicato está sob intervenção, ver a Pastoral Operária como um trabalho paralelo. Eu acho que não é isso. Eu acho que a participação da gente na Pastoral Operária não é porque haja menos risco de repressão, mas sim porque vemos uma forma, um instrumento de participação.

## P.: Existem requisitos para pertencer à Pastoral Operária?

José: O objetivo da Pastoral Operária é seguir o caminho do Evangelho, que Deus deixou, para que nós combatêssemos as opressões, as injustiças. É preciso, então, ser uma pessoa bastante comunicativa, que goste de trabalhar, de lutar por um dia melhor. Se ela for comunicativa, for uma pessoa bastante amiga e querida do povo, é mais fácil para ela conseguir levar mais um colega para ouvir nossas palavras. Nosso objetivo é o de denunciar, claramente, as injustiças e formar o amor fraterno. A gente, sendo cristão, tem que se amar e hoje está tão difícil o amor. Então a gente fala assim: "meu irmão, a gente tem que se unir para combater as injustiças que estão fazendo aí". Nós estamos fazendo isso em nome de Cristo e as pessoas vão ver que isso é verdade, que se a gente se unir a gente val conseguir resolver mais facilmente o nosso problema. Os patrões estão bem unidos, é a voz deles que manda em tudo; a nossa voz, pouca autoridade tem, ela só vai ter alguma força se a gente estiver consciente do que nós estamos querendo. O que nós queremos é ter o direito de igualdade que foi deixado por Deus, direito de ser igual a todos, sem distinção, certo?

P.: Para participar, então, da Pastoral, o indivíduo precisaria, de certa forma, acreditar ou colocar as coisas como você está colcando?

José: É mais ou menos isso daí. Pode ser crente, pode ser católico, desde que ele esteja de acordo em lutar por justiça, por liberdade e por igualdade.

Marcos: Eu acho que não existem critérios para você pertencer à Pastoral Operária, nem de religião, nem de crença, nem de raça, de nada, sabe? Quando você falou que, para entrar na Pastoral, é preciso se colocar dessa maneira, eu gostaria de fazer uma ressalva. Não existe dogmas, não é um negócio dogmático, não é um negócio com certas regras que o camarada tem que seguir. É um negócio organizado a partir das bases.

## P.: Como isso é visto pelo senhor, Padre?

Padre: Eu acredito que, em primeiro lugar, todo o povo tem direito de lutar pela sua defesa, pela sua organização como pessoa humana e como sociedade. Analisando a Declaração dos Direitos Humanos Universais, aprovada depois da Segunda Guerra Mudial, em 47 ou 48, por aí, a gente vé que para ter esses direitos humanos o homem deve fazer a maior luta, para conseguir que exista liberdade de organização, liberdade nos sindicatos, que exista liberdade de se organizar como povo, direito de reunião e uma série de coisas. Então, fundamentalmente, como dizia o Marcos, não precisaria de muitos critérios. Mas eu acho que alguns critérios gerais se deverá ter, porque existe, também, um nome - Pastoral Operária e geralmente isso se engloba dentro de uma organização que se chama Igreja. O operário não precisará ser totalmente católico, luterano, nem protestante etc., mas existe o evange-Iho. Por isso que, deve haver, fundamentalmente, um critério: de pensar, pelo menos, de acordo com os direitos universais do homem e de acordo com o Evangelho, que são fundamentais em toda a transformação da sociedade.

Frei Beto: Eu diria que há três critérios básicos e suficientes: ser operário, ser cristão e aceitar a linha da Pastoral Operária da Diocese do ABC.

P.: Toda comunidade de base deveria ter, ou deve ter, um grupo de Pastoral Operária?

Joel: A Pastoral Operária funciona como se fosse um grupo central dos diversos grupos nos bairros. São, geralmente, os representantes desses grupos que participam das reuniões da Pastoral Operária, ou são trabalhadores que não pertencem a esses grupos mas que atuam dentro das fábricas. Agora, vai depender muito da participação do pessoal da comunidade, da realidade que a gente está vivendo. Existem muitas comuni-

dades que não têm essa participação na Pastoral Operária e isso por uma série de fatores, muitas vezes pela classe social do bairro, da vida do bairro. As vezes é um bairro rico, então tem menos participação. Depende, portanto, do bairro, se for um bairro operário, praticamente terá um grupo de Pastoral Operária.

P.: Não existe conflito entre os diferentes grupos que atuam na comunidade? Isto é, não existe conflito entre aqueles que atuam no sindicato, por exemplo, e os que pertencem à Pastoral Operária?

Pedro: Para mim isso ai contém uma certa crítica à Pastoral. Na minha Pastoral ainda não está definido se a Pastoral desenvolve um trabalho de massa ou é mais um trabalho de reflexão. Se ela for desenvolver um trabalho de massa, então, eu acho que entra essa questão al. Até que ponto a Pastoral Operária, se organizando nos bairros e discutindo a questão do trabalhador, não corre o risco de ser um sindicalismo paralelo? Essa é uma crítica de algumas pessoas que não entendem de Pastoral Operária, que não entendem de trabalho de base. Mas é uma coisa para a qual a gente tem que ficar atenta, porque a gente vai começar a deliberar coisas, por exemplo, em termos de Pastoral Operária, que serão coisas paralelas ao movimento sindical. A deliberação, em termos de classe operária, em termos de metalúrgicos, cabe às assembléias do sindicato e não à Pastoral Operária. Agora, se a Pastoral Operária é um movimento de reflexão, então eu não sei até que ponto você vai ter que ter núcleos de Pastoral Operária em todos os bairros, com um trabalho de base, e nem sei o que esse trabalho faria. Portanto, há ainda, para mim, uma questão de Pastoral Operária que ainda não está clara, em termos da própria Pastoral. Quando a gente pensou, por exemplo, em Pastoral Operária aqui no ABC, a idéia era de juntar o pessoal da JOC, da ACO, que fazia um trabalho na tábrica, um trabalho miúdo, de militante, de ficar acompanhando fulano, aquele negócio de ver, julgar e agir. Mas, até hoje, eu não tenho ainda claro qual seria esse papel da Pastoral Operária. Hoje, então, quando se coloca a Pastoral Operária aqui em São Bernardo, eu colocaria o seguinte: a Pastoral vai atender às deficiências de organização de classe, agora que o sindicato está sob intervenção? Ou vai ser um movimento, com elementos de vanguarda, que servirá de lugar onde os cristãos que atuam no movimento sindical poderão refletir sobre as lutas populares e a transformação da sociedade como

um todo e não, simplesmente, de como se tomar o poder ou de como criar um governo dos trabalhadores, ou coisa parecida. Isto é, de refletir de como vai ser o compromisso dos membros da Pastoral Operária enquanto cristãos. Estas são, para mim, questões muito sérias que a Pastoral Operária tem que responder, enquanto Pastoral Operária.

José: Eu não sei se vou conseguir responder à sua pergunta, porque ela é um pouco complicada. Eu não sei se você se lembra bem quando D. Cláudio falou, aqui, que o nosso movimento grevista era um movimento pacífico. Por que ele falou isso? Porque estava para ser julgada a legalidade ou ilegalidade da nossa greve. O objetivo da Igreja é sempre agir de maneira pacífica. Então, ela não vai orientar, e nem a Pastoral Operária, o nosso pessoal que vai sair fazendo piquete amanhã de madrugada, para dar socos e pontapés. Esse não é o nosso papel. O nosso papel é o da conscientização cristă, de que nós só devemos falar sobre a atuação das pessoas dentro do cristianismo. Se nós vermos que todos somos iguais, não vai precisar agredir ninguém - porque aí nós estaremos fazendo a nossa parte de cristão. O nosso objetivo é de participar do movimento operário, de ajudar o sindicato a organizar-se em diversos pontos. Com a intervenção nos sindicatos multos entenderam que a força do sindicato acabou, mas nós que temos uma conscientização como sindicalista, a gente sabe que não acabou, porque ela persiste dentro da gente. E o que é que a gente faz aí? A gente, então, passa a obedecer a determinadas organizações, como por exemplo, a Pastoral Operária, que através da Igreja assumiu toda a responsabilidade de conduzir a greve, porque era uma greve justa e pacifica. A gente esquece, então, aquele problema de que você, sendo do sindicato, vai ser preso, porque você é de Pastoral Operária e está agindo dentro de uma lei completamente religiosa, completamente pacífica. E quando a gente está fazendo um trabalho religioso dentro da lei pacífica, a gente não pode ser preso, pois a gente não está infringindo determinados artigos jurídicos. A gente passa, então, a acompanhar aquele movimento pastoral, de Pastoral da Igreja. È assim que eu vejo os movimentos pacíficos e os não pacíficos. Os não pacíficos, você já viu, a polícia cai em cima e você sabe o que acontece. E os pacíficos agem naquela linha de Cristo: escrever em linhas tortas com palavras certas.

P.: Qual a prioridade de atuação da Pastoral Operária? É um trabalho dentro da fábrica ou um trabalho no bairro?

Joel: Acho que em ambos. A Pastoral age tanto nos bairros quanto nas fábricas. Existem os representantes nos bairros e, respondendo à sua pergunta se não surge um conflito com o sindicato, eu diria que não, porque a Pastoral Operária não age paralela ao sindicato. Ela age com o sindicato, ela trabalha a serviço do sindicato, juntamente com o sindicato. Se o sindicato está se organizando nos bairros, se tem uma organização sindical dos trabalhadores nos bairros, eu acho, também, que pode ter, conjuntamente, a da Pastoral Operária. Não dá para dissociar a Pastoral Operária do sindicato.

Pedro: Eu acho o seguinte pessoal: o trabalho que a Pastoral Operária faz no bairro é o de avaliar o trabalho que ela faz dentro da fábrica. É o lugar onde os grupos de trabalhadores vão se reunir, vão discutir e fazer uma avaliação da sua participação dentro da fábrica, não só dentro da fábrica mas também dentro do bairro. A Pastoral faz trabalho de bairro? Mas o que é trabalho de bairro? É lutar pelos problemas que há dentro do bairro, luz, água encanada, esgoto, problemas de lazer. Isso é que é trabalho de bairro, no qual elementos da Pastoral Operária podem estar dentro. Elementos da Pastoral Operária podem estar dentro do sindicato. Esses elementos da Pastoral Operária têm o compromisso, não só como elemento da Pastoral Operária, mas como cristão, de ter um trabalho dentro da fábrica, de ter um papo com o companheiro aqui, com o companheiro lá, com o outro companheiro. Mas eu não vejo que o objetivo dessa sua militância seja o de trazer o cara para a Pastoral Operária, mas sim o de levá-lo, em primeiro lugar, para o sindicato. Para que ele tenha uma participação sindical, para fazer com que esse conmpanheiro participe da luta, seja um cara sindicalizado. O objetivo, portanto, é o de sindicalizar os trabalhadores, é de fazer um trabalho sindical. Agora, nos núcleos de Pastoral Operária em que participa, ele vai avaliar essa tarefa que ele está cumprindo. Porque eu acho que ele tem um compromisso muito malor do que o cara simplesmente sindicalista. O membro da Pastoral Operária dentro do trabalho de militância que faz, tem que fazer, além do trabalho sindical, uma militância cristã também. Eu acho que esse é o trabalho que ele vai fazer no bairro.

Marcos: O Joel falou sobre a atuação do sindicato e da Pastoral Operária no bairro. São duas frentes de ação e são duas forças que devem se unir para buscar a massa. Eu acho que não pode haver discussão, não pode haver briga, não pode haver rivalidade, não pode haver diferença de trabalho para as duas. As duas são uma força que se une no bairro para buscar o proletário à participação, para adquirir consciência, para agir no bairro dele, e, consequentemente, na fábrica em que trabalha. Quanto à colocação do Pedro, eu acho que a Pastoral Operária não pode ser um movimento assim, que já vem com os objetivos definidos, sabe. Eu acho que é uma coisa que vai nascendo conforme ela vai se organizando. Ela não é um movimento de conscientizadores, mas é um movimento de pessoas que estão se conscientizando também, de pessoas que vêm à Pastoral Operária e que acabam adquirindo a consciência da realidade que elas vivem. Esses caras, então, não podem chegar e definir qual é o objetivo, o que a Pastoral Operária vai fazer ou vai deixar de fazer. Eu acho que esses objetivos vão aparecer sim, mas eles vão ser o resultado de todo um processo, de toda uma caminhada.

José: Pelo que eu entendi está parecendo o seguinte: de um lado a Pastoral Operária, não sei se eu posso usar essa palavra, é um sindicato de Deus. É um sindicato que procura orientar o pessoal naquela linha básica de Cristo. Do outro lado, o nosso sindicato que também está organizando o pessoal mas não tem uma preocupação com a Igreja. No caso do sindicato, então, ele talvez tenha o objetivo político de conscientizar o pessoal contra as explorações, para ter o direito de viver o dia-a-dia. Esse direito também nós defendemos também, mas como religiosos. Só que do nosso lado nós zelamos sempre para ser um movimento pacífico, determinado. Do lado do sindicato é um movimento mais político, não se preocupando tanto com a paz ou a violência. Nós cristãos devemos ir para a fábrica corrigir o colega ou corrigir o chefe quando eles agem erradamente. O evangelho fala que a gente tem que amar aos outros como Cristo nos amou, então isso a gente vai levar para a fábrica, com a seguinte mentalidade: "meu irmão, não é bom você dar uma dedada no colega, porque vocês dois estão criando um problema, criando uma inimizade. O nosso objetivo é ser unido para escapar da exploração. A gente estando unido, consegue sair dessa exploração". Quanto ao sindicato, vai procurar trazer o pessoal para a sua sede, vai procurar orientar o pessoal dentro da fábrica fazendo aquelas reuniões de grupinhos ou em assembléias, convocando o pessoal para assumir determinadas coisas que estão prejudicando a categoria. Essa é, na minha opinião a maneira do sindicato cristão, da Pastoral Operária conduzir o pessoal e do sindicato, também paralelamente, que procura conscientizar o pessoal a exercer certa função. P.: Como nós ficamos, então? A Pastoral Operária fica com o lado moral e o sindicato com o lado da mobilização? Como fica aqui a questão do sindicato paralelo que o Pedro já havia eliminado?

Francisco: No outro dia a gente teve uma discussão no ABC, ou no Partido dos Trabalhadores, não me lembro, que colocava a questão de trabalho de bairro e de trabalho no bairro. Eu acho que há uma diferença fundamental e aí é que está o problema. A gente tem que levar Pastoral Operária e sindicato e entre os dois há uma diferença, e grande. Já se falou aqui dos critérios básicos para o cara participar da Pastoral Operária, ao passo que esses critérios para o sindicato já não são três, talvez fossem mais ou até menos, não sei, preciso parar para pensar. Eu acho que a idéia básica dos dois é a mesma: reivindicar para quem está sendo explorado. È isso que tem que ser encaminhado, não sei se por tal ou qual organização. tantas foram faladas aqui. Para mim todas elas têm um significado só: estão buscando alguma coisa em prol de alguém. Eu acho que não tem que ficar pensando se a gente vai levar um sindicato paralelo. Eu acho que esse troco al não existe: eu acho que, se a gente tem que reivindicar alguma coisa, e se está fazendo isso, ficar com tendência - um puxa para lá, o outro puxa para cá - é uma pura besteira, sabe. Eu acho que a gente tem que fazer uma frente, e alguém aqui já falou em frente, mas uma frente forte. È Pastoral Operária. eu sou sindicalista, mas estou dentro da Pastoral Operária, como estou dentro do Partido dos Trabalhadores, estou dentro de um monte de coisas. São coisas que estão representando aquilo que eu tenho vontade de alcançar, ou que, pelo menos, têm essa mesma vontade de alcançar. Não existe, assim, esse negócio de sindicalismo paralelo. Eu estou lá dentro do movimento sindical, estou aqui dentro da Pastoral Operária, pelo menos estou comecando, como estou dentro do Partido dos Trabalhadores, e estou no trabalho de bairro. Eu acho que não estou fazendo sindicalismo paralelo mas estou fazendo o que tenho vontade de alcançar. Quanto ao lado moral ou ao lado político, eu acho que essa divisão também não existe. Eu acho que o sindicato, também, apregoa, de certa forma, a paz. Todas as vezes em que foi feito uma reunião, a gente apregoou a paz, de maneira a não deixar as coisas descambarem, procurando levar a coisa dentro de uma linha que não ultrapassasse o limite da Constituição que nós temos ai.

Daniel: Acho que ele respondeu bem. Eu fui do movimento de Igreja e passei a participar do sindicato. Eu tomei consciência de meus direitos como homem e como filho de Deus e tenho direito a tudo. Para se organizar existe o sindicato, que é uma forma de organização. Na medida em que a gente toma consciência, a gente vê que tem que participar do sindicato. Eu vejo o seguinte quanto a questão da paz ou não paz. No meu bairro, por exemplo, que é um bairro da periferia, tem gente que não come, que está passando fome. A gente vê, não precisa ler, estou vendo no dia-a-dia. O pobre está, então, sendo cortado no seu direito. Deus é contra isso. Agora, se for preciso dar um chacoalhão em algum colega, eu dou. Como cristão eu dou, porque tem gente morrendo diante dos braços cruzados dele. Eu acho que o cristão não 6 só pacífico, na hora de precisar dar um chacoalhão ele dá, porque o Cristo chacoalhou o pessoal com chicote quando precisou. Ele fez isso porque estavam mudando o templo de Deus. E a gente aprendeu que o homem é o templo de Deus e se o templo dEle está sendo agora profanado a gente tem que chacoalhar e dar uma bolachas de vez em quando. Isso como um cristão, mas não precisa matar. A gente está passando fome e tem esse direito. Agora, eu não vejo a Pastoral Operária como um sindicato paralelo, porque o verdadeiro Ilder forma outro líder. Ele não vai querer derrubar o outro líder, mas sim formar. A consciência que eu recebi, durante esse tempo que eu participo do movimento de Igreja, é que ela está a serviço do sindicato. A Pastoral Operária apóia todo movimento de massa. D. Cláudio falava para dois mil, quando foi preciso falar para cinquenta mil, ele falou. A mesma coisa é a Pastoral Operária. Quando ela for convocada para gritar para mais pessoas, acho que ela vai prestar esse serviço. Mas, se ela passar a querer ganhar o sindicato, eu acho que ela não está mais cumprindo a função dela, está totalmente contra. Ela está a serviço para conscientizar, para levar o trabalhador, através de sua consciência, a participar dos melos que o levam a traçar seus planos e lutas. Um cara conscientizado vai saber qual a hora dele dar um chacoalhão e qual a hora de não dar. Agora, nem o sindicato prega a morte, nem a Igreja. Um cara que bagunça uma luta, eu acho que ele não está consciente. Quando ele está consciente mesmo, ele vai planejar sua luta de forma que todos participem. Tanto o trabalho que a Pastoral Operária está desenvolvendo, quanto o do sindicato, é para conscientizar o trabalhador. Agora, um cara consciente participa de seus sindicatos.

Francisco: Eu não concordo, quando ele fala que a Pastoral. Operária está a serviço do sindicato. Daniel: Não é assim, a serviço direto. O nosso papel como Pastoral Operária não é estar a serviço do sindicato, mas de conscientizar. Não é criar o sindicato. A greve, por exemplo, não é a Pastoral Operária que vai planejar, tem o sindicato lá. O papel da Pastoral Operária é despertar, foi o que aconteceu comigo, despertou o meu valor como homem. É que eu, como um homem completo, tenho que participar daquelas associações que, realmente, são da minha categoria.

Francisco: Al sim, a Pastoral Operária ao invés de estar a serviço do sindicato, é constituída de trabalhadores a serviço do trabalhador.

Frei Beto: Eu acho que o debate está em um nível muito conceitual, de definições de áreas, de não sei o quê. Eu acho isso apenas uma questão de opção. E como a Pastoral Operária, aqui, está começando agora, é, realmente, difícil para a gente estar definindo muito aquilo que nós estamos começando a organizar.

P.: A Igreja tem sido acusada, devido a existência dos Circulos Operários Católicos, da Juventude Operária Católica e da Ação Católica Operária, de procurar afirmar e definir um sindicalismo cristão. Essas organizações católicas têm sido vistas, criticamente, como uma forma de sindicalismo paralelo. A atuação da Pastoral Operária, em certos lugares, não tem sido entendida dessa forma?

Padre: A Igreja atualmente, e isso seja dito como um simbolo de São Bernardo, se tornou um sinal profético, digamos assim, dentro de toda essa caminhada de assumir a classe operária. A greve dos metalúrgicos foi, para mim, a arrancada da Igreja, a vontade de assumir o povo, assumir aquilo que Cristo sempre assumiu, que era, justamente, o povo. Eu acho que isso está preocupando muito ao próprio Governo e, especialmente, às classes altas, e ao capitalismo. Mas eu vejo essa nova posição da Igreja frente à massa, frente ao trabarhador, como um sinal dos tempos. Eu não vejo isso como uma caminhada da Pastoral Operária paralela aos sindicatos. mas sim como uma missão própria da Igreja junto ao povo. É uma característica própria da Igreja e do povo cristão. Não tem nada que ver com o sindicato. O povo, desde o Ato dos Apóstolos, desde o início, sempre se organizou para se defender daquilo que vem agredir as suas bases, a sua estrutura e a sua própria felicidade. De modo que, se amanhã esse povo organizado dentro da Pastoral Operária necessitar de outros órgãos para caminhar juntos, eu acho que desde que os fins e os meios sejam bons, é normal que eles busquem o apoio dos sindicatos. Eu acredito que a Igreja e o povo têm o dever e o direito dessa praxis.

José: Eu queria fazer uma complementação. Quando eu falei que a Pastoral Operária era um sindicato eu me expressei
mal. Primeiro, porque segundo a Consolidação das Leis Trabalhistas, tem que haver uma associação ou um sindicato que
zele inteiramente pelos direitos do trabalhador. Esse é o nosso sindicato. Agora, a Igreja exerce o seu trabalho cristão,
como o Padre falou, com um sinal profético. Ela, então, trabalha junto ao sindicato. O sindicato orienta o que os trabalhadores devem fazer e a Igreja também orienta-os, inclusive,
a participar, a dar mais força ao sindicato, que é a força máxima para conseguir os direitos trabalhistas. Isso é da lei
sindical.

Pedro: Eu acho que essa discussão sobre o papel moral da Igreja um negócio muito água com acúcar. Não sou muito fã disso al não. Sou um cristão meio testa de ferro, no sentido de ser, assim, casca grossa. Eu acho que quem falou, por exemplo, em uma greve pacífica, não foi a Igreja. Quem colocou que a greve podia ser pacífica foi a orientação do sindicato. E no dia em que os sindicatos, que os trabalhadores acharem que tem que se fazer uma luta com o pau de fogo, a Pastoral vai ter que assumir isso. A luta um dia vai ser com pau de fogo, porque eu não acredito na mudança da sociedade com muita água com açúcar, não. O sistema vai se garantir com armas e brucutus e nós vamos ter que dar uma resposta à altura disso. Agora, ser cristão, para mim, é assumir essa luta. É assumir a luta do povo dentro daquilo que o povo designa como tem que ser essa luta. Quando o sindicato colocou que a luta devería ser pacífica, é porque nesse momento nós trabalhadores entendemos que a luta sería pacífica. Agora, a Igreja em nenhum momento - e aí está o papel fundamental que a Igreja teve, a sua maturidade - dirigiu uma palavra de ordem. Em nenhum momento deu orientação aos trabalhadores. Ela deu apoio. Abriu as portas quando as portas do estádio, do Paço Municipal, dos sindicatos, tinham sido fechadas. Para mim, a Igreja é um lugar que acolhe os trabalhadores em suas reivindicações, que são justas. Por outro lado, quando se fala muito em Pastoral Operária, é dar um valor a ela, dentro dessa greve, que ela não teve. Eu

acho que ela não teve o valor dentro da greve que se está dando aqui. Quem deu o apolo foi a Igreja, foi a Diocese. Isto é, a Pastoral Operária não assumiu isso aí como um movimento de Pastoral Operária, pois tudo o que se fez em termos de Igreja, todo o valor, o conteúdo que se deu, dependeu muito da pessoa de D. Cláudio e de algumas lideranças cristās que estão dentro do sindicato, mas que não assumiram enquanto Pastoral Operária. Por isso que eu não vejo esse sindicalismo paralelo, essa coisa de que a Pastoral Operária desenvolve o papel moral da coisa, porque ela não tem representatividade para isso. O muito que a Pastoral Operária fez foi assinar debaixo de uns boletins, debaixo de algumas notas de apoio e tal, como Pastoral Operária do ABC. Mas ela, como Pastoral Operária, não tem representatividade ainda, no ABC. São núcleos pequenos. Quem deu, realmente, representatividade, foi a pessoa de D. Cláudio, a pessoa do Padre aqui. O cristão da rua, membro da Pastoral Operária, membro da JOC, membro de qualquer movimento de Igreja, inclusive de comunidades de base onde simplesmente se organiza o pessoal do bairro para preparar a missa e o curso de noivos, esses tiveram uma participação, também, muito grande. Só que a participação desse pessoal, inclusive em seus meios de trabalho, foi como trabalhador e não como membro de Pastoral Operária. A Pastoral Operária não tem, portanto, a possibilidade de se colocar como sindicalismo paralelo, isso é um absurdo. O trabalhador participou como cristão, no seu meio de trabalho, em seu bairro.

Frei Beto: Aqui em São Bernardo, a Pastoral Operária se diluiu no movimento operário, porque os dois caminham no mesmo rumo. Não tem sentido, então, para a Pastoral Operária, ser um movimento paralelo. Ela alimenta na fé o engajamento dos militantes operários, nas várias esferas de ação próprias do movimento operário. A Pastoral Operária é a presença dos trabalhadores dentro da Igreja, e presença da Igreja dentro, no meio do trabalhador, como trabalhador. O pessoal atua aí, então, seguindo as orientações dos sindicatos. Quando eles vêm para a Pastoral Operária, a gente faz a reflexão dessa atuação à luz do Evangelho. Essa é, inclusive, a proposta de trabalho que a gente está tendo agora. A gente quer refletir a greve dentro de uma visão bíblica. Mas a atuação deles se dá como trabalhador.

Pedro: Na minha atuação dentro da fábrica eu não separo o meu trabalho, enquanto sindicalista, do trabalho como cristão

ou como operário. É preciso entender aí, o que é o trabalho da Pastoral Operária. O trabalho de Pastoral Operária não é ter uma ação de Pastoral Operária dentro da fábrica ou de organizar a fábrica para a Pastoral Operária. O trablho que eu fazia na fábrica — agora eu estou desempregado — não era de trazer o cara para a Pastoral Operária, mas sim, era de levar o cara para o sindicato. Esse, para mim, é o trabalho cristão, desde que eu faça que esse companheiro descubra que ele é explorado, que ele precisa participar de seu orgão de classe e que nos precisamos nos organizar para lutar contra as injustiças. Esse para mim é um trabalho cristão, é um trabalho da Pastoral Operária.

Isaias: Não discordando de você, absolutamente, mas eu queria ver um outro aspecto dessa mesma questão. Quando a gente fala em trabalho organizado da Pastoral Operária dentro da fábrica, é importante a gente citar e avaliar se ele existe ou não, porque ele pode ter um resultado positivo ou negativo. É importante um trabalho organizado da Pastoral Operária dentro da fábrica? Bom, a realidade mostrou que os caras que estão ligados à Pastoral, pelo menos aqueles que eu conheço e que estão dentro da fábrica, têm condições de um aprofundamento melhor, porque eles têm as reflexões no seu grupo de base, no seu grupo de bairro e tem condições de, em certas coisas, de uma maior reflexão dentro da própria fábrica. A atuação deles, para mim, tem sido positiva. É importante avaliar isso ai, como cristão, mas não como cristão em função de um cristianismo abstrato, mas em função da luta e dos objetivos da categoria. Eu avalio e até agora tenho avaliado, que essas pessoas, como cristãos, têm contribuido multo beneficamente, para uma reflexão da categoria sobre os seus objetivos. Eu acho importante avaliar o que os cristãos organizados estão fazendo. Quando eu trabalhava na Volks conheci lá uns caras que participavam de grupos de jovens, TLC (Treinamento de Lideranças Católicas) e tal. Esse pessoal não atuava porque não tinha a dimensão do cristianismo libertador e também tinha um comportamento ruim. Mas, na medida em que chegava um cara de uma comunidade de base fazendo um trabalho de Pastoral Operária, com uma visão diferente, esses caras iam e recebiam uma nova dimensão do cristianismo. Eles passavam, então, a atuar melhor. Isso dai eu comprovei, agora, no final da greve. Na fábrica onde eu estou atualmente trabalhando há uns caras que participam de grupos jovens e tal e estão me procurando para saber se a Pastoral Operária está se organizando, se há reuniões, quando há, qual o local. Há um companheiro lá dentro da fábrica que participa de uma comunidade de base consciente, é um cara assim de uma reflexão muito grande sobre a realidade, muito bom, e ele já começou a procurar certos jovens daqui de São Bernardo, que participam de um trabalho comunitário atrasado, para que eles procurem participar da Pastoral Operária aqui, em um trabalho mais avançado politicamente, em um trabalho que vá à raiz do negócio. Esse é o papel do cristão que eu acho importante: feito em função da classe e não do cristianismo.

Pedro: Eu acho que para avaliar tudo isso ai é importante uma coisa que eu aprendi, também, dentro da Ação Católica - às vezes, a gente tira um sarro disso - e que, para mim, é fundamental. É a tal da religião de vida que Cardiin, fundador da Ação Católica, da JOC, comentou. Eu ainda tenho esse espírito dentro de mim. Para avaliar tudo isso al é preciso fazer uma revisão de vida e eu acho que esse é o papel da Pastoral Operária, o de que cada militante, da Pastoral Operária ou desses movimentos, faça uma revisão de vida: como é que eu estou trabalhando na fábrica? Isso é uma coisa que o sindicato não faz. Quando eu coloco aqui que a minha preocupação inicial dentro de um trabalho de fábrica é a de organizar o pessoal dentro da fábrica, é a de levar esse pessoal para o sindicato, eu não estou separando aí o trabaího sindical. Eu acho que o primeiro passo é esse, porque para o cara ter uma visão cristã ele tem que ter uma visão coletiva, e essa visão coletiva ele vai ter dentro de seu órgão de classe. Essa é a minha preocupação. Eu tenho fatos que comprovam isso. Dentro da fábrica em que eu trabalhava tinha um outro militante sindical e o pessoal chegava para mim e dizia que o fulano falava e tal mas não era como eu, pois eu mostrava atitudes e coisas que os caras não sabiam explicar. Eu entrei para essa firma aí e com vinte e cinco dias de casa a gente fez uma greve de nove dias e nós ganhamos, conseguindo quatro meses de estabilidade. Se fosse mandado algum trabalhador embora nós parariamos outra vez. Isso foi depois da greve de 1979, na qual nós já tínhamos assegurado quatro meses de estabilidade e com essa de nove dias nós asseguramos mais quatro meses. Mas havia um companheiro lá que era um cara malandro que batia em todo mundo, era metido a valente, desordeiro, era considerado um mau elemento por todo mundo. Ele teve uma briga com o supervisor de segurança e este deu uns cascudos no cara. Nós não sabíamos o que fazer, salmos da fábrica e fomos na delegacia.

Nós tinhamos uma comissão de negociação com a empresa, que a gente conseguiu na greve, e no dia seguinte a gente decidiu que essa comissão tentaria negociar com a empresa ou a demissão dos dois ou, então, que o nosso companheiro não fosse mandado embora. Mas acontece que no setor em que esse companheiro briguento trabalhava, ninguém la com a cara dele e ninguém queria fazer nada por ele. Nós tentamos discutir com o pessoal e dizer que não era por ele apenas, mas ninguém abria mão; achavam que ele tinha que ir embora mesmo porque se ele não tinha batido no supevisor, amanhã seria com qualquer um deles. O pessoal da comissão tentou fazer uma greve exigindo que o supervisor de segurança fosse demitido também ou que o nosso companheiro não saisse. Mas o setor desse companheiro não parou, furando a greve. Houve, então, uma desarticulação total dentro da fábrica. Os companheiros da comissão me procuraram e desistiram de tudo, pediram para que eu não os procurasse mais, não contasse mais com eles. Eu concordei com os caras, disse que estava legal. Nós ainda discutimos, eles lembraram a minha entrada lá e o começo da nossa briga toda. Um contou como a mulher brigava com ele porque chegava em casa tarde, porque ficava fazendo reunião, se desgastando. Nós vimos, naquelas reuniões, que nós tinhamos um negócio dentro da gente, um sufoco, a gente queria mudar tudo ali, mas havia uma barreira. A gente começou a discutir política salarial, política sindical e a gente via, então, que era só pegando em armas mesmo para a gente derrubar essa coisa, porque não era possível de outro jeito. A gente sofria com essa situação e nós discutíamos essa angústia de ver que o pessoal não tinha uma visão política, que as coisas não eram imediatas, mas era um processo. Esse pessoal começou a descobrir essas coisas todas em nossas reuniões e agora estavam sentidos e decidiram que não iam fazer mais nada. Eu respeitei a decisão deles e eu, por atitude, sem discutir mais com os caras, comecei a sindicalizar os caras da fábrica, conversar com um ou com outro. Eles viam que estava sindicalizando, preenchedo as fichas e ficavam andando em volta. Eu acho que essa é a minha atitude como cristão. Eu podia fazer uma discussão política com os caras, ficar naquela de levar o livro de Marx para eles, essa coisa toda, mas eu comecei a mostrar aos caras através de atitudes. Depois de mais ou menos um mês, uma rodinha chegou para mim e vieram me dizer que eu era isso e aquilo, dois caras estavam chorando, dizendo que eu tinha dado o exemplo que a gente tem que lutar, que tem que ir para a luta mesmo. O outro

companheiro, que fazla sindicalismo, não fazia nada disso. Eu consegui, assim, criar um respeito tremendo dentro da fábrica, sem estar preocupado se estou fevando o cara para a Igreja ou não. Eu acho que eram atitudes que vinham de uma participação, de uma experiência que eu tive nessas questões. Eu acho que esse é o papel do cristão, não simplesmente ter um papel sindicalista. Quando o pessoal der um passo atrás, tem que buscar boletins, tem que discutir, comprar jornalzinho, ir lá buscar e fazer essa coisa toda. Esse é o papel do cristão dentro da fábrica, de dar alguma coisa mais do que denunciar o sistema, o sindicato. Antes de começar a falar do sindicato você tem que ser amigo do cara. Minha primeira preocupação é a de ser amigo do cara. Quando eu conseguia a amizade e a confiança do cara eu falava do sindicato. O pessoal mesmo dizia: "se você quer falar de política, você fala com o outro, agora, se você quer falar de sindicato, você quer falar da gente, fala com o Pedro. Aquele outro lá entende de política, o Pedro entende de peão, de sindicato". Eu acho que essa maneira de fazer o trabalho na fábrica eu aprendi no movimento de Igreja. A gente tinha essa tal de revisão de vida e o compromisso nosso era de um trabalho dentro da fábrica. Hoje eu vejo que esse trabalho dentro da fábrica era limitado, tinha falhas, porque eu tenho uma experiência muito mais ampla do movimento sindical. A minha preocupação ao fazer essa revisão de vida - e acho que a do Daniel também pois nós fazíamos essa revisão juntos era de ver o que nós estávamos fazendo dentro da fábrica, com quem nós estávamos conversando. Todo o nosso trabalho era em função da JOC, era conversar com o jovem (o que inclusive limitava, era só o jovem), e nunca levar para o sindicato. Era fazer sempre uma militância com um cara, no sentido em que você ainda vai descobrir a necessidade de fazer alguma coisa para levar para o movimento. Eu acho que até al tem uma tolerância, porque nessa época nós vivíamos uma repressão danada, você não podia falar em greve, você não podía chamar o cara de companheiro, você não podía falar de sindicato, pois eram palavras subversivas. Você tinha, então, que fazer todo um trabalho e convidar o cara: "olha, lá no bairro onde eu moro vai ter uma festinha, tu não quer ir lá?". Mas quem estava organizando a festa era a JOC. Por que a gente fazia isso? Porque falar em greve, por exemplo, não podia, mas se falasse em Igreja também era reprimido pelo próprio trabalhador. Igreja para ele era coisa de padre, de "chupa-hóstia". Tinha toda essa visão de Igreja. Eu percebia que existiam companheiros na fábrica que se colocavam

lá dentro, como machões, machistas, aquela coisa toda, mas que organizavam romarias para ir a Aparecida do Norte. O Isaías já colocou isso aqui muito bem, é uma visão de Igreja que vem dos pais, dos avós. Mas essa nova etapa, a partir de 1978, quando a Igreja começa a ter uma participação, em que ela assume a luta do povo, isso revela ao trabalhador que a Igreja se coloca ao lado do trabalhador e não ao lado de benzer, por exempio, um prédio, ou coisa parecida ou ficar fazendo procissões. É aqui, então que a Igreja cresce, quando ela passa a ser reconhecida pelo trabalhador, como o sindicato também o foi. O sindicato no papel de sindicato e a Igreja no papel de Igreja e não misturando as coisas. O trabalhador ve hoje a Igreja de uma outra maneira e não tem mais vergonha em dizer que foi a uma reunião de bairro, que participa dentro da Igreja, que tem amigo padre, que foi na Matriz de São Bernardo e aquela coisa toda. É a mesma coisa que dizer que eu vou ao sindicato, porque se o sindicato vem até nós e a gente também vai ao sindicato, a Igreja vai ao campo de futebol lá na Vila Euclides e fala com os trabalhadores. Hoje é possível, então, você fazer um trabalho e dizer que é da Pastoral Operária. Agora, o fato de eu falar que eu sou da Pastoral Operária não muda o objetivo de levar ao sindicato. Não é pelo fato de agora poder falar de Pastoral Operária que eu vou mudar a visão.

## P. Então por que você fala que é da Pastoral Operária?

Pedro: Eu acho que se eu participo de alguma coisa além de estar no sindicato, se eu participo da Pastoral Operária, eu coloco normalmente como se eu estivesse falando da minha participação na sociedade amigos do bairro tal. Agora, se eu vejo que o cara é cristão, se tem uma visão e uma prática diferente, se inclusive, preenche aqueles requisitos que nós falamos antes, se ele consegue assimilar essa prática, se eu tenho um lugar para canalizá-lo, eu acho corretíssimo e importantíssimo fazer isso. Mas isso desde que ele preencha certos requisitos e não simplesmente qualquer cara. Dentro da fábrica você tem aqueles caras que participam da greve mas que nunca assumem responsabilidade: se há greve estão com a greve, se não tem greve, não estão com a greve.

Francisco: Você falou aí que não separa o trabalho de Pastoral Operária de trabalho sindical. Eu acho que a Pastoral Operária pode estar defendendo hoje um trabalho sindical dentro da fábrica como amanhã ela pode estar defendendo, por exemplo, o problema de água no bairro. O Pedro, por exemplo, tem um trabalho na Pastoral Operária, mas pode ser que ela resolva, daqui a pouco, somar com o pessoal que está organizado no bairro e reivindicar a luz elétrica lá no bairro e você pode encampar.

Pedro: Eu acho que é o mesmo problema: é ele como cristão dentro de um núcleo da Pastoral Operária participando com o conjunto de moradores. E a avaliação desse trabalho dele, como cristão, vai ser dentro da Pastoral Operária. Eu não acho que a Pastoral Operária possa ser organizada em torno dos problemas do bairro, porque al não vai ser mais Pastoral Operária, vai ser Pastoral de Moradores de Bairro.

Isalas: Pedro, eu acho que o que ele quiz dizer é interessante, não há contradição não. Eu acho que você coloca que a Pastoral Operária é mais do que tudo um método de atuação e o Francisco quiz dizer que é um método que se aplica a qualquer tipo de luta.

Francisco: Porque ela pode formar através dela não só um tipo de luta, mas ela pode fazer uma frente. Em determinado momento você pode estar representando x ou, daqui a pouco, y, dependendo da necessidade.

Isalas: Exato, você não quer limitar a Pastoral Operária só a metalúrgicos. A Pastoral Operária seria um método de trabalho...

Pedro: Não só católicos dentro de bairro, nem só cristãos...

Padre: A Pastoral Operária deve dar uma resposta a tudo aquilo que afeta diretamente à família operária, seja de ordem política, social, econômica ou religiosa.

Isaias: Eu só queria assinalar que ao definir a Pastoral Operária como um método, o Pedro estabeleceu a diferença do método de atuação da Pastoral. É aí que ela se diferencia, seja em um trabalho de luta sindical metalúrgica, seja em um trabalho de água, seja em um trabalho de partido político ou em um trabalho de reivindicação de outra categoría qualquer, seja no campo, na familia ou com relação a mil outros problemas que não apenas de reivindicação salarial. Existe aí um método que, para mim, pode ser a grande contribuição da Pastoral Operária: mostrar como o seu militante atua. Um

método que eu gostaria que fosse, que eu lutaria para que fosse não só da Pastoral mas também de outros grupos e entidades. Um método de atuação com relação aos companheiros, que tem o sentido de doar um instrumento e não de dar uma palavra de ordem; um instrumento para que ele se encontre e se liberte. É o que eu chamo de método libertador e não um método ditatorial, que diz como as coisas tem que ser feitas porque quatro ou cinco se reuniram e acharam que tem que ser feitas assim. Quer dizer, um método libertador que de ao trabalhador o intrumento para ele se libertar e não que dê a ele o peixe para ele comer na hora, mas que ensine a pescar o peixe. Mas não é bem ensinar, mas sim que ele encontre na gente um instrumento. Que ele use desse instrumento, porque usando-o para se libertar, nós, também, estamos sendo libertados. Ai fica, também, questionado o problema do vanguardismo: é preciso definir melhor o que significa vanguarda, o que significa liderança. Para mim, liderança significa ter a capacidade maior de dar esse método que permite ao outro assumir a luta.

P.: Eu só queria entender se o Pedro define, mesmo, a Pastoral Operária da forma que o Isalas está dizendo, como um método, como um certo estilo de fazer o trabalho, como um algo mais. Vocês vêem, por exemplo, se isso exige uma organização permanente?

Pedro: Eu não sei se nós estamos aqui para definir Pastoral Operária, será que é isso? Porque se for isso, eu não me coloco em condições disso. Eu acho que a Pastoral Operária deveria ter um debate bem mais amplo para defini-la. Por outro lado, já foi falado anteriormente que a definição de Pastoral Operária vai surgir na medida em que ela for se desenvolvendo, for crescendo e que surgirem novos elementos e novas idéias. A Pastoral Operária aqui em São Bernardo ainda é nova, está começando a partir dessa greve. Eu não gostaria, então, de já lhe dizer que a Pastoral Operária é isso ou aquilo. Eu acho isso inútil. Eu acho que é Pastoral Operária - e isso sim merece uma discussão maior, uma maior reflexão -desde que reúne diversos operários cristãos que se organizam para desenvolver uma ação dentro da fábrica. Essa ação, entretanto, não se restringe à prática operária, ela realmente entra nessa questão de método, de avaliação de vida, em cima de um método que é muito rico que é o "ver, julgar e agir". Eu acho que é em cima dessas questões que ela vai se desenvolver, buscando experiência e vai se definindo.

# A MILITÂNCIA OPERÁRIA CRISTÃ NO A.B.C.



## APRESENTAÇÃO

A CEHILA-Brasil, Comissão de Estudos de História de Igreja na América Latina, ao tomar como tema de suas investigações em 1985, a história das relações entre CLASSE OPERÁRIA e IGREJA, pensou logo em realizar sua semana de estudos, numa área operária. O objetivo era ligar as lutas do passado com as lutas do presente; a história daqueles que nos antecederam com a história que está sendo construida pelos militantes de hoje, pertencentes ao mesmo tempo à classe operária e à Igreja.

A Diocese de Santo André e, de modo especial, jovens da Pastoral Operária (PO), da Juventude Operária Católica (JOC) e da Ação Católica Operária (ACO) dispuseram-se a participar da investigação, recuperam do a memória dos companheiros mais velhos e a trajetória dos movimentos de operários cristãos no ABC.

Este caderninho de história é fruto deste trabalho e nele estão presentes o nascimento e o lento crescimento da PO em Santo André, São Bernardo e Mauá, a partir dos anos difíceis da ditadura e da repressão (nunca terminada) e passando pelas grandes greves de 1979-80 até chegar às questões atuais da Constituinte, da Reforma Agrária, da luta política dos trabalhadores, da nova Lei de Greve.

Esta história da PO é o testemunho de uma fé militante vivida no compromisso pela justiça e nos combates da classe operária por pão, trabalho, dignidade, igualdade e liberdade. Pe. José Oscar Beozzo Presidente da CENTLA-BRASIL

- 1975 - D. Cláudio reuniu pessoas interessadas em trabalhar com operários. O grupo era formado por padres, religiosas e leigos, numtotal de mais ou menos 30 pessoas. A reunião aconteceu no Colégio Coração de Jesus.

Neste primeiro encontro foi discutida a situação dos operários e o que a Igreja podia fazer para ajudá-los. Também tomou-se a decisão de promover esforços para uma maior aproximação entre a Igreja e os trabalhadores. Os leigos que participaram desta reunião eram oriundos da ACO e JOC.

A partir deste primeiro
encontro surgem alguns grupos de Pastoral Operária.
Estes grupos, com a
assessoria do Pe. Carlos
Tosar, congregavam operários de diversas regiões,
não eram fixos num determinado local: paróquia,
bairro e etc. Os operários
eram em sua maioria, antigos militantes da ACO e JOC.
Mais tarde surgem grupos fixos em
paróquias, como por exemplo na Igreja
N.Sr. do Bonfim, no Parque das Nações

e na Cidade São Jorge.

- 1978 - Ocorrem as grandes movimentações de operários na região do ABC. Dá-se a participação dos cristãos, nas greves. A partir daí a P.O. começa a ter um crescimento em sua organização.

Neste ano a P.O. lança seu primeiro documento de apoio às lutas operárias: "Apoio aos trabalhadores do ABC", onde aponta a legitimidade da greve, afirmando que esta é e foi provocada pela intransigência dos patrões, pelo custo de vida, baixo salário. Denuncia também o controle que o Estado exerce sobre os sindi-

catos, impedindo que estes "representem de fato os in teresses dos trabalhadores". Considera portanto, como injusto o fato do TRT (Tribunal Regional do Trabalho) ter considerado a greve ilegal. Este documento foi elaborado em 27 de maio de 1978.

A esta altura a P.O. já possui militantes que não haviam passado pela ACO ou pela JOC. Porém, é fei to um trabalho em conjunto - PO, ACO e JOC - durante a greve iniciada no dia 12 de maio. Estes grupos deram seu apoio aos operários e à sua greve, não sóatravés de moções de apoio, mas principalmente pela participa ção direta de seus militantes-operários nas greves.

Após o término das greves é lançado um outro ma nifesto de protesto contra as demissões de lideranças operárias.

Outro fator importante no desenvolvimento da P. O. neste período foi a sua escolha, como prioridade, do primeiro plano diocesano de Pastoral. Mais precisa mente, a prioridade foi o "O Mundo do Trabalho", onde se procurou reunir a P.O., ACO e JOC.

- 1979 - Seguindo a escolha do Plano de Pastoral, foi feita uma assembléia diocesana no dia 17 de março de 1979 para discutir a prioridade "Mundo do Trabalho". Os trabalhos foram coordenados por: Dom Cláudio Hummes; Pe. Carlos Tosar, da coordenação da Fastoral Operária da Diocese; Pe. Agostinho Pretto, da CNBB; Sr. Vicente Bevilaqua, representante da Pastoral Operária de Santo André e membro da Ação Católica Operária; Pe. Adelar, assistente nacional da JOC.

Pe. Agostinho fez uma colocação sobre o "Mundo do Trabalho". Em seguida o Sr. Vicente relatou sua experiência de militante. Por último falou o Pe. Carlos Tosar colocando a necessidade de dar uma organização efetiva à Po. Seguiram-se trabalhos em grupos. Ao final tomaram-se algumas decisões-propostas: criar meios de conscientização, fazer cursos de formação e elaborar subsídios. O meio para viabilizar tais propostas seria a criação de GRUPOS DE BASE.

No mosmo momento em que esta assembléia era fei ta, estouravam as primeiras greves. No día 30 de março de 1979, D. Claudio, lançava uma nota de esclarecimento, onde procurava ternar ela ra a presença da Igreja nas Lutas Operárias.

Na carta D. Cláudio protesta contra a intervenção federal nos sindicatos de metalúrgicos da região, contra as demissões nas fábricas. Ao mesmo tempo reitera que "continuam abertos os salões paroquiais das igrejas para reuniões de operários que buscam manter ' sua articulação".

Busca-se, ao mesmo tempo, dar assistência às fa mílias dos grevistas, através de colaborações de gêne ros alimentícios aos "fundos de greve".

Ainda no primeiro semestre deste ano é lançado um subsídio para reuniões. Tinha por finalidade fa zer uma avaliação da última greve.

- 1980 - A atuação da P.O. se estende. Antes 'havia especial ênfase na categoria metalúrgica; agora já ocorre uma preocupação com outras categorias.

Em 27 de março de 1980 é lançada uma "Mensagem dos Trabalhadores Cristãos do Grande ABC", assinam : D. Cláudio, P.O. do Grande ABC e a ACO. Na mensagem é feito um apêlo aos cristãos e a todo povo, onde se pe de apoio à luta dos metalúrgicos e dos motoristas que podia ser feito do seguinte modo:

a)incentivar os trabalhadores metalúrgicos a participar das assembléias e de todas as atividades do seu sindicato;

 b) apoiar os fundos de greve com doações e com todo tipo de ajuda;

 c) organizar reuniões nos bairros para incentivar toda a população a participar da luta;

d) incentivar os motoristas a participar na cam panha eleitoral junto àqueles que querem realmente de fender os interesses da categoria;

e) organizar vigílias para aprofundar o sentido religioso desses acontecimentos, ligando-os com a men sagem libertadora de Cristo.

As paróquias, a pedido de D.Claudio tornam-se pos

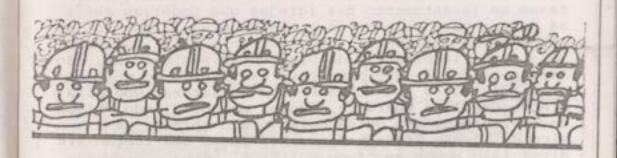
tos de arrecadação de mantimentos para os fundos de greve. Na mesma carta-pedido, datada de 02/04/80, D. Claudio faz um retrato da situação do movimento grevista: "Antes que o Tribunal declarasse ilegal a greve, hoje, dia 02/04, os helicópteros do exército, circulam em vôos rasantes sobre as assembléias pacíficas dos metalúrgics, numa clara provocação à violência".

many are something and provided arms to be a supply of the company of the company

Na Assembleía que decide pela greve, D. Cláudio atesta que: "da parte da diocese de Santo André nos o ferecemos completamente à serviço de vocês".

O apoio maior da P.O. foi efetivado através da organização dos fundos de greve.

Em Santo André as Igrejas Senhor do Bonfim e a Catedral do Carmo, criaram postos de arrecadação de mantimentos. Mais tarde, com a intervenção nos sindicatos estas igrejas abriram suas portas para as assem bléias dos metalúrgicos.



Interessante notar que, enquanto se dava a greve dos metalúrgicos, os militantes da P.O. procuravam estender sua ação para outras categorias.

No día 16 de maio é feita uma assembléia de tra balhadores cristãos na Igreja do Bonfim, onde fica proposto um incentivo a ser dado à campanha eleitoral do sindicato dos motoristas. Mais precisamente o apoio que ja vinha ocorrendo, foi dado à chapa 2.

Ainda nesta assembleia, os militantes conclui-

ram que: "devemos nos unir e nos organizarmos em comu nidades para discutir e buscar juntos uma solução para o problema da classe trabalhadora".

Surgem também, propostas de formação de novos ' grupos de P.O., debates de problemas dos sindicatos e colaboração em fundos de greve.

Em carta datada de 18/04/80, D. Claudio, comunica que o controle dos fundos de greve passa a ser orientado pela diocese. Tal proceder deve-se à intervenção federal nos sindicatos. Esta atitude geraria uma onda de ataques à Igreja de Santo André, com ameaças de enquadramento de seu bispo, na Lei de Segurança Nacional, partindo-se da suspeita de que ele, juntamente com o Cardeal Aros estariam incitando os metalúrgicos à greve.

No mês de maio, durante uma assembléia do Conse lho Diocesano de Pastoral, a P.O. determina como meta de trabalho, a curto prazo, o apoio na organização dos fundos de greve, isto porque não havia perspectiva de solução para o movimento grevista.

Na mesma assembleia, os militantes, com o problema da intervenção nos sindicato dos metalúrgicos, '
fazem um levantamento das igrejas que poderiam abrir as portas para receber os trabalhadores. Ainda foi elaborado um manifesto, veiculado pela Folha da Diocese - órgão informativo da Diocese de Santo André, não mais publicado - que procurava esclarecer ao público' e aos cristãos o que era a P.O.: "A Pastoral Operária e a Ação Católica Operária, juntos com D. Cláudo, bispo do ABC, não querem outra coisa senão colocar-se a ser viço da Classe Trabalhadora. Não somos uma função sin dical. Não somos um grupo político. Somos a presença dos trabalhadores dentro da Igreja e a presença da Igreja entre os trabalhadores".

A nota também fez parte de um boletim que foi distribuido à população a propósito do movimento grevista e do 1º de maio.

No dia 09/08, os militantes da P.O. estabelecem propostas de ação para o segundo semestre de 1980. En tre as sugestoes levantadas têm-se:

a) a estruturação de uma nova coordenação, que poderia ser formada a partir de representantes de reu niões de Pastoral por cidades;

- b) colocar em prática uma Comissão de Publicações, a fim de facilitar a circulação de informações, entre os membros da Pastoral Operária;
- c) prever dias de estudos para todos os partici pantes da Pastoral, com o objetivo de aprofundar seur conhecimentos;
- d) levantar discussões sobre política partidária;
- e) promover uma maior participação da mulher na Pastoral Operária;
- f) promover discussões sobre os pronunciamentos do Papa, especialmente o do Morumbi dirigido aos operários;
- g) promover uma campanha contra a repressão policial com a divulgação do caso Santo Dias e de outros operários atingidos pela repressão.



## HISTÓRICO DA P.O. DA REGIÃO DE MAUÁ -RIBEIRÃO PIRES e RIO GRANDE DA SERRA

Há uma divisão no trabalho, uma de quem trabalha, deixando sua vida no produto e outra que tira proveito do trabalho do primeiro. E é a história deste primeiro que queremos enfocar, pois acreditamos na organização dos trabalhadores, pois acreditamos neles.

Nosso objetivo aqui é fazer um resgate histórico da Pastoral Operária na Região de Mauá, Ribeirão Pi res e Rio Grande da Serra.

Nossa história começa no anos de 1973 quando em 03 de julho, o Conselho de Pastoral de Mauá reuni-se para uma reflexão sobre Pastoral Operária e Evangeliza ção para os trabalhadores. A aproximação foi possível com alguns casais que faziam esta reflexão. É o que po deríamos chamar de "grupos operários", tendo um grupo mais constante no Parque das Américas, hoje alguns per tencentes às CEBs.

Em 1975, com a nova reestruturação da P.O., começam surgir alguns grupos na diocese. Em nossa região surge em 1976. Inicialmente no Zaira e Parque das Américas, com reuniões, palestras, projeção de slides e filmes sobre a vida operária.

Os temas eram: realidade vivida pelo trabalhador dentro das fábricas, tais como as más condições de trabalho, falta de segurança, desrespeito às leis trabalhistas, pressões, demissões, imposições, etc.

A partir desta conscientização, a pastoral operária começou a expandir-se para outros bairros, isto já no ano de 1979. Em O4 de novembro de 1979, no educandário de Mauá foi feita uma avaliação da greve com um grupo de 10 militantes, assumindo o compromisso da necessidade de agir.

Em 02 de dezembro há uma vigília no mesmo local pelos problemas dos trabalhadores e a situação atual.

- 1980 - Neste anos toda a reflexão da P.O. na Região foi em torno da greve, com reuniões nos bairros e encontros para avaliação, sempre se preocupando em como dar uma continuidade à ação.

Em abril, o grupo do Jardim Zaira, aderindo aos movimentos operários, formou três comissões para o fun do de greve. A mobilização era nas missas, bairros e pontos de ônibus e a Igreja São Pedro, tornou-se um fundo de greve.

Nesta mesma época houve os preparativos para a visita do Papa, com distribuição de convites, elaboração de faixas, e também houve a preocupação após a visita, em discutir sobre o pronunciamento do Rossi e do Papa.

Em agosto, os militantes foram convocados para ima avaliação pós-greve, pois todos tinham tido uma atuação nos últimos acontecimentos na luta operária. Avaliou-se as dificuldades que eram:

- desenvolver trabalhos em fábricas
- por serem de categoria diferente da de metalúr gico nem sempre os sindicatos eram organizados e comba tivos.
- trabalhar em firmas pequenas

e os pontos positivos foram:

- atuação da Igreja nestes momentos cedendo as paróquias para as assembléias
  - compromisso com os oprimidos
- a visita do Papa que também foi um estímulo para a continuidade da luta



Em outubro um encontro no Educandário de Mauá, também com a participação da Igreja Anglicana, te ve por objetivo refletir a vida de Santo Dias da Silva e o que ele representa:

- . força para continuar a nossa luta
- . esperança
- . exemplo de luta e de um cristão autêntico
- . abriu o caminho para nós
- . solidariedade entre os operários
- luta de cada um nas fábricas dizendo não às horas extras
- . consciência nos partidos operários.

Surge neste ano um movimento de desempregados , articulados pela ACO, PO, JOC. E neste ano, a PO muda sua metodologia de trabalho, pois até este período e ra mais ligada aos movimentos e a partir de então pas sou a ser mais ligada à Igreja.

- 1981 - A grande preocupação foi em conscientizar o valor do trabalhador diante da política do Governo, pois enquanto os movimentos se organizam, o Governo usa a L.S.N. porque já tem em mente o que pode fazer.

Houve várias tardes de formação sobre como o mi litante deveria atuar dentro das fábricas. E nesta época havia contatos em todos os bairros.

- 1982 Recomeçou o trabalho com desempregados, no mês de março, com aproximadamente, 20 pessoas, pois em 1980 acabou por falta de apoio e lugar para ' as reuniões.
- 1983 A P.O. é novamente uma das prioridades pastorais da Diocese e houve uma tentativa de unir-se com a JOC, ACO e CEBs, para formar um núcleo do movimento. Lançou-se uma pesquisa nos bairros para saber a área de atuação, o resultado foi a formação dos ope rários.

Este núcleo não perdurou por divergências de propostas e metodología de trabalho.

Em setembro, saiu como plano da Região, formar uma equipe em todas as paróquias, e ter um subsídio ' para a formação dos grupos.

Em novembro, foram feitos encontros para conhecer a CUT, sua fundação, finalidade e proposta; além de divulgar mais a P.O. fazendo reuniões com colegas de trabalho e de preparar o povo para as greves.

- 1984 - Preparou-se o 1º de maio na Região e um dos objetivos do ano foi: como formar grupos, devi do às dificuldades que já encontrávamos pela falta de apoio de alguns padres.

Nem sempre nos parece fácil explicar como os 'grupos anteriores que viveram determinadas situações, solucionavam os problemas af surgidos. Mas, que todos estes protagonistas que viveram e vivem esta história entendem a rude tarefa de ser cristão que é apostar na felicidade do homem.

Pessoas Consultadas: ANTONIO GRANDE PERALTA
SEBASTIAO MARTINHO
SEBASTIAO MARCIAL
Pe. JOSE MAHON
EQUIPE DE COORDENAÇÃO DA P.O. REGIÃO MAUA



## HISTORICO DA P.O. - SÃO BERNARDO DO CAMPO

Período 1980-82

A Pastoral Operária de São Bernardo do Campo nasceu ' em plena luta da classe operária:a greve dos metalúrgicos em 1980.

De início era um pequeno grupo que se reuniu, sobret<u>u</u> do com o objetivo de avaliar a greve e a participação da Igreja no Fundo de Greve.

Os primeiros participantes, em geral, vieram da JOC, das Comunidades de Jovens, dos Sindicatos, gente que andava bus cando um espaço para refletir sua militância operária à luz do Evangelho. Eram metalúrgicos, químicos, professores, da construção civil, donas de casa que iam sendo convidadas por algum padre ou pelos próprios trabalhadores.

Inicialmente, o grupo se reunia de 15 em 15 días na Matriz, durante a parte da manhã, com o objetivo de rezar, refletir e aprofundar algum tema e avaliar a caminhada.

Destacamos alguns temas aprofundados neste período: Leitura do Evangelho na ótica do oprimido; O papel da Pastoral
Operária; Jesus e a sociedade do seu tempo; Nossa missão apostó
lica: Evangelizar nos bairros, fábricas e sindicatos; CONCLAT,
ANAMPOS; A oração na vida do militante; O Método da P.O.: VER,
JULGAR E AGIR; Fé e Ideologia; Fé e Política; Papel do animador.

Aos poucos a organização do grupo foi ganhando contor nos e em 1981 foi eleita a primeira coordenação, composta de três membros e uma secretária, com mandato de 1 ano. Esta coordenação tinha como objetivo preparar, coordenar e dinamizar as reuniões; ser presença nos grupos que começavam a se formar nos bairros.

Aos poucos, também, as áreas de atuação foram se detinindo e cada militante foi priorizando o seu tipo de engajamento: Sindicato dos Metalúrgicos, dos Téxteis, dos Químicos, Associação dos Professores (APEOESP), Movimentos de Bairro, Política Partidária e o Grupo dos Avulsos (aqueles que ainda não tinham um engajamento específico). Em 1982, ano dás eleições, um bom grupo de militantes participou ativamente da política partidária. Três deles se candidataram a vereador pelo P.T.

Durante a campanha a prática desses companheiros era avaliada pelo grupo. Só um deles foi eleito. De início, como vereador, participou de algumas reuniões, mas aos poucos se afastou totalmente do grupo.

Ainda em 1981, foi realizada a I Semana do Trabalhador: Igreja e Classes Trabalhadoras.

Em 1982, II Semana do Trabalhador: Fé e Compromisso Po

Na avaliação do ano de 1981, o grupo decidiu fazer encontros mensais, se reunindo durante um domingo todo e retiros ' semestrais de dois dias. Para a preparação do encontro do final do ano de 1982, a partir de uma reflexão da coordenação, foi ela borado este texto de avaliação da caminhada do grupo, que serviu de subsídio para os militantes.: -

I. Nesses dois anos e meio de atividades, procuramos definir as características de nossa P.O.: - somos a presença da classe trabalhadora na Igreja e a presença da Igreja na classe traba lhadora.

Somos um grupo de trabalhadores cristãos, gente de fé , interessada em seguir Jesus Cristo. Nossas atividades são sempre feitas à luz do Evangelho, como o foram as I e II Semanas do Trabalhador: Igreja e Classes Trabalhadoras e Fé e Compromisso Político, respectivamente, sem dúvida, iniciativas de grande êxito

Sabemos, também, o que não nomos e não queremos ser: um grupo político, um núcleo partidário, um apêndice do sindicato,' uma espécie de fundo de greve cristão. No entanto, estamos agora em busca de definir melhor a nossa atuação em São Bernardo.

2. Uma coisa que deve estar bem clara para todos os nossos militantes: o fundamento de nossa P.O. é a fé em Jesus Cristo. Somos pessoas tocadas interiormente pela graça de Deus e que procuram responder a este apelo. Não é a linha progressista da Igreja, a simpatia do bispo ou o apoio da Igreja às lutas dos trabalhadores que nos motivam em primeiro lugar. E a inquietação que o Senhor Jesus semeou no coração de cada um de nós - o que, como diz São Paulo, pode parecer "loucura para os pagãos e escân

dalo para os judeus". Por isso, é fundamental que cada um de nos sos grupos seja um núcleo de aprofundamento e de celebração da fé.

A reflexão do Evangelho ilumina nossas atividades e nos sas lutas. E a Palavra de Deus que nos permite livrar-nos das amarras do sistema e da ideologia dominante. E ela que interiormente nos liberta.

3. Somos um grupo apostólico. Deus confia em cada um de nós para manifestar Seu Nome entre nossos companheiros trabalhadores. Há uma maneira de fazer isso sem cairmos no farisaísmo, como aqueles que fazem da fé uma coroa que se carrega na cabeça. Não é este o nosso caminho. O que deve aparecer em nós não é o fato de pertencermos à P.O., de estarmos ligados à Igreja, etc. O que deve aparecer é nosso compromisso com a classe trabalhado ra, nossa disposição de luta, nossa dedicação aos interesses de nossos companheiros.

A árvore se conhece pelos frutos e não pela casca, diz o Evangelho. Portanto, é importante que cada um de nós sinta-se apóstolo junto a seus companheiros de trabalho. O papel de um militante da P.O. é exercer uma militância cristã. Ser fermento na massa. Podemos dizer que temos duas tarefas: A nível do Reino - Anunciar e construir o Reino de Justiça, Liberdade, 'Igualdade, enfim, o Mundo Novo. Onde se encontra a Fraternidade aí se constrói o Reino. Temos que explicitar isto para todos. Muita gente constrói o Reino na luta pela Justiça. E o nosso 'testemunho, evitando os sinais do anti-Reino que vai pesar na organização do Povo.

A nível da Igreja - Estar na Igreja é responsabilidade. Mas, só tem sentido, enquanto fermento do Reino. A minha tarefa apostólica é fazer com que outros companheiros também despertem para o compromisso a nível de fé. Temos que ser instrumentos da presença de Deus no meio dos homens.

4. Somos um grupo comprometido com a libertação do nosso povo. Isso é consequência de nossa fé: Deus exige de nós uma so ciedade justa, igualitária, fraterna. Por isso, temos a obrigação de participar ativamente das organizações de luta dos traba lhadores: os militantes da P.O. devem estar presentes nos sindicatos, no fundo de greve, nas comissões de fábrica, nos movimen tos de bairro e, nos partidos políticos. A P.O. é o posto de ga solina que abastece seus militantes presentes em todas essas ferramentas.



Muitas vezes a gente fica se perguntandoo que fazer como P.O?

Ora, as ferramentas estão aí, e é lá dentro delas que realiza remos as nossas tarefas de P.O. Isso não quer dizer que a P.O. não possa ter iniciativas próprias. Pode e deve.

Mas o fundamental é a P.O. formar militantes que, na linha do Evangelho, dentro da inspiração cristã libertadora, atuem dentro das ferramen-

tas de organização e luta da classe trabalhadora. Faremos isso, não para dominar essas ferramentas, mas sim, para ajudá-las a estar realmente a serviço da classe, semeando a libertação. Em nossas reuniões devemos saber de cada um, em que ferramenta está engajado, presente, o que faz lá e ajudá-lo a melhorar a sua atuação lá dentro.

5. Papel importantíssimo tem a Coordenação da P.O.S.B.C. Cabe a esses companheiros, escolhidos pelos demais militantes, ser o motor de nosso grupo. A Coordenação é quem anima os grupos, prepara as reuniões, incentiva os militantes a assumirem iniciativas nos grupos - como preparar orações, cantos, etc.

A Coordenação dã vida à Pastoral Operária colocandose a serviço para fazer da P.O. uma coisa dos próprios trabalha dores e não dos padres ou freiras.

Por isso, cada membro da Coordenação deve programar '
sua vida de tal modo que à Pastoral Operária caiba um lugar de
destaque como atividade prioritária. Deve manter em dia a agenda de reuniões. Deve dar a palavra aos militantes e escutá-los.
Deve fazê-los se sentir responsáveis. Deve manter contato com
companheiros fora das reuniões e estabelecer com eles laços de
afeto.

- 6. A Coordenação, cabe a tarefa de abastecer de publicações nossos militantes, de tal modo que aprofundem sua fé e sua militânca, bem como sua consciência política libertadora.
- 7. Que esses pontos sejam refletidos e aprotundados de ma neira a podermos, no nosso Encontro dos días 11 e 12/12, planejar melhor nosso trabalho para o ano de 1983.

### Período 1983-84

Revigorados com a avaliação feita, o grupo retoma a sua caminhada neste período, prosseguindo na prática de reuniões mensais para rezar, refletir e avaliar a caminhada, trocar experiências e informes.

Alguns temas aprofundados neste período: A pedagogia de Jesus; CONCLAT e CUT; Ideologia, Tendências e Luta de Classes; Proposta Libertadora de Jesus e a Teologia da Libertação; A realidade nicaraguense; Espiritualidade de Jesus; CUT e greve geral Campanha salarial dos metalúrgicos; Tendências Políticas e esquerda no Brasil; Eleições diretas e Classe trabalhadora; Constituinte.

Em 1983, tivemos a III Semana do Trabalhador: Desemprego, Causas e Consequêncas.

1984 - IV Semana do Trabalhador: Igreja, Classe Trabalhadora e Democracia - 20 anos depois: Crescimento e Pobre za.

1985 - V Semana do Trabalhador : Mudança Social e Participação Popular.

Sempre foi uma prática da P.O. participar juntamente com os sindicatos e movimentos populares de organização do 1º de maio, preparando a líturgia e participando das passeatas e Ato Público.

Em 1984, um grupo de militantes, elaborou um subsídio sobre a história do  $1^\circ$  de maio para ser refletido nos grupos de bairro e nas CEBs. Em 1985, este material foi aprimorado.

A partir de 1983, o dia internacional da mulher - 08 de março - também passou a ser comemorado com uma celebração na matriz. Em 1984 foi feita uma programação conjunta com o Comitê de mulheres de S.Bernardo.

Em 1984, foi feito um projeto e dosé Albino ficou liberado para trabalhar em tempo integral, na Pastoral Operária. Foi conquistado um espaço numa das salas da Matriz e todas as tardes dosé Albino, dá, aí, o seu plantão. Outro fato importante desse ano foi a organização da P.O. em Diadema, iniciada pelo grupo do Taboão.

Começou, também, a ser editado por um grupo de militantes, o Boletim "P.O. Informa". Atualmente a P.O. de S.B.C. conta com grupos organizados nos seguintes bairros: Parque S.Bernardo, Vila São José, Favela do DR, Ferrazópolis, Paulicèia, Vila Vival di e Taboão.

No mês de junho foi dado um curso - 5 noites - para pessoas interessadas a se engajarem na P.O. Nas paróquias de S.Geraldo e da Vila S.José, realizou a semana da P.O. com debates e palestras, coordenados pelos militantes e assessores da P.O.

A P.O. de S.B. Campo, através da P.O. diocesana sempre manteve estreita relação com a P.O. estadual e a C.P.O. nacional, através de correspondência, reuniões e encontros nos dois níveis.



## DEPOIMENTOS DE MILITANTES DA P.O.

1. Moro no Parque São Bernardo - Região de Favela com cerca de 8.000 habitantes. Em 1980, quando trabalhava na Mercedes, ' participei da novena de Natal, este foi o meu primeiro contato com a comunidade, logo depois comecei a participar da P.O. Na primeira reunião, a conversa foi sobre a leitura do Evangelho, na ótica do oprimido, af comecei a perceber que a minha luta no sindicato tinha a ver com minha fé. A partir daí, a P.O. foi um posto de abastecimento para minha luta no sindicato e nos movimentos populares.

> (José Albino - ex-metalúrgico, liberado pela P.O.)

2. O primeiro grupo de Igreja que participei, foi o da Legião de Maria, depois do grupo jovem e depois do grupo de hatismo. Fui pulando de grupo em grupo porque queria uma proposta cristã, que me ajudasse a construir o Reino. A palavra mais im portante para mim nas reuniões da P.O. foi Reino. Jesus quer que nós construamos o Reino. Passei a perceber que o Reino está não só na Igreja, então comecei a participar dos movimentos populares, querendo construir o Reino. A P.O. funciona, para mim, como um posto de abastecimento; busco na reflexão mais força e clareza para minha caminhada.

(Deobaldo- desempregado)

3. Minha militância na P.O. começou de uma grande vontade de participar de um verdadeiro grupo de compromisso com o Reino. Participava de um grupo de catequistas, uma experiência muito boa para mim; com o tempo senti necessidade de caminhar mais. Entrei na P.O. em março de 1984, a convite de alguns militantes do bairro, atuantes no movimento. De lá para cá muita coisa para mim mudou, principalmente a minha consciência de cristão, de estar empenhado na construção do Reino. Meu primeiro passo foi ficar sindicalizado, algo muito importante para mim, porque me sindicalizado algo muito importante para mim, porque me sindicalizei para lutar contra a situação - Joaquinzão - com mais de 20 anos na presidência do Sindicato de S.Paulo. Meu segundo passo foi minha filiação no PT com o interesse de ajudar na construção de um partido de base e também para me aprofundat políticamente, porque é muito importante, nós cristãos, termos essa consciência política. Enfim, a P.O. para mim, é um auxílic

e o abastecimento que me dá força para caminhar para construção de uma sociedade onde não haja oprimidos nem opressor, nem explorado e nem explorador.

(Edgard - metalúrgico)

4. Comecei a participar da P.O. com a semana do trabalhador que aconteceu no ano de 1984. Entrei porque na verdade, a gente procura sempre alguma coisa importante dentro da Igreja. Um trabalho que satisfaça a gente, encontrei na P.O. que é uma coisa de luta, é uma coisa real.

(Adilson - metalúrgico)

5. Comecei a participar da P.O. em abril de 1981. A P.O. tem-me ajudado muito na minha formação política e na formação cristã Fez com que a gente tivesse uma visão mais clara para participar nos movimentos e ter uma coerência no nosso posicionamento enquanto militante da igreja. Participo da P.O. e também sou militante do PT, esta formação que a gente adquire na P.O., funciona como abastecimento para ter mais claro as coisas que se enfrenta no dia a dia, dentro dos movimentos populares e também no partido. No período de 1 ano e 8 meses que estive desempregado, a P.O. fez com que a gente estivesse presente na luta sindical e no partido. O caminho que me levou a ver a necessidade de participar nestes dois órgãos específicos, foi a minha participação na P.O., foi o apoio que tive na P.O., o esclarecimento, o porque da luta, que não deixou que ficasse revoltado com o meu desemprego.

(José Gonçalves - ex-metalúrgico, trabalha na Cāmara Municipal)

6. Eu comecei na P.O. em 82. Foi aí, através das discussões e da convivência, que comecei a ter uma consciência mais crítica a respeito da situação de exploração do povo. Assim, pude entender melhor, porque estou lutando dentro da fábrica. Veio clarear bem minha mente a respeito do Evangelho, faço uma ligação dele com a minha prática dentro da fábrica, nas comunidades e nos bairros. Vejo assim, temos muito o que aprender e temos muito a dar, é um pequeno processo que a gente está levando, com o decor rer do tempo a gente vai se aperfeiçoando e contribuindo cada vez mais.

(Adair - metalurgico)

7. Dizer a partir do que ou como se ingressou numa luta, é algo muito interessante porque não se sabe ao certo o momento do ' infcio, parece ter acontecido de repente. Penso, na verdade, que a conscientização se dá através de uma soma de fatos, de constatações e de perguntas, que nos leva a arquitetar um mundo ideal ao qual devemos chegar e assim eclode a gana de justiça e garra para quebrar as estruturas vigentes. Comigo foi assim, a realidade e as facilitações do meio, tais como: Igreja, aulas de sociologia e também o ano eleitoral, como foi o de 1982, que me despertaram para a vida ou melhor, me fizeram encontrar um sentido para essa vida. Foi lendo o programa de um partido que con dizia com as expectativas que trazia a partir do evangelho que comecei a minha militância. Fiz um trabalho de boca de urna e ' depois ingressei na P.O. de S.Bernardo do Campo, no final de 82. Isso me levou a conhecer os documentos da Igreja e iniciei um trabalho na paróquia com os jovens, que não foi bem sucedido em função da minha pressa e de uma radicalização, que percebo serem coisas próprias do começo de qualquer pessoa, que se apegue com paixão à uma determinada idéia. Depois comecei a batalhar com os meus colegas de faculdade, discutindo a função ideo lógica da ciência, toda a manipulação que ela contêm, e como poderemos ter uma ciência alternativa e em função das necessidades do homem. Ao mesmo tempo, participava de um núcleo de partido no bairro. Devo dizer que, sem dúvida, a P.O. teve um peso muito grande nesses anos e me ajudou e ainda me ajuda a ter uma clareza de opção e motiva a um questionamento constante da realidade em que vivemos. (Eliana - bancária)

8. Comecei a participar da P.O. na reunião de 10/10/82. Figuei conhecendo a P.O. na semana do trabalhador de 1981. Comecei a participar de alguns militantes. Em dezembro fui eleita para a coordenação de 83/84. Foi um ano calmo. De 84/85 foi um ano de algumas mudanças na P.O., a linha de trabalho foi questionada e companheiros que só participavam das reuniões, sem ter um trabalho no bairro onde moravam ou em seu trabalho, começaram a se sentir- me parece- sem ambiente e se afastaram da P.O. Hoje acho o grupo mais combativo, a maioria dos seus militantes comprometidos com a causa do trabalhador.

(Teresinha - enfermeira).

# To Trabalhador SSS

## 1. Canto de Entrada: NEGRA MARIAMA

## 2. Introdução:

COM: Durante a Campanha da Fraternidade deste ano, conhecemos um pouco melhor o que foi a escravidão do povo negro, suas lutas, seu significado e, como hoje esta luta continua, contra a discriminação e a superexploração do povo negro trabalhador.

Revendo a história deste povo, conhecemos a Capoeira, uma forma original de luta que com a agilidade do corpo se defendiam e atacavam os capitães do mato, feitores e fazendeiros.

Mas também a capoeira era uma forma de dança, de ginga, que com criatividade resguardava a memória viva de seu povo, e ao mesmo tempo disfarcava sua defesa.

Uma outra forma de defesa foram as organizações dos Quilombos, sendo o maisd conhecido por sua resistência o Quilombo dos Palmares. De tão expressivo exemplo a ser seguido, atraiu, para si toda ira dos Senhores Brancos de Engenho. Estes por sua vez levados pela selvageria de seus interesses econômicos, destruiram todos os Quilombos, assassinando milhares de negros. Entre tantos, estava Zumbi, homem negro, que amava seu povo e lutou até o fim, doando sua vida à causa da libertação.

Olhando mais recentemente a história, em 1886, na cidade de Chicago nos Estados Unidos, os trabalhadores operários indignados por cumprirem 16 horas de trabalho diário, também se organizaram encontrando uma outra forma de luta: a greve, para defender suas vidas e seus direitos. E o resultado não foi diferente dos nossos irmãos negros. Os operários foram covardemente assassinados.

Refletindo hoje, estas duas histórias, podemos perceber: a resistência, a vontade de libertação, a marca da opressão e vidas covardemente tiradas, dos negros, pela escravidão, e dos operários, pela exploração.

Mas a história não para e hoje nós trabalhadores: do campo e da cidade, negros e brancos, continuamos a levar a bandeira de libertação do nosso povo. Como Classe Trabalhadora não poderíamos esquecer estes nossos heróis, estes nossos santos, cuja vida continua nos que lutam hoje contra a exploração.

por isso, vamos neste momento observar com bastante atenção e respeito este grupo de capoeiristas que vem nos saudar, fazendo reviver a memória e com arte transmitir a necessidade de lutar e resistir.

CAPOEIRAI - "SÍMBOLO DE LUTA E RESISTÊNCIA"

## Acolhida do Celebrante:

Meus irmãos e minhas irmãs, bem vindos à celebração do dia do trabalhador!

A cada 1º de maio a Classe Trabalhadora se põe de pé, braços erguidos, com este ânimo renovado que as armas não conseguem destruir, para gritar:

 Zumbi está vivo, Zumbi está no meio de nós!

 Os trabalhdores de Chicago estão vivos, os trabalhadores estão no meio de nós!

 Santo Dias, Margarida Alves,
 Pe. Josimo estão vivos, eles estão no meio de nós!

 Jesus Cristo está vivo, Jesus Cristo está no meio de nós!

E por isso mesmo, a Classe Trabalhadora renova hoje seu compromisso de na busca de uma Nova Sociedade com as armas que tem: as passeatas, as greves, as lutas populares... E aqui vem celebrar nossas conquistas e nossas aspirações, simbolizados pela CA-POEIRA.

## 4. Ato Penitencial

CELEBRANTE: Façamos um momento de silêncio diante do Pai e diante da desumanidade sofrida pelo negro trabalhador. Reconheçamos nosso pecado de discriminação, de desprezo e de omissão (SILÉNCIO).

LEITOR: A Igreja na época da Escravidão marcou presença na Casa Grande e não na Sinzala, nas cortes e não nos Quilombos.

TODOS: Perdão Senhor, quando hoje não ajudamos a Igreja a assumir a causa dos trabelhadores.

LEITOR: As Leis da Abolição não trouxeram nenhuma libertação para o povo negro, mas os deixaram sem casa, sem terra, e sem instrumentos de trabalho.

TODOS: Perdão Senhor, por não exigirmos da Constituinte as leis que garantam a vida e a libertação do nosso povo, como a Reforma Agrária, e do solo urbano, e o Direito dos Trabalhadores.

LEITOR: A Escravidão no Brasil interessou aos ricos Senhores brasileiros e estrangeiros

TODOS: Perdão Senhor porque como Classe Trabalhadorea, não nos unimos mais para por fim a toda dependência que sofremos dos países ricos e desenvolvidos.

## 5. Ato de Louvor:

CANTO: GLÓRIA DOS POBRES

## 6. Oração:

CELEBRANTE: Oremos. Pedimos neste dia do trabalhador, ó Pai, força e vontade para abolir o preconceito, a marginalização, a exploração. Que o trabalho de cada um seja fonte de sustento e dignidade. Ouvi, ó Pai, o clamor deste povo. Apressai o dia em que vivendo o vosso projeto, sejamos povo livre, fruto das lutas de nosso trabalho. Isto pedimos por Cristo, Senhor e Irmão nosso; na unidade do Espírito Santo. Amém.

## 7. Leitura da Vida:

COMENTARISTA: Vamos ouvir um trecho da bíblia com um comentário de acordo com nossa realidade.

LEITOR: Leitura do livro do Exodo: A opressão dos hebreus (cp. 1, 8 14)

"Levantou-se sobre o Egito um povo rei, que não conhecia José. Ele disse à sua gente: 'Eis que o povo dos filhos de Israel tornou-se mais numeroso e mais poderoso do que nós: Vinde tomemos medidas sábias para impedir que ele cresça; pois do contrário, em caso de guerra, aumentará o número dos nosso adversários e combaterá contra nós, para depois, sair do país! Portanto impuseram a Israel inspetores de obras para tornar-lhe dura a vida com os trabalhos que exigiam. Foi assim que ele construiu para o Faraó as cidades armazéns de Pitom e de Ramsés. Mas, quanto mais os oprimam, tanto mais se multiplicavam e cresciam; e os egípcios se inquietavam por causa dos filhos de Israel. Os egípcios obrigavam os filhos de Israel ao trabalho e tornavam-lhe amarga a vida com duros trabalhos: a preparação da argila, a fabricação de tijolos, vários trabalhos nos campos, e toda espécie de trabalho aos quais os obrigavam."

LEITOR: Quais são as "sábias medidas" que a Classe Dominante toma para impedir que cresça nossas organizações populares?

Como está nosso nível de organização, para enfrentar estas medidas?

Hoje os hebreus são os trabalhadores. A história não é a mesma, mas o nosso Deus, sim. Porque nos acompanha na história, e quando viu a aflição, ouviu os gritos dos seu povo, tomou posição a favor da vida, da libertação.

Acreditamos que este mesmo Deus dos pobres continuará dando resistência para que façamos crescer nossas organizações populares, e; Assim pela nossa ação possamos vencer a morte!

> Palavra do Senhot. TODOS: Graças a Deusl

## Canto de Aclamação ao Evangelho:

CANTO: Advento Nordestino

## 9. Evangelho:

COMENTARISTA: O Evangelho a boa Nova de Jesus, nos faz ver o CON-FRONTO entre o Velho e o Novo, e a forma de construir o Novo.

Para Jesus o Velho templo é o sistema que mata e discrimina, domina a vida trazendo a morte, é centro de poder político-econômico, da fé torcida

pró lado dos grandes.

E o Novo templo é o templo vivo de Deus no homem, é sistema que trás vida ao povo, igualmente. Sua ação nos mostra como é importante destruir este templo de morte, de forma radical, construindo um poder-serviço que favoreça os oprimidos e trabalhadores marginalizados, para efetivar um sistema de vida.

CELEBRANTE: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo S.

Marcos 11, 15 - 19.

"Quando Jesus e os discípulos chegaram a Jerusalém ele entrou no templo e começou a expulsar todos que ali compravam e vendiam. Derrubou as mesas dos que trocavam dinheiro e as cadeiras dos que vendiam pombos. E não deixava ninguêm atravessar o tem-

plo carregando coisas. Ensinava a todos assim:

 Nas Escrituras Sagradas está escrito o que Deus disse:

"A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos." Mas vocês a transformaram em esconderijo de ladrões. Os chefes dos sacerdotes e os professores da Lei ouviram isto, e começaram a procurar um jeito de tar Jesus. Mas tinham medo dele, porque o povo admirava o seu ensino.

Ao anoitecer, Jesus e os discípulos

safram da cidade.

Palavra Salvaçãol,
 Glória vós senhor.

TODOS:

## Profissão de Fé:

TODOS: (tradicional)

TODOS: ASSIM, nós trabalhadores cremos em Deus Pai todo Poderoso, um Deus da vida que criou a terra para todos/ e não negou o sustento a ninguém.

MULHERES: Cremos em Jesus Cristo/ face operária de Deus/ que assumiu o Projeto do Pai para nos mos-

trar o caminho.

HOMENS: Cremos em Maria modelo de Mulher/ que acompanhava a vida do povo/ que continua também hoje nas mulheres/ que criam filhos para libertar seu povo/ a partir de sua prática.

MULHERES: Cremos na Santa Igreja Católica/ sobretudo quando ela

assume a luta do povo.

HOMENS: Cremos na Comunhão dos Santos/ na comunhão da Classe Oprimida com Deus libertador/ e com nossos martires.

MULHERES: Cremos na Ressurreição/ sem a qual não teria sentido

nossa fé.

HOMENS: Cremos também na vitória da vida sobre a morte.

MULHERES: E por isso/ cremos em nossos irmãos operários/ que lutam pela vida.

HOMENS: Cremos que a vida eterna começa aqui/ quando lutamos por

justical

MULHERES: E cremos que o Espírito Santo está no nosso meio/ nos dando força na caminhada rumo a libertação!

TODOS: Enfim cremos/ em Deus Pai/ Filho e Espírito Santo,/ no homem/ na mulher/ sujeitos da história.

Amém.

## Preces da Comunidade e Ofertório simultaneamente:

COMENTARISTA: Este é um momento forte, para perceber a vocação e receber uma missão, mas nos sentimos pequenos para cumpri-la, por isso pedimos ajuda para Deus ficar do nosso lado, nessa luta que também é dele. Mas nós é que temos que mudar a história, sermos sujeitos nela com a fé que temos.

Este será também o momento de oferecemos as nossas organizações vivas e populares, de luta, aquilo que está sendo construido no dia a dia.

LEITOR: A certeza de sua presença em nosso meio, se tornando força em cada companheiro (ra), revelando sua sabedoria aso humildes, ouvindo o clamor dos mais sofridos, nos anima a aproximarmos da mesa Eucarística do jeito que somos e com aquilo que temos: com nossas angústias e alegrias, com nossas esperanças, nossos projetos e nossas organizações.

LEITOR: Teu povo no Egito nunca aceitou a escravidão, resistiu, lutou, se organizou e venceu. Nosso povo, também resiste, luta, se organiza.

REZANDO: para que se acenda nossa esperança, que ela se espalhe e mostre sua forca.

OFERTAMOS: Os movimentos populares, que vislubram a terra prometida pela sua garra e vontade de conquistar tudo aquilo que é seu direito e digno para viver, como os movimentos dos Sem-Terra, Sem-Casa, Favelados, de Saúde, Transporte e Ensino Público.

TODOS: QUEM DISSE/QUE NÃO SOMOS NADA/ QUE NÃO TEMOS NADA/ PARA OFERECER?/ REPARE NOSSAS MÃOS ABERTAS/ TRAZENDO AS OFERTAS/ DO NOSSO VIVER./ O O O, RECEBE SENHOR (BIS).

LEITOR: A marginalização e discriminação da mulher, da criança, do Índio, do jovem e outros, é algo que o sistema Capitalista coloca em nossas cabecas.

REZANDO: para estarmos dispostos a aprender, partilhar, respeitar e mudar de prática.

OFETAMOS: Os movimentos, as pastorais e todas as pessoas que já trazem na sua convivência esta nova prática.

TODUS: QUEM DISSE/ QUE NÃO SOMOS NADA/ QUE NÃO TEMOS NADA/ PARA OFERECER?/ REPARE/ NOSSAS MÃOS ABERTAS/ TRAZEN-DO AS OFERTAS/ DO NOSSO VI-VERI/ O O O RECEBE SENHOR (BIS).

LEITOR: O operário e o camponês Senhor, com seu suor, inteligência, criatividade dão continuidade a tua criação, na medida que produzem as riquezas e o sustento de nosso povo.

Mas a Burguesia nos impede de cumprir teu mandamento primitivo: "Crescei e multiplicai-vos e dominai a terra e tudo o que nela existir, para o sustento e vida". Tiram-nos o direito de trabalhar, arrocham nossos salários, tomam a terra e a produção de quem é de direito.

Por isso Senhor seu mandamento não se cumpre. REZANDO: Para que este mandamento esteja sempre presente em nosso projeto , em nossa luta. Rezamos pela união de todos os trabalhadores, do campo e da cidade, nós te pedimos o Espírito Santo que revela a sabedoria, força para nos tornarmos LIVRES.

E OFERTAMOS: as organizações e pastorais por nós criadas para serem instrumentos a serviço causa da Classe Trabalhadora, como os sindicatos combativos no campo e na cidade, a Central dos Trabalhadores, a Pastoral Operária e a Pastoral da Terra.

LEITOR: Nosso povo está exposto ao Massacre e a humilhação, tornandose cada vez mais 'escravo' da produção, do lucro, da alienação.

Nesta sociedade desigual a Classe Trabalhadora sabe que tem que virar o jogo para viver. Prá isso alguns já avançaram e passaram à ação.

REZANDO: Para que todos assumam seu compromisso de participar da política partidária, por entendê-la como carro-chefe da transformação social que queremos.

OFERECEMOS: Todos aqueles que já estão dando sua contribuição para um Partido da Classe Trabalhadora.

TODOS: QUEM DISSE/ QUE NÃO SOMOS NADA/ QUE NÃO TEMOS NADA/ PARA OFERECER?/ REPARE/ NOSSAS MÃOS ABERTAS/ TRAZEN-DO AS OFERTAS/ DO NOSSO VI-VERI/ O O O RECEBE SENHOR (BIS).

LEITOR: Os negros, durante vários séculos foram escravizados e tiveram negados sua condição de seres humanos e de filhos de Deus. Após a Lei Aurea, criou-se a idéia de uma liberdade que não o libertou. Hoje, o trabalhador negro é o mais explorado dentre os trabalhadores, sendo-lhe reservados os serviços onde somente sua força física é utilizada; a mulher negra é duplamente discriminada, pois, além das dificuldades que enfrenta por ser mulher, não é aceita por sua pele. Criou-se o quesito de 'Boa Aparência' para negar ao negro o direito a melhores cargos, por isso rebaixa seus salários, formando uma maior reserva de mercado, que só interessa aos exploradores.

REZANDO: Para que a Classe Trabalhadora perceba que a luta do Negro também é sua.

OFERTAMOS: os movimentos negros, os Agentes de Pastoral Negros, os gru pos de União e Consciência Negra e to das as organizações que lutam para uma Nova Sociedade, onde o negro seia reconhecido como irmão!

TODOS: QUEM DISSE/ QUE NÃO SOMOS NADA/ QUE NÃO TEMOS NADA/ PARA OFERECER?/ REPARE/ NOSSAS MÃOS ABERTAS/ TRAZEN-DO AS OFERTAS/ DO NOSSO VI-VER/ (BIS).

## Oração sobre as Ofertas

CELEBRANTE:

## Prefácio e Oração Eucarística:

## 14. Pai-Nosso:

DECLAMADO:

## 15. Canto de Comunhão:

CANTOS: PELOS CAMINHOS D'AMÉRICA CANTO DOS MÁRTIRES

## 16. Oração Final:

CELEBRANTE: Nesta celebração sentimos, ó Pai, a firmeza de vosso compromisso com o povo que busca vida e justiça. Nela nos convertemos e não mais vamos pisar os caminhos do preconceito e da desigualdade social.

TODOS: AXÉ, SENHOR/ AO PQ-VO NEGRO LUTADOR/ AXÉ A TO-DOS AQUELES/ TRILHAM OS CAMI-NHOS DA IGUALDADE ENTRE OS HOMENS/ AXÉ A TODO AQUELE QUE/ ESTEJA CANSADO OU DESI-LUDIDO/ ESTAR UNIDO A CRISTO/ É RETOMAR A LUTA CONTRA/ QUAL-QUER ESCRAVIDÃO.

CELEBRANTE: Alimentai, ó Pai, com vossa seiva, esta vontade e coragem deste povo. Por intercessão de São José Operário isto pedimos por Jesus Cristo vosso Filho e nosso irmão, na unidade do Espírito Santo. Amém.

## 17. Canto Final:

CANTO: É nosso dia companheiro.

## **CANTOS**

## Canto de Entrada

Negra Mariana.

NEGRA MARIAMA,/NEGRA MARIA-MA CHAMAI (BIS)

Negra Mariama/chama prá enfeitar o andor porta estandarte/ para ostentar/ A imagem Aparecida em nossa escravidão/ Com o rosto dos pequenos/ cor de quem é irmão.

Negra Mariama/chama prå cantar/ Que Deus uniu os fracos/ prå se libertar/ E derrubou do trono latifundiários/ Que escravizavam prå se regalar./ Negra Mariama/chama prá dançar/ Saravá /a esperança/até o sol raiar/ No samba está presente/ o sangue derramado/ O grito e o silêncio/dos martirizados./

Negra Mariama/chama prå lutarl/ em nossos movimentos sem desanimar/ levanta a cabeça dos espoliados/ nossa companheira/chama prå avançarl

## 2. Glória

Glória dos pobres.

Glória a Deus nas alturas/
é o canto das criaturas (BIS)
Rios e matas se alegram/
Teus pobres por ti esperam (BIS)
Paz para o povo sofrido/
é o grito do oprimido (BIS)
A terra mal repartido/
clama por tua justiçal (BIS)

REF:GLÓRIA, GLÓRIA, GLÓRIA TE DAMOS SENHORI/ GLÓRIA, GLÓ-RIA,/ VENHA TEU REINO DE AMORI

Glória a Jesus, nosso guia/ Filho da Virgem Maria. (BIS) Veio por meio dos pobres/ Prá carregar nossas dores. (BIS) Filho do Altíssimo Deus/ por nós na cruz padeceu. (BIS) Venceu a morte e a dor/ prá nos dar força e valor! (BIS)

Glória ao Espírito Santo/ que nos consola no pranto. (BIS) Que orienta a Igreja/ prá que do pobre ela seja. (BIS) Que deu coragem a Pedro/ e aos outros seus companheiros (BIS) Que hoje junta este povo/ a buscar um mundo novol (BIS)

## Canto de Aclamação

Advento Nordestino

A terra presa nas mãos de tão pouca gente/dos desastrados é imensa a procissão./ Tomando o rumo sem destino das estradas./ Eles têm forne de justiça/sede/e pão.

REF: LÁ VEM/LÁ VEM JÁ SE APROXIMA A REDENÇÃO (bis)

Os capatazes nos açoitam com olhares/e nos arrancam desumana produção./Se é longa a hora,/ mais se encurta meu salário/ do perário é demais a exploração.

Um Santo Dias já raiou pro operário/ vencido o medo sai à ruas o peão./ É um só grito por emprego/ e por salário/a bala fere mas o grito escutarão.

## Cantos da Comunhão

Pelos Caminhos d'América

REF: PELOS CAMINHOS DA AMÉRICA (3x) LATINO-AMÉRICA

Pelos caminhos da América/ há tanta dor tanto pranto/ nuvens, mistérios, encantos/ que envolvem nosso caminhar/ Há cruzes beirando a estrada/ pedras manchadas de sangue/ apontando como setas/ que a liberdade é pra lá...

Pelos caminhos da América/ há monumentos sem rosto/ heróis pintados, mau gosto/ livros de história sem cor/ caveiras de ditadores/ soldados tristes calados/ com olhos esbugalhados/ vendo avançar o amor....

Pelos caminhos da América/ há mães gritando qual loucas/ antes que fiquem tão roucas/ digam aonde acharão/ seus filhos mortos levados/ na noite da tirania/ mesmo que matem o dia/ elas jamais calarão.... Pelos caminhos da América/ no centro do continente/ marcham punhados de gente/ com a vitória na mão/ nos mandam sonhos, cantigas/ em nome da liberdade/com o fuzil da verdade/combatem firme o dragão....

Pelos caminhos da América/ bandeiras de um novo tempo/ vão semeando no vento/ frases teimosas de paz/ lá na mais alta montanha/ há um pau d'arco florido/ um guerrilheiro querido/ que foi buscar o amanhã....

Pelos caminhos da América/ há um índio tocando flauta/ recusando a velha pauta/ que o sistema lhe impôs/ no violão um menino/ e um negro tocam tambores/ há sobre a mesa umas flores/ prá festa que vem depois....!

## Canto dos Mártires

Venham todos/cantemos um canto que nasce da terra/Canto novo, de paz e esperança, em tempo de guerra. Neste instante há inocentes tombando nas mãos de tiranos/Tomar terra, ter lucros, são esses seus planos.

EIS O TEMPO DE GRAÇA, EIS O DIA DA LIBERTAÇÃO, DE CABEÇAS ERGUIDAS, DE BRAÇOS UNIDOS, IRMÃOS HAVEREMOS DEVERQUALQUER DIA,

CHEGANDO A VITÓRIA! O POVO NAS RUAS, FAZENDO A HISTÓRIA, CRIANÇAS SORRINDO, EM TODA NAÇÃO (BIS)

Lavradores: Raimundo, José, Margarida, e Nativo. Assumir sua luta e seu sonho por nós é preciso. Haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando, contra os muros e cercas da morte, jamais recuando!

Companheiros, no chão desta Pátria é grande e peleja. No altar da Igreja o sangua bem vivo lateja. Sobre as mesas de casa família há frutos marcados/ e há flores vermelhas gritando por sobre o rocado. O Senhor, Deus da vida, escute esse nosso cantar/pois contigo o povo opromido há de sempre contar. Para além da injúria e da morte, conduz nossa gente. que teu Reino triunfe na terra deste continente!

## 5. Canto Final

É nosso dia companheiro

REF: É NOSSO DIA COMPANHEIRO NOSSO É O TRABALHO DE NOSSAS MÃOS. NOSSAS MÁQUINAS/ QUE MOVEMOS/ NOS SOMOS OS FRUTOS DA PRODUÇÃO.

Já vou me esperem ó companheiros/ irmãos de classe para lutar./ parando as máquinas falaremos/ e a nossa voz se ouvirá.

Avante vamos Classe Operária/ avante todos os oprimidos/ parando as máquinas e no silêncio/ do operário se ouça o grito.

## Utopia

Quando o dia da paz renascer/ quando o sol da esperança brilhar/ eu vou cantar! Quando o povo nas ruas sorrir/ e a roseira de novo florir, eu vou cantar! Quando as cercas cairem no chão/ quando as mesas se encherem de pão/ eu vou cantar! Quando os muros que cercam os jardins/destruídos então os jasmins/ vã perfurmar!

REF: VAI SER TÃO BONITO, SE OUVIR A CANÇÃO/ CANTADA DE NOVO. NO OLHAR DO HOMEM A CERTEZA DE IRMÃO, REINADO DO POVO (BIS)

Quando as armas da destruição/ destruídas em cada Nação/ eu vou sonhar! e o decreto que encerra a opressão assinado só no coração/ vai triunfar! Quando a voz da verdade se ouvir/ e a mentira não mais existir/ será enfim: tempo novo de eterna justiça/sem mais ódio, sem sangue ou cobiça/ vai ser assim!

## 1: DE MAIO

"A ORGANIZAÇÃO SINDICAL OPERÁRIA DEVERA ADQUIRIR FORÇA E PRESENÇA SUFICIENTE A QUE O TRABALHADOR TEM DIREITO.

SUAS ASSOCIAÇÕES DEVERÃO TER UMA FORÇA DE FAZER VALER O DIREITO DE SUA REPRESENTAÇÃO E PARTICIPAÇÃO."

(Medelim)

## Pastoral do Mundo do Trabalho Au. Higienopolis: 890, SP Arg. São Poulo













PARA OS OPERARIOS A MORTE DAQUE. LES COMPANHEIRDS NÃO FOI INÚTIL A LUTA AUMENTOU CON TANTO UIGOR QUE O GOUERNO-SE DIU DBRIGADO A MARCAR UM NOVO JULGAMENTO E 05 OPERA RIDS FORAM RECONHECT DOS INCCENTES



LIBERDADE DOS COMPANHEIROS RECONHECIDA JORNADA DE 8 HORAS ROTE CAD DOTRABALHO DA MULHER E DO MENOR!



E A LUTA CONTINUA TEMOS MUITAS COISA AINDA PRA CONGUISTA

ISSO MESMO COM O GUSTO. DE VIDA SUBINDO QUE NEM ROJAO. O SALARIO BAIXO DO JEITO QUE DA' NEM PRA' SUSTENTA AFAMILIA. ESTA' NAD



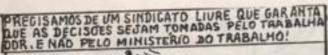
OS SINDICATOS NÃO SAO LIVRES NO BRASIL, NÃO SÃO OS TRABALHADORES QUE DECIDEM A ORIEN TACAD DO SINDICATO & SIM O MINISTERIO DO TRA.



PARA GOVERNANTES O TRABALHADOR NAOJONTA UNIAO E MUITA LUTA! A GENTE PRECISA SE ORGA NIZAR A PARTIR DOS PROBLE MAS QUE SENTIMOS NA GARNE







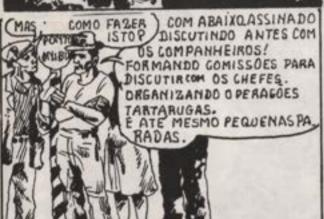




E ESSA LUTA DEVE SER DE TOPOS TRABALHA.







luta ESTA ACONTECENDO TAMBEM NOS SIN-DICATOS: PROCURANDO INFORMAR, SINDICA. LIZANDO NOVOS COM PANHEIROS, PARTICI . PANDO EM GRUPO DAS ASSEMBLE SINDICATOR IA - DISCUTINDO SOBRE OSIN-DICATO, ORGANIZANDO CHAPAS PARA CONCORRER AS ELEIGOES DO SINDICATO.

DISCUTINDO O PROGRAMA DE LUTA CONFOR ME OS INTERESSE DA CLASSE.



ENFIM COMPANHEIROS RENDERHOMENAGEM UELES QUE DERAM SUAS VIDAS PELA CLASSE OPERARIA E' ACIMA DE TUDO, CONTINUAR A LUTA PARA CONSTRUIRMOS UMA SOCIEDA DE MAIS FRATERNA ALICEAÇADA NA JUSTICAL

ASSIM DIZ O SENHOR: PRATICAL O DIREITO E A JUSTICA ELIVRAI O DPRIMIDO DAS MÃOS DO OPRES. SOR! (Jer. 22,3)

# SUBSÍDIOS PARA ELEIÇÃO DA PRÓXIMA COORDENAÇÃO DA P.O. DE SBCAMPO (Tirados no Encontro da P.O. -SBCampo, em O2 de julho de 1.988)

## PAPEL DA COORDENAÇÃO:

- Preparar, em conjunto com liberados e secretaria, a reunião mensal e depois dinamizá-la e saber directionar os trabalhos com os principios e objetivos da P.O.
- Encaminhar os trabalhos de animação das reuniões; Acompanhar os Grupos de Base, assessorando, incentivando, subsidiando. Informar, visitar, reanimar e estimular a formação dos militantes.
- cuidar da questão financeira, elaborando eventos para arrecadação de fun dos:
- Dar cursos de formação visando criar novos quadros
- Manter ligação entre as várias instâncias da P.O.
- Elo de ligação entre os vários movimentos
- Participar da coordenação Diocesana
- Ajudar indicar prioridades para os liberados

## CRITÉRIOS PARA PARTICIPAR NA COORDENAÇÃO :

- Disponibilidade de tempo
- Atuar nos movimentos da classe trabalhadora
- Entendimento do papel da P.O.
- Ter como prioridade a P.O.
- Pessoa dinâmica e ativa
- Certo tempo de participação na P.O.
- OBS: É importante garantir a presença de um repres entante de cada Grupo de Base, nas reuniões da Coordenação.



# BOLETIM DIOCESANO

- SERVIÇO DE IMPRENSA -

PRAÇA DO CARMO, 36 - 2.0 ANDAR - TEL. 449-2077 - CEP 09000 - SANTO ANDRÉ - SP.

ANO XII	JANE	IRO	DE	1987		NO	85
Pastoral Ope Eclesiais de	rāria Base	e (	omu Bra	nida sil	des (I)		01
Agenda de Do	m Clā	udio					06
Falecimento	do Pa	dre	Ern	nelin	do		07
Inculturação	do E	vang	gelh	10			07
Inculturação	e Li	ber	taçã	io			07
Inculturação República do	da L Zair	itu:	rgia	na ica).			08
Irmã Renata	em Fé	ria	s				10
Nossos Doent	es						10
Aniversarian	tes						10
Falecimento	do Pa	dre	Jos	sē Pi	soni.		10
	••		* •				

# PASTORAL OPERÂRIA E COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE NO BRASIL(I)

(palestra de Dom Claudio em Nairobi-Kenya, no Congresso Internacional Missionario Franciscano, de 5-14 de janeiro p.p.)

## Introdução

Nesta segunda metade do século 20, a Igreja no Brasil começou a manifestar-se mais claramente em desacordo com as estruturas existentes na sociedade brasileira capitalista, a partir do regime militar que se apoderou do poder no Brasil em 1964 e ali permaneceu até início de 1985.

A conferência Nacional dos Bispos do Brasil teve papel preponderante no desenvolvimento desta consciência crítica. Ao mesmo tempo, começou-se a pensar e tentar construir uma nova humanidade e uma nova sociedade, justa, fraterna, amplamente participativa. Os documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e suas atitudes práticas frente ao regime militar, em todos esses anos, são provas disso.

Por sua vez, a "Evangelii Nuntiandi" de Paulo VI (1975), as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano de Medellin (1968) e de Puebla (1979), inspiraram e animaram esta postura da Igreja no Brasil.

Significativamente,o conjunto deste novo pensamento e pratica pastorais foram reconhecidos como "evangelização", ou mais especificamente com "evangelização libertadora". Era no Evangelho de Jesus Cristo e inclusive em toda a Bíblia que se buscaram e encontraram as respostas ao desafio de libertar integralmente o homem, em busca de um homem novo e de uma sociedade nova, segundo os designios de Deus.

Na medida em que a Igreja procurou praticar essa "evan gelização libertadora", os teólogos, por sua vez, procuraram pensã-la em intensa conexão com a prática, surgindo assim a "Teologia da Liber tação", da qual o franciscano Pe. Frei Leonardo Boff ofm. é um dos representantes principais.

No documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, que orientou a pastoral no quatriênio de 1979-82 ("Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil"), exprimiu-se claramente o que se entende por "evangelização libertadora", que foi proposta ali, inclusive, como objetivo geral de toda ação pastoral da Igreja no Brasil, a saber:

"Evangelizar a sociedade brasileira em transformação, a partir da opção pelo pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à construção de uma sociedade fraterna, anunciando assim o Reino definitivo".

Portanto, evangelizar visa à construção de uma socieda de fraterna que seja assim anúncio do reino definitivo de Deus.

Mais adiante, explicando como entender essa "nova sociedade", o documento afirma:

"Esta sociedade nova virã ao encontro daquilo que são as aspirações dos homens de boa vontade:

- Qualidade de vida mais humana, sobretudo por sua irrenunciável dimensão religiosa, sua busca de Deus e do Reino que Cristo nos trouxe.
- Distribuição justa dos bens e das oportunidades, ten dendo a abolir a distância entre luxo desmedido e a indigência.
- Convivência social fraterna, na qual as metas a alcançar se decidam pelo consenso e não pela força ou
  violência; nessa convivência ninguêm se sinta ameaça
  do pela repressão, pelo terrorismo, pelo sequestros
  ou pela tortura.
- Mudanças estruturais que assegurem uma situação justa para todos.
- Participação de todos na produção, na partilha dos progressos da ciência e da técnica moderna" (n.42)

E o documento continua imediatamente, dizendo: "Compromentendo-se com a construção de uma sociedade fraterna, a Igreja entra plenamente no desígnio de Deus, como se deu a conhecer na história do Povo Escolhido, através dos Profetas, e sobretudo em Jesus" (n.43)

Contudo, não se trata de projeto que se limita à história neste mundo. O documento por isso esclarece: "A atuação de Jesus não so coloca a semente de uma transformação da história e da criação de uma nova sociedade, mas, introduz, de modo mais radical, a humanidade num novo relacionamento com Deus, que não se esgota na história. Jesus inaugura o Reino de Deus que é a realização integral da participação e da comunhão em toda sua dimensão. Este Reino definitivo já está, em germe, presente na história, por força do mistério pascal" (nn 46-47).

Este documento foi revisado e atualizado para o quatriênio de 1983-86, que agora terminou. Ali na formulação do objetivo geral, que continua sendo a "evangelização libertadora", ao falar da nova

sociedade se explicita que ela deve ser "justa e fraterna". Mais adian te. o documento diz:

"Importa querer e buscar a realização de uma sociedade justa e por isso mesmo fraterna. Não se completa a tarefa dos cristãos, enquanto não derem a sua contribuição específica para construir uma sociedade segundo as aspirações mais profundas dos homens de boa vontade e segundo o desígnio salvífico de Deus. Tal sociedade deve ter algumas características e dimensões importantes, como: a) União e solidariedade de todos e para com todos. (...) b) Defesa da dignidade e dos direitos humanos. (...) c) Justa distribuição dos bens. (...) d) Primado do homem e prioridade do trabalho (sobre o capital). (...) e) Emprego para todos e fundos para os desempregados. (...). f) Justa remuneração do trabalho. (...). g) Participação de todos. (...) h) Qualidade de vida mais humana. (...). i) Empenho pela Justiça e Paz (...). j) Necessária mudanças estruturais. (...". (n. 68).

Nota-se na formulação destas características da nova sociedade a influência da Encíclica "Laborem Exercens" do Papa João Paulo II (1981).

Dentro deste contexto pastoral global da Igreja no Brasil, quero destacar dois casos concretos de evangelização para uma no va humanidade e uma nova sociedade, a saber, a Pastoral Operária e as Comunidades Eclesiais de Base.

#### 1. - A PASTORAL OPERARIA

A Pastoral Operária acaba de celebrar seus dez anos de existência no Brasil. Ela foi criada tanto por causa das grandes injusticas reinantes no mundo do trabalho, quanto por causa das exigências do Evangelho no sentido de transformação da sociedade opressora dos trabalhadores.

De fato, na estrutura da atual sociedade o trabalho humano é componente "fundamental e decisivo", como diz o Papa na "Laborem Exercens" n.3, a tal ponto que poderiamos falar de uma "sociedade do trabalho". Essa "sociedade do trabalho, por sua vez, é conflitada: o conflito entre capital e trabalho. Esse conflito perpassa toda a sociedade, inclusive as comunidades cristãs, pois elas estão inseridas no mundo e compostas de pessoas que na sociedade ocupam um lugar neste conflito social. Ora, neste conflito, segundo o testemunho de todas as Encíclicas sociais dos Papas, os trabalhadores são a parte injusticada.

Por isso,a Igreja deve ser solidária com os trabalhado res e fomentar solidariedade entre os trabalhadores, em vista de uma nova sociedade onde o conflito seja superado. A "Laborem Exercens" diz com muita êfase: "Para se realizar a justica social nas diversas partes do mundo, nos vários países e nas relações entre eles, é preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho. Tal solidarie dade deverá fazer sentir a sua presença onde o exijam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a 'Igreja dos pobres'" (n.8).

Isso significa que a Igreja como um todo deve, primeiro, conscientizar-se melhor que nossa sociedade é uma sociedade de trabalho onde impera o coflito entre capital e trabalho; depois, precisa anun ciaro Evangelho, especialmente a Morte e Ressurreição do Senhor, em referência a este conflito social e na prática assumir a defesa dos trabalhadores. Um dos momentos fortes desta solidariedade e evangelização específica dos trabalhadores aconteceu durante as grandes greves de 1979-80, principalmente no territóri da minha Diocese de Santo André, que é a maior concentração industrial do país.

Contudo, alem da solidariedade da Igreja como um todo, e necessário organizar e formar os proprios trabalhadores cristãos para atuarem em coerência com sua Fe no Movimento Operário. Isso se pretende com a Pastoral Operária. Convém esclarecer desde o ínicio que não se trata de uma organização operária cristã paralela às legítimas organizações do Movimento Operário, mas de operários cristãos que vão atuar dentro das organizações operárias.

A Pastoral Operária, enquanto <u>operária</u>, é realizada por operários e destina-se ao serviço à classe operária. A hierarquia (bispos, padres, diáconos), que não são operários, assessoram e orientam a Pastoral Operária no que diz respeito à Fé e à prática cristã, mas quem faz a Pastoral Operária são os próprios operários. Em se tratando de assuntos específicamente operários, como as questões sin dicais e de fábrica, a hierarquia deve respeitar a legitima autonomia das organizações da sociedade temporal, como ensina o Concílio Vaticano II.

A pastoral Operária, enquanto <u>pastoral</u>. ela é um serv<u>i</u> co à classe operária para que esta, coletivamente, se encontre cada vez mais profundamente, em Jesus Cristo, para a transformação do mu<u>n</u> do, no sentido da construção de uma nova ordem social com a libertação de todas as dominações e a superação da propria sociedade de classes em conflito:

Para conseguir este objetivo maior a Pastoral Operaria realiza atividades como as seguintes:

- 1.- Conscientizar os trabalhadores sobre sua realidade no conflito so cial do capital versus trabalho, e conscientizar a Igreja sobre a importância da classe operária para a construção de uma humanidade nova e de uma sociedade nova;
- 2.- Formar evangelica, social e politicamente o trabalhador, a partir de sua vida no bairro, na fábrica, na comunidade cristã, no sindicato, na política, ajudando-o, de um lado, a fazer a análise sociológica da sociedade, especialmente da estrutura do sistema capitalista, e de outro lado, a descobrir o grande Projeto de Deus na Bíblia, para então confrontar a realidade social com a Palavra de Deus e tirar conclusões práticas de ação;
- 3.- Dar conhecimento aos operários sobre seus direitos como trabalha dores, sobre a história da classe operária, sobre o sindicalismo e assim por diante.
- 4.- Denunciar as injustiças que oprimem o trabalhador (salário injusto, repressão às greves, desemprego, más condições de trabalho etc.).
- Ajudar a unir os trabalhadores, inclusive unir os trabalhadores da cidade e do campo;
- 6.- Ajudar a organizar os trabalhadores no bairro, na comunidade cristã, na fábrica, no sindicato.
- 7.- Levar o operário cristão a aprofundar continuamente sua Fé, confrontando sua prática operária com a Palavra viva de Deus;
- 8.- Nas reuniões da Pastoral Operária, além de procurar confrontar a ação social-sindical dos membros e toda a realidade operária com a Palavra de Deus, também rezar a partir de tudo isso e promover celebrações liturgicas específicas seja com os membros da Pastoral Operário, seja com toda a comunidade cristã; nesta oração e nestas celebrações tomam-se por temas a prática dos membros da Pastoral Operária, a solidariedade da Igreja com a classe trabalhadora, os avanços e recuos da justa luta da classe operária.

É significativo que nas grandes reuniões de formação dos membros da Pastoral Operária sempre se programa simultaneamente o estudo e discussão da realidade sindical, da realidade econômica, da realidade política, junto com o estudo bíblico-pastoral-teológico.

O metodo da Pastoral Operária e o metodo do ver, julgar e agir.

A pastoral Operária existe atualmente espalhada praticamente em todos os Estados do Brasil, em 189 cidades, principalmente nas capitais, e em 85 dioceses. Os grupos são cerca de 530, com um número de membros entre 4.600 a 5.000. Os agentes que animam, assessoram e orientam a Fé dos grupos (bispos, padres, diáconos, religiosos) são cerca de 130 no Brasil. Esses números são do levantamento feito na última assembléia nacional da Pastoral Operária, em novembro último.

(Segue no próximo boletim a II ₹ parte)

Dom Claudio Hummes Bispo Diocesano

## AGENDA DE DOM CLAUDIO

1987

01/01 - AND NOVO

DE MANHA - Na catedral

DE TARDE - Viagem para Africa.

03/01 - 17/01 .. - Em Nairobi, no Kenya (Āfrica Oriental), num Congresso Internacional Missionário Franciscano.

18/01 - DE MANHA - As 9:30 hs., Missa na Catedral.

19/01 - 18/02 .. - FERIAS

'20/02 - ..... - Em Brodosqui, no Encontro Nacional de Diaconos Permanentes, para fazer palestra sobre "Justiça e Fé".

27/02 - DE MANHA - As 9 hs., Reunião dos Formadores.

27/02 - 01/03 .. - VISITA PASTORAL à Paroquia de Na. Sa. Auxiliadora, Pq. Capuava, em Santo André.

01/03 - DE TARDE - Ās 17 hs., Missa e CRISMA, ca capela do Alvarenga em São Bernardo do Campo.

05/03 - DE TARDE - Às 16 hs., Reunião com os agentes da Pastoral Operária.

06/03 - 08/03 .. - VISITA PASTORAL à Paroquia de Na. Sa. Aparecida , Vila Alves Dias, em São Bernardo do Campo.

08/03 - DE TARDE - Às 19 hs., Missa e CRISMA na Paróquia de Na. Sa. Aparecida, V.Pauliceia, em São Bernardo do Campo.

10/03 - 11/03 .. - Reunião da PROVINCIA ECLESIÁSTICA em Sorocaba.

## FALECIMENTO DO PADRE ERMELINDO

O Pe. Ermelindo Marchesini, da Congregação dos Padres Estigmatinos, faleceu repentinamente dia 13 de janeiro p.p. Era no momento Vigario Paroquial da Paroquia da Sagrada Familia, em São Cae tano do Sul, cargo para o qual fora nomeado em janeiro de 1985. Pe. Ermelindo havia nascido na Italia, em Cerna di San

tana (Verona), no dia 25 de abril de 1935. Ordenado sacerdote aos 24

de junho de 1962.

Trabalhou em varios lugares: Ituiutaba, MG; Rio Claro, SP, na Paróquia da Santa Cruz, onde foi paroco; Palmeiras, PR; Barra da Estiva, BA: e nestes dois últimos anos em São Caetano do Sul.

O falecimento repentino ocorreu por um fulminante enfarte agudo do miocardio, na Casa dos Padres Estigmatinos, em Rio Cla ro, onde estava de visita. Seu corpo foi então levado para Campinas, onde esta o jazigo dos Padres Estigmatinos. Mas neste interim, da Italia o pedido de seus familiares para que fosse sepultado em sua terra natal. Assim seu corpo, apos a Missa de Exequias em Campinas, foi transportado para a Italia. Grande delegação de paroquianos da Sagrada Familia foi a Campinas para as exequias.

Exprimimos aqui nosso sentimos para com os Padres Es-tigmatinos e a Paroquia da Sagrada Familia. E que todos rezem, para

que o Pe. Ermelindo possa estar na paz, junto a Deus R.I.P.

## INCULTURAÇÃO DO EVANGELHO

No Congresso Internacional Missionario Franciscano, em Nairobi (Kenya), no qual Dom Claudio participou, realizado de 5-14 de janeiro p.p., o tema da Evangelização missionaria foi enfocado como Evangelização para uma Nova Humanidade e uma Nova Sociedade". Entre outras abordagens, foram analisados varios exemplos de evangelização que concretamente se realizam nos vários continentes, sob o enfoque de terem em vista também a nova humanidade e a nova sociedade. Claudio foi encarregado de fazer uma palestra contendo exemplos deste genero no Brasil. Apresentou então como exemplos "Pastoral Operaria e Comunidades Eclesiais de Base no Brasil" (palestra cuja primei ra parte esta sendo publicada neste boletim e a segunda o sera no pro ximo).

Sendo o tema a Evangelização missionaris, muito se discutiu no congresso a INCULTURAÇÃO. A Missão não deveria levar aos povos missionados: uma Fe com involucro cultural de outras culturas, em geral de culturas "imperialistas", mas uma Fē a ser inculturada na cultura do povo que está sendo missionado. Insistiu-se também que a igreja tem feito maio res passos em termos de aculturar ou adaptar a Fe nestes casos, mas que esta tendo muitas dificuldades de inculturar. Não basta aculturar ou adaptar. E necessario inculturar.

## INCULTURAÇÃO E LIBERTAÇÃO

Um dos melhores textos de documentos da Igreja sobre in

culturação e este de Puebla:

"As culturas não são terreno vazio, carente de autênti cos valores. A evangelização da Igreja não é um processo de destruição, mas de consolidação e fortalecimento desses valores; uma contribuição ao crescimento dos "germes do Verbo" presentes nas culturas . (...)"

"Tudo isso implica que a Igreja - e obviamente a Igre-

ja particular se esmere por adaptar-se, realizando o esforço de trans-vasamento da mensagem evangélica para a linguagem antropológica e pa ra os símbolos da cultura em que se insere.

"A Igreja, ao propor a Boa Nova, denuncia e corrige a

presença do pecado nas culturas, purifica e exorcisa os desvalores .

(...)."

Não se pode considerar como violação a evangelização que e um convite a que se abandonem as falsas concepções de Deus, pro cedimentos antinaturais e manipulações aberrantes do homem feitas pe lo homem."

"A tarefa específica da evangelização consiste em "anun ciar a Cristo" e convidar as culturas não aficar sob um esquema eclesiastico, mas sim a acolher pela fe o dominio espiritual de Cristo, fora de cuja verdade e graça não poderão encontrar sua plenitude" . (Puebla, 2.3).

## INCULTURAÇÃO DA LITURGIA NA REPÚBLICA DO ZAIRE (ÁFRICA)

Transcrevemos aqui literalmente o que foi publicado no boletim "Africa News - Bulletin d'Information Africaine", no 94, 15 de dezembro de 1986, p. 11-12. Eis o texto, traduzido do francês:

Rito Zairense, um dos primeiros dossiers que a Congregação para o Culto Divino aprovara.

O Rito Zairense da celebração eucaristica serã o primeiro na Igreja católica a ser oficialmente aprovado pela Congregacao para o Culto Divino, aplicando os principios da inculturação do Concilio Vaticano II. Essa e a declaração feita dia 29 de outubro quarta feira, no Centro Interdiocesano, em Kinshasa, por Mons Virgi-

lio Noe. secretario desta Congregação.

O prelado, que esta fazendo uma visita ao Zaire, com término previsto para 7 de novembro, sublinhou o interesse que o San to Padre e seu Dicastério tem por esse rito. Assinalou que tudo ter-minara em breve. Mons. V. Noé, durante esse encontro com o pessoal do Centro, apresentou seu Dicastério e o trabalho que ali se realiza . Perguntado, o secretario da Congregação respondeu que seu Dicasterio esta examinando outros projetos de ritos, provindos da Africa, da In dia, das Filipinas e da America Latina.

Mons. Noë visitou também Kinshasa, Mayidi e Lisala. Aos 5 de novembro participou na catedral de Notre Dame de Kinshasa :numa concelebração em rito zairense, juntamente com os membros da Assembleia Plenária do Episcopado de Zaire.

## O que e Missa em rito zairense?

Aqui, o corpo participa da festa, por meio de gestos sig nificativos, expressando bem os habitos corporais de todos os dias ,

de forma que as pessoas os fazem espontaneamente.

Assim que o anunciador abre a cerimônia, a procissão de acolitos (uns vinte jovens vestidos de amplos "boubous" em tecido de pagne"), seguidos pelos leitores e pelo celebrante ladeados de dois "sabios", faz sua entrada dançando, num ritmo perfeito, solene e ao mesmo tempo alegre, não levando de forma nenhuma à dissipação, enquanto que os jovens do coral "ondulam" levemente no lugar onde es-. tão, em leves ondas, e a assembleia marca o ritmo dos cantos a maneira.

Chegado ao altar, o celebrante, primeiro levanta ao ceu os braços e o rosto, depois faz quatro prosternações sobre os quatro ângulos do altar. Esse rito, que não dura mais de dois ou três minu-tos, é ressaltado com um silêncio impressionante, cessando bruscame<u>n</u> te todos os cantos e instrumentos de acompanhamento, ficando em suspenso todo movimento dos acolitos. Sente-se como se algo passasse no ar; participa-se. Depois o canto de entrada e retomado alegremente.

A primeira coisa que o celebrante pede é que rezemos em comunhão com nossos irmãos, nossos ancestrais que jã estão junto de Deus, e com os santos, como uma so família. E invoca-se a presença

deles sob a forma de uma ladainha. O "Glória" é dançado pelos acólitos em torno do altar e constitui-se esteticamente num dos momentos mais belos da cerimo-

nia. A multidão acompanha do lugar onde estã.

Depois o leitor (leitora) vai receber a benção do cele brante, que intercede "a fim de que seus olhos (sic!) vejam bem as palavras que sairão de sua boca para que possam encher nossos corações".

A proclamação do Evangelho é valorizada por eficazes detalhes. O celebrante se aproxima e levanta solenemente o Livro canta: "Irmãos, o Filho de Deus fez-se homem". Responde-se: "Ele estã no meio de nós". E todos se dirigem para a estante cantando e da<u>n</u> cando: "Escutemo-Lo! Escutemo-Lo!" Por fim, o anunciador vem para frente, faz tinir uma especie de argola de cobre e diz: "Irmãos, abramos bem nossos ouvidos" e, com as duas mãos estendidas, faz sinal para que todos se assentem (na tradição zairense, não é conveniente ficar de pe quando uma pessoa importante nos dirige a palavra). As ve zes, o Evangelho e cantado. E a homilia termina assim: "O homem que tem ouvidos para compreender, que compreenda! O homem que tem coração para crer, creia!" E logo a assembléia da seu assentimento aplaudindo discretamente, gesto que depois se repete no "É bom e justo", antes do Prefacio.

Depois do "Credo", o sacerdote diz mais ou menos o seguinte: "A Palavra de Deus abriu nossos olhos. Nos a conhecemos, mas não a vivemos bem. Cada um, no seu coração, reflita e peça a Deus a força de corrigir seu comportamento". É so então que se canta o "KYrie" penitencial e reconciliador, com aspersão de agua benta, atraves de toda a igreja e dando-se todos mutuamente a paz de Cristo reencontra

Depois da Prece dos Fieis, acompanhada também de gesto e solenizada, os acolitos descem com grandes cestos, em que os fieis vão depositar suas ofertas, depois voltam com os grandes cestos trans bordantes (a generosidade é extraordinaria), numa procissão dançada, acompanhando um casal de leigos que leva o pão e o vinho. A melodia da oração eucaristica e magnifica, o coral e

a multidão acompanham a doxologia final em cinco, seis partidas ou

mais, conforme a inspiração.

Tentei descrever essa liturgia tão viva, que não cansa. Contudo, não estou segura de ter dado uma ideia adequada: precisava que minhas palavras tivessem cor, música, calor humano...
Allo Frascatí!, Outubro de 1986.
Irmãs Brancas, Monte Porzio Catone, Itália.

Até aqui o texto tirado do boletim mencionado. A segun da parte "O que e a Missa em rito zairense?", ao que tudo indica, e o texto de uma carta de alguma Religiosa das Irmãs Brancas!

## IRMA RENATA EM FERIAS

Antes do Natal, a Irmã Renata, da equipe missionária do projeto Igrejas-Irmãs em Santarem, veio em ferias, trazendo as melhores noticias dos padres e irmãs que la se encontram. Todos estão bem, diz Irmã Renata, e a pastoral vai se desenvolvendo normalmente.

#### NOSSOS DOENTES

- Pe. LUIS PAGANINI ficou mais de um dia internado no hospital, quando, dia 4 de dezembro último, foi acometido de uma elevação anormal da pressão, que provocou um "encharcamento do pulmão", que poderia ter tido consequências cardiacas mais graves se não tivesse havido atendimento imediato, como explicou o médico que o atendeu. Pe. Luis estava na residência do bispo, quando sofreu a crise, tendo sido imediatamente levado ao hospital. Ele estava, no momento, preparando as malas para embarcar de avião ao Espírito Santo, onde participaria de jubileus de antigos colegas. Hoje esta bem recuperado.

Recomendamos nosso doente à oração de todos!

## ANIVERSARIANTES

Aniversarios Natalicios				Aniversarios de Ordenação				
Marco				Março				
Pe. Angelo Beloso Pena	5 .		3	Mons. Luiz Carlos Ravasio	16		3	
Pe. Ernesto Cozer	6 -	-	3	Pe. Vicente Savoldi	19	-	3	
Pe. Lūcio Garcia Espiga	8 .		3	Frei Mariano Scaini	23	-	3	
Pe. Danilo José Ravanello	24 .		3	Pe. Adriano Antonio van der Zwaan.	27		3	
				Pe. Attilio Taricco	30	-	3	
				Pe. Geraldo Voltolini	30	-	3	

## FALECIMENTO DO PADRE JOSÉ PISONI

No final da redação deste Boletim, registramos com pesar o falecimento do Pe. José Pisoni, no dia 21 de janeiro.

O Pe. Pisoni nasceu no dia 25.12.1906, na cidade de Arbon, Suiça, estava em nossa Diocese desde o dia 12.02.71, residia em Vila Lopes, na cidade de Rio Grande da Serra-SP, e atendia a população local na Capela de São Joaquim.

No próximo Boletim serão publicadas mais completas notas biográficas do nosso saudoso Pe. José AOS GRUPOS DE PASTORAL OPERÁRIA E A TODOS OS COMPANHEIROS TRABA-LHADORES:

Os líderes metalúrgicos estão sendo processados por este governo safado que está do lado dos patrões, e podem ser enquadrados na LSN./ Se isto acontecer, a pena mínima é de 2 anos de prisão.

Muitos outros companheiros estão desempregados desde o final da greve, apenas por terem lutado por justiça.

Os sindicatos ainda continuam sob intervenção e nem se fala em / devolvê-los à tlasse trabalhadora.

Como nós podemos participar desta luta no nosso trabalho e nosso bairro?

O que a Pastoral Operária propõe como medida de protesto?

Como ex: aí está: Um ato público que vai ser realizado no domingo, dia 26/10 às 10:00 hs. no Estádio de Vila Euclides.

O que a gente pensa sobre isto?

Para ajudar em nossa refæexão de fé sobre estes acontecimentos/ transcrevemos um trecho de Tiago:

"AVISO AOS RICOS:

Agora, ricos, escutem: Chorem e gritem pelas desgraças que vão sofrer: Suas riquezas estão podres, e suas roupas finas estão comidas de traça. Seu ouro e sua prata estão cobertos de ferrugem, e ela serã uma testemunha contra vocês e, como fogo, comerá seus corpos. / Nestes últimos dias vocês amontoaram riquezas, e não têm pago os salários dos homens que trabalham nas colheitas em seus campos. Escu-/ tem as reclamações dêles! Os gritos dos que trabalham nas colheitas chegaram até os ouvidos de Deus, o senhor todo-poderoso. Aqui na ter ra vocês têm tido vida de luxo e prazeres, e estão gordos como o gado para o matadouro. Vocês condenam e matam os inocentes, e êles / não podem fazer nada contra vocês." (Tiago 5, 1-6).

PASTORAL OPERÁRIA DIOCESE DE SANTO ANDRÉ-SP PROPOSTAS DA P.O. DIOCESE DE SANTO ANDRE PARA 1987
TIRADAS NA ASSEMBLEIA DIOCESANA NOS DIAS 13 E 14/12/86

## 1 - CAMPO POLÍTICO:

EIXO: "PARTICIPAÇÃO EFETIVA NO PARTIDO E CONSTITUINTE"

#### ATIVIDADES:

- fortalecer a participação no partido (núcleo/diretório) e conhecer o Programa do Partido

· incentivar a filiação partidária dos militantes

- debates sobre Divida Externa e Interna

- constante analise de conjuntura - CONSTITUINTE: - continuar debates

- cobrança e discussão de propostas com eleitos em 15/novembro

- ter clareza do específico da Classe Trabalhadora

- coordenação diocesana: preparar subsídios com temas específicos e mais evidentes , e facilitar uma rápida articulação em caso de uma mobilização necessária

## FORMAÇÃO:

· Conteudo:

- maior clareza dos interesses de classe

- política partidária e tendências

- qual é o objetivo e papel do partido - aprofundamento da relação P.O. e Partido

- que sociedade queremos e como chegar la (Projeto Político da Classe Trabalhadora)

#### 2 - CAMPO SINDICAL:

EIXO: " APOIO AS OPOSIÇÕES SINDICAIS E SINDICATOS COMBATIVOS .
VISANDO O FORTALECIMENTO DA CU""

#### ATIVIDADES:

- discutir nas bases como a Nova República esta atacando a Classe Trabalhadora

- incentivar Campanha de Sindicalização

- participar e divulgar as Campanhas Salariais

- discutir sobre os direitos da Mulher Trabalhadora - debates sobre tendências no Movimento Sindical

- Equipe para dinamizar o 1º de Maio

- apoio nas eleições sindicais

#### FORMAÇÃO:

- cursos de Formação Sindical, conteudo:

- Estrutura Sindical

- Tendências no Movimento Sindical - Direitos da mulher trabalhadora

- Encontro sobre: Centrais Sindicais

#### 3 - CAMPO POPULAR:

EIXO: " ENTROSAMENTO MAIOR ENTRE A P.O. E MOVIMENTO POPULAR"
ATIVIDADES:

- contatos com as SABs ( Sociedade Amigos de Bairro )

- apoio na luta do Movimento de favelas pela posse da terra

- promover um maior entrosamento entre o Mov. Sindical e Mov. Popular

- apoio na luta pelo congelamento real de preços

- debate sobre Reforma Agraria e Urbana

- colaborar para a união dos vários movimentos nos bairros

- encontros de militantes da P.O. engajados no Mov.Popular, para troca de experiência
- apoio e atuação no Movimento Popular (Reivindicatório) fazendo ligação com a exploração dos trabalhadores e com a necessidade da luta sindical e partidária

- 3 dias de preparação ao Dia Internacional da Mulher

- incentivar no Partido , na Igreja e na CUT , uma maior participação nas lutas do Movimento Popular

#### FORMAÇÃO:

- estudo sobre a Reforma Agrária e Urbana:
- aprofundar o que é Movimento Popular
- aprofundar a questão da Mulher Trabalhadora

#### 4 - CAMPO PASTORAL DE CONJUNTO:

EIXO: " NOVO PLANO DE PASTORAL NA DIOCESE "

#### ATIVIDADES:

- preparar a celebração do 1º de Maio , com outras pastorais

- maior integração com outras prioridades

- atuar na Campanha da Fraternidade ajudando a aprofundar a questão do MENOR nos aspectos econômicos , políticos e teológicos , visando o processo transformação \* P.O. preparar material com este objetivo - participar nas discussões sobre o novo Plano de Pastoral, deixando

porque a PASTORAL OPERÁRIA deve continuar a ser prioridade para a nossa / Igreja do ABC

#### FORMAÇÃO:

- aprofundar o Tema: " A Diocese de Santo André não será Igreja, se não levar em conta a luta da Classe Trabalhadora e principalmente a realidade operaria do ABC "
- semana do trabalhador/ SBC de 27 à 30 de Abril , culminando com o 1º Maio

- semana do trabalhador nas Regiões e paróquias

- atenção para a questão dos Leigos

## 5 - QUESTÕES INTERNAS DA PASTORAL OPERÁRIA

EIXO: "FORMAÇÃO E ACOMPANHAMENTO "

#### ATIVIDADES:

- ajudar a reativação da P.O. da Região de Utinga
- a coordenação diocesana acompanhar as Regiões
- incentivar a criação de novos grupos de base e ampliação dos jã existentes
- incentivar visitas a grupos de P.O. de outras Regiões da Diocese elaboração de um PLANO DE FORMAÇÃO DIOCESANO DA P.O., para os vários níveis de militância
- proposta de metodologia: avaliação constante da ação
  - reflexão de 1 hora em todas reuniões sobre: FE E TRABALHO
- que cada Região: prepare sua reunião mensal
  - envie um relatório da reunião para a Secretaria Diocesana
  - envie cartas aos militantes lembrando a pauta das reuniões
  - organize uma SECRETARIA e uma TESOURARIA
- fortalecimento da Equipe Diocesana de Finanças : reunião mensal , formada por um ou dois representantes de cada Região
  - FORMAÇÃO: promoção da Região de SBC , Curso de Formação ,com Frei Betto 10 vagas por Região - local: Igreja Matriz SBC

#### 

\*\*\*\*\*

XXXXXXXXXXXXXXXX

Companheiros e companheiras !

Vimos através desta informar sobre a reunião anterior, da Equipe de Assessoria, de forma breve . Também passar um calendário sobre eventos importantes para a Pastoral Operária, aproveitar também para convida-los a participar dos Encontros de Agentes nível Estadual e Nacional.

#### REUNIÃO ANTERIOR

Presentes: Moacir e a Executiva (Luciano, Elena, Janete, Carlinhos e Zé Faria). Ausências justificadas: Teresinha, José Carlos, Fábio, Geraldo.

Desenvolvimento : Aproveitamos para converssar um pouco sobre as Coordenações das Regiões ( Qual o papel , desafios , experi ências ). Alguns fatos novos em termos de assessoria em Mauá.

## CALENDÁRIO / PASTORAL OPERÁRIA

- 23 / Maio = Reunião da Equipe Estadual da Pastoral Operária
- 24 / Maio = Reunião da Região: Diadema / Serraria. das 8:30 às 11:30 Mauá / Matriz. das 14:00 às 18:00 26 à 28/05= Eleição Sindicato dos metalúrgicos de São Caetano
- 29 à 31/05= Encontro Estadual dos Leigos
- 19:30 hs - 25/ Maio = Avaliação Seminário das Mulheres. ABC/Sind. Met.S. André
- 05/ Junho = Reunião Mensal da Executiva com D.Claúdio 16:00hs
- 06 e 07/06= Encontro Estadual Formação: Conjuntura Eclesial
- 08 à 12/06= Eleição Sindical Metalúrgicos: SBC e São Paulo
- 15 / Junho= Encontro Diocesano Formação Sindical/Inst.Coração de Jesus
- 20 / Junho= Festao da P.O. \*\*\*\* Não podemos perder heim ? !
  - 21 / Junho= Reunião da Região Leste / 14:00 às 18:00 hs V. Vitória
- 23 e 24/06= Encontro Estadual de Agentes, engajados na P.O.
  - 27 / Junho= Reunião Equipe Estadual da P.O.
  - 28 / Junho= Encontro Estadual Form. Sindical (continuação)
  - 30/6 à 3/7= Encontro Nacional de Agentes, engajdos na P.O.
    - 04 a 5/07 = Encontro Estadual Form. Biblica: para iniciantes
    - \* 11/Junho = Reunião Equipe de Assessoria / 15:00hs / CURIA
    - \* 13/Junho = Reunião Coordenação Diocesana/ 8:00 às 12:00hs/ CURIA
    - \* 09/Julho = Reunião Equipe de Assessoria/ 15:00hs / CURIA
    - \* 11/Julho = Reunião Coordenação Diocesana/

/ CURIA

Um abraço fraterno !

<sup>-</sup> Qualquer dúvida comunique ! 449.20.77 falar com Elena

Salmo 145 - DEUS MANTÉM O COMPROMISSO COM SEU POVO

TODOS: Quero louver o Senhor, louverei e canterei sempre so Senhor enquento eu for vivo

Uma voz: Não adianta confiar nos grandes, nos poderosos, no homam com não pode salvar ninguém - morre é enterrado e acabam-se toda os seus projetos.

TOBOS: Refrão

Uma voz: Feliz aquele que busca seu apoio no Deus vivo, que pos sus perança no Senhor noseo Deus. Poi Ele quem criou o cent e a terra, o mar e tudo que existe. Mantém fielmente sua palavra, para sempre.

TODOS: Refrão

Uma voz Nosso Deus é o Deus que faz justiça aos oprimidos, da pap famintos, abre eos olhos ao cego, ampara o orfão e a viúva, liberta os cativos, ama os justos, reabilita os humilhados, abriga os marginalizados, entrava o caminho dos maus.

TODOS: Meu povo, este é o nosso Deus. Seu poder subsiste etername vamos louvá-lo.

## CANTOS PARA A CELEBRAÇÃO

Vem. Senhor, vem Senhor, vem libertar o teu povo

Apesar da fome aguda e da sorte que não muda/ sem casa prá morar e se empregar, este povo ainda espera a tua vinda (bis)

Apesar de deprimida de lutar sem ver sentido/fazer sem ter querido, por morrer sem ter vivido, este povo ainda espera a tua vinda (bia)

Apesar do ateísmo e das marcas do egoísmo/ da cobiça e da ambigar e de tanta solidão, este povo ainda espera a tua vinda (bis)

NOSSA ALEGRIA

Nossa alegria é saber que um dia todo este povo se libertara

Pois Jesus Cristo é o Benhor do mundo nossa esperança realizara (bia)

Jesus manda libertar os pobres ser cristão é ser libertador

nascemos livres pra crescer na vida nunca ser pohre nem viver andor (bia)

Vendo no mundo tanta coisa errada a gente pensa em desanimar

mas quem tem fé sempre está com Cristo tem esperança força pur lutar (bia)

Não diga nada que Deus é culpado quando ha vida o sofrimento vem

Vamos lutar que o sofrimento passa, pois Jesus Cristo já sofreu também.

Libertação se encontra no trabalho, mas há dois modos de se trabalhar

Há quem trabalha escravo do dinheiro, há quem procura o mundo melhorar

De pouco a pouco o tempo vai passando e a gente espera ma libertação

Se a gente luta ela vem chegando

Se a gente para ela não chega não (bis)

OS DEVOSTOS DO DIVINO vão abrir sua morada pra bandeira do Menino ser benvinda, ser louvada, ah, ai. Deus vos save esse devoto pela esmola em vosso
nome, dando áqua a quem tem sede, dando pão a quem tem fome.

A bandeira acredita que a semente seja tanta, que essa mesa seja farta que
essa casa seja santa, ah, ai. Que o perdão seja sagrado, que a fé seja
infinita, que o homem seja livre que a justiça sobreviva, ah, ai.

Assim como os tres Reis magos que seguiram a estrela guia, a bandeira segue em frente atras de melhores dias, ah, ai. No estandarte vai asorito
que ele voltará de novo e que o Reiz será bendito. Ele mescero de la como de seguiram de será bendito.

## CANTOS - PASTORAL OPLEANTA DE SÃO BLENARDO DO CAMPO-

## 1- OS UTLOMBOS ONTINI

## Refrao:

RI ZUMBI/ZUMBI GANGA MEU REI/VOCE NÃO MORRIU/VOCE ESTÁ EM MIM (bis)

Ri Zumbi/ seu povo não esqueceu/ a luta que voce/ deixou pra prog seguir/ Ri Zumbi/ os novos qui lombos/ com seus Quilombolas/lutam pra resistir.

Mi Zumbi/ seu sengue semeou/ coragem em nossa gente/ que luta; com fervor/ Li Zumbi/ a luta é a mesma/ mudou só o cenário a roupa e a cor.

Ei Zumbi/ nossa terra é fértil / outros como vocé/também tomba - ram ao chão./ Ei Zumbi/ e muitos tombards/ enquanto houver luta/ pela libertação.

# 2- ZUMBI LSTÁ VIVOL

Foi la nom Quilombo dos Palmares que morreu Zumbi (bis) Mas o seu sangue derramado quando foi martirizado, eis em mim , agora aqui. (bis)

Zumbi morreu mas no coração ne gro continua viver. Quebrando um pedaço das corren tes/ O resto que prende a gente nos é que vamos romper (bis)

Vamos romper, nos negros juntos, temos que vencer! Com a proteção de Nana, de Iansa e de Ogum, livres queremos viver. (bis)

## 3- A MULHER NEGRA

Maria, Maria, Maria, f um dom, uma certa magia/ uma for ca que nos alerta/ Uma mulher que merece viver e amar/ Como outra/ qualquer do planeta.

Maria, Maria, É o som. É a cor. É o suor. É a dose mais forte e lenta/ De uma gente que ri quando deve chorar./ E não vive apenas aguenta.

Refrão: Mas é preciso ter força/É preciso ter raça/ É preciso ter raça/ É preciso ter garra sempre/ Quem tras no corpo a marca.

Maria, Maria,
Mistura a dor e alegria/ mas é '
preciso ter manha/E preciso ter'
graçá É preciso ter sonho sempre.
Quem traz no corpo esta marca/possui a estranha mania de ter fé na
vida.

# 4 - CANTO DAJ THES RACAS.

Ninguém ouviu um soluçar de dor on canto do Brasil.
Um lamento triste sempre ecoou desde que o indio guerreiro foi pro cativeiro e de la cantou.

Negro entoou
Um canto de revolta pelos ares
no Quilombo dos Palmares
onde se refugiou,
fora a luta dos inconfidentes
pela quebra das correntes
nada adiantou ...

E de guerra em paz, de paz em guer ra, todo povo desta terra, quando pode cantar, canta de dor. 000000 .....

E ecoa noite e dia, é ensurdece - dor, aí, mas que agonia o canto do trabalhador.
Esse canto que devia ser um canto de alegria soa apenas como um solu car de dor...

# 5 - QUEM É, QUEM É.

REFIGO: QUEM É, QUEM É, QUEM É, que tá escravizando este povo José, (bis).

O povo de Deus continua gemendo/ uma vida de escravo ta ele vivendo/ grita aperreado, ja quase mor rendo.

Eu vi com os meus olhos a grande aflicac/ os duros gemidos na es cravidac/ os feitores batendo sem ter compaixão.

Se junta o rei com os seus conse lheiros/ e criam uma lei pra acabar com o povo/ mandam as parteiras matar as crianças,

Subiu até Deus o seu grito de dor seu luto e gemido o Senhor escutou e ficou comovido co esse clamor.

Um povo sem terra e sem liberdade tangido, do campo corre pra cidade O governo e que faz essa pervesida de.

409

## 6 - ANGOLA

Eu quero ir a Angola eu quero ir/ Eu quero ver o seu sol e o seu mar/ Meu sonho e ver dorço sangrio E conhecer minhas raizes que estão la (bis)

Aqui chegemos de navio negreiro/!
Em ambiente muito brutal/ fomos ven
didos para o cativeiro/Pros fazen =
deiros como animal.

Deixumos la a nossa cultura / E a nossa religião./ Chegamos aqui para sofrer tortura/ E a maior forma de escravidão (bis)

TÊ OXUM

Aqui levando peia em nosso lombo / Nos procurávamos nos organizar/ Fugia pras matas formar (uilombo. Mas os caçadores iam nos caçar(bis)

refrão - IÊ - CXALA

## 7 - APRENDA A GOSTAR DO NEGRO.

Vamos aprender a gostar de ser ng gros/ como os brancos gostam de ser brancos/ indo a luta com garra e sem medo/ indo em frente sem ne nhuma travanca.

Pois nos não devemos nos envergonhar/ de nosso passado de escravidão,/agora no presente ela ainda há/ nos devemos é buscar libertação. (bis)

Com a nossa luta de negros que so frem/ nos vanos chegar onde nos queremos./Temos que gritar com a voz ben forte/ a nossa liberdade<sup>®</sup> e o que exigimos. (bis)

Vamos acabar com o preconceito/Con tra a nossa raça e a nossa cor/ Porque nos so queremos os nossos; direitos/ e que todos tenham o mesmo valor.

Se com a nossa luta nos nos liber tamos/podemos dizer adeus escrava dão/ agora chegou o que esperamos porque a nossa luta foi abolição.

# 8 - O BAHTA 0000

Ja é hora da gente pensar/ lluma! forma de se libertar/ Esta luta vai muito longe esta luta não pode parar (bis)

Quem tem boca fala a verdade / quem tem orelha precisa escutar/ Operario e escravo de hoje/ A industria e o canavia (bis)

O chicote agoitado no povo/ Esses cabras não querem parar/ As correntes libertadoras/ ja começaram a se formar (bis)

9- ENGLISHO DE FLORES.

Eh. alumiou toda terra e mar (bis)
Eu vi Fortaleza falar (bis)
Agora que eu cuero ver
se coro de gente é pra cueimar (bis)
Vou pedir pra São João Cosme e Damião/ pra nos ajudar. (bis)
Quero um apito de engenho de flores
chamando pra trabalhar.

## 10 - HISTÓRIA DESUMANA

REBRÃO: MINGUÉM SE ENGANA/NENGUÉM SE ENGANA/A NOSSA HISTORIA JÃ COMEÇOU DESUMANA (bis)

Há muitos anos os Portugueses vi eram /e muitas desgraças fizeram '
pra quem nesta terra mora/ Quandochegaram/ izmendo começaram logoa guerra/ tomando conta da terra '
botando os índios pra fora.

Houve as entradas denominadas bandeiras/com ação muito grosseira/ ' pra dominar os nativos./Eram tratados com a major crueldade lhe roubado a liberdade/fazendo o povo cativo.

O nosso indio que isso não conhecia quando podia fugia/desse crime desu mano/E planejaram outra ação mais! prepotente/foram buscar nova corren te/ os negrinhos africanos.

Lá na senzala os negros sem liberda de/na mais triste crueldade/levando peia no lombo./Atormentados dos hor rores que faziam/tendo vaga eles fu giam/pra formarem os quilombos.

O governo preparou a expedição mandou mais de um batalhão aos quilombos destruir/investindo nos quilombos dos Palmares/destruiu, vários, milhares/liderados po Zumbi.

Outro episódio desta nação brasileira/guerra brutal e grosseira que fim dou matando tudo/Destruindo de um po vo a esperança/Homens, Mulheres, Cri anças/ nos arrais lá em Canudos.

Notivado no espírito de ambição/que rem fazer produção/enviando a outra zona./Pogam o Nordeste foram fila ' dão de marcha/os soldados da borracha/vendidos no Amazonas.

E a história desumana continua/set enfeita praça e rua/bota plaça/ e da-se nome/ E não se olha prá tanta gente doente/ tanta criança inocente/ que hoje morre de fome.

(Germano Maia)

...

## 11- ANUNCIAÇÃO

Na bruma leve das paixões que vem de dentro.
Tu vens chegando prá brincar no meu quintal.
No teu cavalo, peito nú, cabelo ao vento,/e o sol quarando a nossa - roupa no varal (2 vezes)
RLFRÃO: TU VINS, TU VENS,
EU JÁ ESCUTO TEUS SINAIS.

A voz do anje sussurrou no meu ouvido/ Eu não duvido ja escuto os teus sinais. / ue tu virias numa ' manha de Domingo/Eu te anuncio nos sinos das catedrais.

Refrão ...

## 12 - LICÃO DO PINTO

Vanos neu irmão/a grande lição/vanos aprender/ é belo o instinto do pequeno pinto/ antes de nascer.

O pinto dentro do ovo/está ensinando ao povo/que é preciso trabalhar

BATE O BICO, BATE O BICO BATE O BICO, TICO-TICO PRA PODER SE LIBERTAR.

Vamos minha gente/ vamos para a frente/arrastando a cruz/atras da fraternidade/ que pregou Jesus.

O pinto prisioneiro/prá sair do ca tiveiro/vive bastante a lutar: BATE O BICO ...

Se direito temos/ todos nos queremos/ liberdade e paz/no direito ha mano / não existe engano/ todos som mos iguais.

O pinto dentro do ovo/aspirando um mundo novo /não deixa de biliscar. BATL O BICO, BATL O BICO BATL O BICO, TICO-TICO PRA PODER SE LIBERTAR. Oi companheiro (a)

Como tem sido em todos os anos, a P.O. de S.B.C., realiza no mês de junho um encontro de dois dias, para aprofundamento em questões importantes e urgentes para a nossa formação e atuação enquanto militantes da P.O.

Lembranos então ao companheiro (a), que esse encontro será rea lizado nos dias 07 e 08 de junho, no Instituto Paulo VI em Taboão da Serra No sábado dia 07, o Tema a ser aprofundado será sobre a Conjuntura Nacional, dando enfoque a Estrutura Sindical, e no domingo dia 08, fa remos um estudo sobre o Documento do Ratzen (Introdução Sobre a Liberdade Cristã E A Libertação), e sobre a Carta do Papa aos Bispos Brasileiros(esses textos estão sendo vendidos na sala 02 da Matriz).

Pedimos ao companheiro (a), que confirme sua ida ao Encontro 'com a Janete na sala 02 da Matriz ou pelo telefone 448-1686 das 14:00 às 17:30 hs, até o dia 04/06/86 (quarta-reira).

Mão deixe de ir, sua presença será muito importante.

Um grande abraço.

P/ COORDENAÇÃO DA P.O. DE S.B.C.

ENDEREÇO DO INSTITUTO PAULO VI

H. Uganda, 51 Pq. Monte -Alegre - Taboão da Serra.

Ida pela Rod. Regis Bittencourt Km 16,5 Na 1ª Passarela entrar à direita,
Na Churrascarla Comanche Entrar na R. do lado direito subir e entrar
na 4ª rua à direita , aí já é o Instituto.

Não precisa levar roupa de cama.

como tem parsa lo? Esta carta é para lembrá-lo (a) de que nos se próxima reuniãopserá no dia 13/04 às 9:00 hs na sala nº 01 da Igreja' Matriz de S.B.C.

A Pauta será:

9:00 hs - Oração

9:15 hs - Discussão sobre a Semana do Trabalhador

10:00 hs -- Care

10:15 hs - Viagem (Cuba e Nicarágua) Márcia e Terezinha

11:00 hs - Celebração

12:30 hs - Almoco

13:30 hs - Informes

Informamos também que, haverá no Sedis Sapience em São Paulo uma Tarde para discutir a Conjuntura da Igreja, onde estarão presentesos Bispos D. Pedro Casaldáliga, D. Mauro Morelle e D. Tomás Balduino. Logo' após haverá exibição do filme "Igreja da Libertação" que conta sobre os 20 anos da caminhada da Igreja no Brasil, dando grande destaque à Igreja no ABC.

O início está previsto para às 15:00 hs e o término para às 19:00 hs, sendo que o filme tem aproximadamente 1 hora de duração.

Achamos que seria importante nossa presença no Sedis, por is so, para quem estiver interessado, às 14:15 hs terá um onibus que sairá! da Matriz e nos levará até lá.

Não falte, contamos com a sua presença. E como não há cozinha no localda reunião, pedimos que para o nosso lanche comunitário, seja trazido algo mais prático.

Até lat

P/ COORDENAÇÃO DA P.O. DE S.B.C.

São Bernardo do Campo, 25 de fevereiro de 1986.

Oi Companheiro (a):

Zata carta é para lembrá-lo (a) de nossa próxima reunião; que será realizada no dia 09/03/86 às 9:00 hs na Creche do Basta. Informamos, que a Pauta de reunião será a seguinte:

- Campanha Salarial
- Semana do Trabalhador
- Dia Internacional da Mulher.

Pedimos so companheiro(a), que reflita sobre os Temas que gostaria de ver serem debatidos na VI SEMANA DO TRABALHADOR, e nos' traga sugestões sobre Temas e sobre os Palestriatas.

Saíremos da Igreja Matriz às 8:30 hs, lembre-se de levar algo para o nosso lanche comunitário.

Não falte, contamos com a sua presença.

Um grande abraçon

Vanual

Jamete pa Coordenagão da C. B. C.

## Olá companheiro (a) f

Esperando que a fé e a garra de lutar estejam maiores que os problemas do dia a dia, venho lembrá-lo (a) de nossa reunião que se rá no próximo domingo - dia Ol de setembro - na Creche do Baeta, a qual te rá a seguinte pauta:-

09.00 hs. Oração - (V.Perrazópolis)

09.15 hs. Análise de conjuntura enfocando: Constituinte, Reforma-Agrária e Dívida Externa

10.00 hs. Café

10.10 hs. Trabalhos em grupos

10.30 hs. Plenária

11.00 hs. Celebração (V. Ferrazópolis)

12.00 hs. Almoço

13.30 hs. Divisão de Tarefas para a Semana "Igreja e Classe Traba lhadora" organizada pelo Cehila - Matriz de SBCampo

14.00 hs. Informes

14.15 hs. Marxismo e Cristianismo - Estudo

Sairemos no mesmo horário - 8,30 hs. - da Igreja Ma - tris; para o lanche comunitário você poderá levar salgado, fruta - ou bebida. Até domingo.

Um abração,

2/PASTORAL OPERARIA DE SBCAMIO

"O nem o tempo, amigo nem a força bruta pode um sonho apagar" - Beto Guedes

São Bernardo do Campo, 28 de outubro de 1985.

## COMO VAI COMPANHEIRO (A) ?

Esperando que so movimentos estejam crescendo e que a esperança esteja presente no seu dia a dia, venho falar-lhe sobre a nossa reunião que sera no dia 10 de novembro, na creche do Baeta.

Esta reunião e extremamente importante, pois como este ano não teremos o encontro de dois dias so da PO de São Bernardo do Campo (porque havera um Encomtro Diocesano) vamos no dia 10, discutir questoes internas.

Havera a eleição da coordenação e por isso e bom que voce juntamente ' com o seu grupo va pensando em tres pessoas de acordo com os seguintes critérios: os coordenadores tem que: ter no mínimo seis meses de participação na PO de São Bernardo; ter uma militancia; priorizar o trabalho da Pastoral Operaria.

Não podemos nos esquecer que uma coordenação bem integrada e dinamica. com pessoas bastante comprometidas, é decisiva para o avanço do movimento, sendo assim é interessante irmos refletindo desde ja. Precisamos pensar também em propostas para o Encontro Diocesano de PO que sera em 14 e 15 de dezembro, em Taboão da Serra.

Nessa reunião também faremos o nosso calendario para 1986. A pauta se-

ra a seguinte:

9:00 - Oração (Taboão)

9:15 - Avaliação dos grupos de bairro sobre: a coordenação da PO,

assessores e o grupo como um todo neste ano

10:15 - Cafe 10:30 - Plenaria

11:00 - Discussão em grupo sobre a eleição da coordenação

11:20 - Eleicão do plenario

12:15 - Celebração

12:45 - Almoço

14:00 - Discussão em grupo para levantar sugastões e propostas para o

ancontro diocesano

14:30 - Plenaria

15:00 - Informes

15:30 - Cafe

15:45 - Harrismo & Cristianismo

Como de costume sairemos às 8:30 da Hatriz e faremos um lanche comuni tario. Um grande abraço e ate breve !

P/COORDENAÇÃO DA PO DE SBC

## INFORME NO 1 / 1986

Apresentamos, companheiros, as atividades previstas para o Ano do Centenãrio do 10 de Maio.

	CALENDÁRIO DA PASTORAL OPERÁRIA NACIONA	AL/1986	
	ATIVIDADE	DATA	LOCAL
1)	(ACO, JOC, ACR, CPT, CPP, CPO)	1 e 2/2/86	Col. Assunção
2)	Executiva Nacional	3 e 4/2/86	Col. Assunção
3)	Equipe de Formação	19 e 20/2	
4)	Comissão Nacional e		NA 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1 - 1
5)	Executiva Nacional	23 e 24/4/8	6
6)	Campanha financeira da CPO	26/4 a 19/5	/86
7)	Executiva Nacional	e 4/6/86	
8)	Executiva Nacional	7/7/86	
9)	Encontro de Agentes 8	a 11/7/86	Col. Assunção
10)	Encontro Famīlia Operāria	9 e 20/7/86	Col. Asunção
	Executiva Nacional 2		
12)	Congresso Nacional da CUT, a confirmar 28		
13)	Executiva Nacional 1	e 2/10/86	
14)	Executiva Nacional 5	e 6/11/86	
15	(Eleições1	5/11/86)	
15)	Seminário: Igreja e Teologia da Libertação	24 a 26/11/	86Col. Assunção
16)	Assembléia Nacional	8 a 30/11/8	6 Col Assunção
17)	Executiva Nacional	e 2/12/86	

p7 Secretariado Nacional da Pastoral Operária

Ponciva.

## Companheiro (a)

Depois de um tempo de distância vamos matar a - saudade e nos fortalecer na luta, no nosso encontro que será no dia - 03 (três) de fevereiro na Igreja do Bom Pastor.

A pauta do dia será a seguinte:-

9.00hs. - oração

9.15hs. - Campanha da Fraternidade

10.15hs - café

1030hs - Análise de conjuntura

11.30he - Celebração

12.30hs - Almoço

14.00hs - Sugestões para a Semana do Trabalhador

15.00hs - Campanha Salarial e Dia Internacional da Mulher

1515hs - Café

15.3ohs - Informes, avaliação e propostas de temas para a próxima rem nião.-

Como vê teremos um dia de importantes discussões sobre as quais podemos desde já estar pensando para levar a nossa con tribuição, principalmente a respeito das sugestões para a Semana do Trabalhador (tema, nomes, dinâmica). Não podemos nos esquerçer do evangelho e do lanche comunitário (salgado, fruta ou bebida).

Sairemos às 8.30 hs. de Igreja Matriz.

Um grande abraço e até lá.

Eliana

p/ Pastoral Operária de SBCampo

A Comissão Nacinnal de Pastoral Operária, atendendo a solicita ção de inúmeros companheiros militantes do movimento sindical, apresenta seu posicionamento frente à CLAT (Central Latino Americana de Trabalhado res) e a seu centro de formação instalada no Brasil, o IPROS (Instituto de Promoção Social).

Preliminarmente é preciso reafirmar que a Comissão Nacional de Pastoral Operária, entidade ligada à linha 1 da CNBB, mantendo seu princípio de autonomia e sua característica de serviço pastoral, não tem vin culação com nenhuma central sindical ou partido político.

O papel da Pastoral Operária consiste em apoiar o engajamento de seus militantes no movimento social (movimento sindical, popular e po lítico) e apoiar o movimento sindical segundo critérios básicos bastante claros: a luta por um sindicalismo de base, classista, combativo, democrá tico e autêntico.

Dentro destes princípios, não é hábito da Comissão Nacional de Pastoral Operária posicionar-se publicamente diante de uma ou outra cen tral sindical. O caso presente consiste numa exceção por se tratar de uma Cen tral Sindical que, tendo origem no movimento democrata-cristão, passou por um processo de desconfessionalização formal, mas, sobretudo últimos tempos, tem feito questão de atuar junto e dentro de organizações de Igreja, tentando inclusive valer-se desta ligação para ver facilitada sua penetração no movimento sindical brasileiro.

Esta particularidade da CLAT e a solicitação dos companheiros de base exigem de nos uma tomada de posição, embora reconheçamos o direito democrático deste e de outra tendência sindical em atuar e se implantar no País.

## OBJETIVOS DA CLAT NA AMÉRICA LATINA

Dentro das informações que pudemos colher e sobretudo a partir da análise da prática dos representantes da CLAT no Brasil, chegamos a al gumas conclusões:

- A CLAT, seguindo a proposta de orientação democrata-cristã da CMT (Con federação Mundial dos Trabalhadores), à qual permanece filiada (embora verbalmente negando sua ligação com a Democracia Cristã), propõe para América Latina e para o Brasil a criação de uma Central Sindical ou de um chamado "espaço alternativo", que tentaria reunir os cristãos e "democrata-cristãos" engajados no movimento sindical.

Numa visão ideológica que divide o mundo em dois grandes blocos monopolíticos (socialista e capitalista), aos moldes do processo da "guer ra fria", aponta como saída uma alternativa "terceirista", o que vale dizer que os cristãos devem criar uma "terceira via" de solução para problemas políticos e econômicos mundiais.

- Esta visão ideológica é completada por uma visão eclesiológica pré-conciliar, que separa a Igreja do "mundo" e preocupa-se em construir estruturas próprias para a atuação dos cristãos engajados socialmente (partidos cristãos, sindicatos cristãos, etc).

O desdobramento prático desta visão tem características bastan te nítidas:

- a) a posição "terceirista" na realidade torna-se um "anticomunismo" doentio, onde o conceito da "democracia" acaba por identificar-se
  perfeitamente com o conceito de democracia liberal, e que, portanto acaba favorecendo a manutenção do "status quo" capitalista. Apesar do discur
  so radical, contra o capitalismo e por uma organização autogestionária da
  sociedade, a prática da CLAT na América Latina e suas alianças no Brasil
  traem essa tendência.
- b) a CLAT fazuma análise desfocada do movimento sindical brasileiro taxando de comunistas a todos aqueles que não concordam com sua posição e aliando-se a setores reacionários do movimento sindical (caso por
  exemplo da assessoria de um membro do IPROS ao Sindicato dos Bancários do
  Paraná durante a última greve da categoria). Esta mesma matriz de análise
  leva a CLAT a colocar-se em oposição ao Governo Sandinista, a apoiar o
  governo de El Salvador a desenvolver uma prática divisionista na Repúbli
  ca Dominicana há anos atrás: em nome de princípios democráticos, favorece a prática de dominadores internos e externos.
- c) dada a dificuldade de peretração no Brasil, a CLAT, através do IPROS, criado como seu ponta-de-lança no Brasil, tem tido uma prática no mínimo duvidosa e oportunista em seu contato com pessoas (sindicalistas) e entidades. Por várias vezes, algumas entidades e pessoas, a contragosto, viram seus nomes envolvidos pela CLAT em manobra que tentavam con seguir prestígio, citando estas entidades como participantes ou simpatizantes da CLAT. É o caso da ACO nacional e da FNT, de São Paulo Osasco, conforme documento publicado por estas mesmas entidades.
- d) um outro exemplo de prática reprovável e pouco coerente com os princípios cristãos é a maneira como se tem desenvolvido o processo de cooptação de novos sindicalistas pelo IPROS-CLAT. Muitos dirigentes sindicais tem sido visitado por elementos ligados a essa organização, recebendo propostas de viagem, ajuda e cursos de assessoria, sem que nunca se explique qual o objetivo final de tal tipo de "ajuda". Quando a pessoa toma consciência do significado real de tal ação, seu nome já está largamente envolvido.
- e) o desrespeito ao estágio do movimento operário brasileiro e à maneira como aqui se tem conduzido os cristãos engajados no movimento sidnical é ilustrado pelo exemplo da organização da III Conferência sobre Direitos Humanos, a se realizar no Rio de Janeiro em dezembro. Os Centros de Defesa dos Direitos Humanos e, por exemplo, a Comissão Pontifícia de Justica e Paz de São Paulo, que são as entidades que tem de fato

.

atuado neste campo, não foram consultadas em nenhum momento. Trata-se de uma tática para se criar no Paír uma atmosfera positiva para uma entidade que aparentemente seria "defensora" dos direitos humanos.

### BUSCAR UM PROJETO NÃO APENAS DOS CRISTÃOS

A transposição do modelo sindical europeu para a América Latina só poderia determinar um tipo de conduta que, a longo prazo, significaria um grave risco para a participação correta dos cristãos no movimento so cial. A prosperar essa visão e sua consequente organização, é possível que se crie uma grave divisão entre os cristãos envolvidos no movimento social e dentro da própria Igreja no Brasil. Por isso decidimos combater politicamente essa tendência, dentro de um princípio elevado, e negando-nos a qualquer tipo de retaliação pessoal.

A ALTERNATIVA sustentada e praticada pela Comissão Nacional de Pastoral Operária através de suas bases tem sido muito clara:

O CRISTÃO ENQUANTO FERMENTO E SAL deve estar dentro da massa , dentro das lutas e das estruturas criadas <u>pelo conjunto do movimento so cial</u> (e não apenas pelos cristãos). As estruturas criadas pelos cristãos (movimentos, serviços pastorais) não têm um fim em si mesmo, mas existem em função de possibilitar e auxiliar a militância dos cristãos dentro dos movimentos sociais.

O trabalhador cristão deve lutar ombro a ombro, lado a lado com os companheiros das mais diversas tendências, testemunhando na luta do dia a dia o evangelho, a presença do Cristo e contribuindo para a construção do projeto da CLASSE TRABALHADORA (e não apenas dos cristãos).

A Pastoral Operária e os cristãos no Brasil tem tido já historicamente uma prática nessa perspectiva, contribuindo decisivamente para o avanço do movimento operário brasileiro, identificando-se com uma linha sindical combativa, democrática, classista e que se organiza pela base.

Nesse sentido, a Pastoral Operária Nacional vê com satisfação o atual esforço realizado pelas duas centrais sindicais brasileiras, CUT e CONCLAT em unir seus es orços em torno de bandeiras de luta bastante claras e necessárias para os trabalhadores, como o REAJUSTE TRIMESTRAL, RE - FORMA AGRÁRIA, SALÁRIO DESEMPREGO e REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO e o não pagamento da Dívida Externa. É através dessa unidade na prática de luta que se constrói o processo unitário de libertação da classe trabalhado ra brasileira. É aí dentro que o cristão deve estar e contribuir:

Old commanhairo (a),

Mais uma vez nossa reunião será na Creche do Baeta, no próximo domingo, dia 09 de junho. Sairemos às 8.30 hs. de Matriz. A pauta do Dia será:

\_ 9.00 hs: Oração

- 9.30 hs: Sintese da reunião passada e Estruturação da P.O.

-10.15.hs; café

-10.30 hs: Trabalho em grupo sobre as groves, a partir de nossa realismo de e de texto anexo: Direito a greve é direito à vida.

-11.00 ha: Plenária

-11.30 hs: Celebração

-12.30 ha: Almoço

-14.00 ha: Propostas para o Encentro de Julho

-14.20 hs: Flendria

-14.30 hs: Informes

-15.00 hs: Noticisa da viagem do Betto e Cristianismo e Socialismo.

Seria bom chegar na reunião já tendo lido o texto anexo e tembém com algumas proposta para o encuntro, paraque a reunião torne-se mais dinâmica e não haja atraso. Para o lancho -comunitário love salgado, fruta ou bebida.

Um abraço forte,

P/PASTORAL OFERARIA DE SBC.\_

SACPAULO (O GLOBO) - A CARTA DA DIOCESE DE SANTO ANDRE', DATADA DE 2 DE ABRIL SOBRE A GREVE DOS METALURGICOS, LIDA ONTEM DE MANHA POR FREI BETO DURANTE A MISSA CAMPAL NO ESTADIO DE VILA EUCLIDES, EM SAO BERNARDO DO CAMPO, E' A SEGUINTE, NA INTEGRA:

"COMO NO ANO PASSADO, DURANTE A GREVE DOS METALURGICOS,

TAMBEM AGORA FACO UM PEDIDO: QUE, A PARTIR DESTA DATA, AS PAROQUIAS

DA DIOCESE ACEITEM SER POSTO DE ARRECADAÇÃO DE MANTIMENTOS E OFERTAS

PARA O FUNDO DE GREVE, QUE SERVE PARA SUSTENTAR AS FAMILIAS DOS

GREVISTAS QUE PASSAREM NECESSIDADES. AJUDEM TAMBEM A CONSCIENTIZAR

TODO O POVO, QUE SE PONHA SEMPRE AO LADO DOS POBRES".

"'A DISTRIBUICAO DESSES MANTIMENTOS E OFERTAS SERA FEITA EN LUGARES A SEREM AINDA BEM DEFINIDOS, E QUE SERA' DEPOIS COMUNH CADO. PORTANTO, A PAROQUIA ENCAMINHA TUDO PARA OS POSTOS DE DISTRH-BUICAO, A NAO SER QUE SEJA SOLICITADA A FAZER TAMBEM A DISTRH-BUICAO.

#### XXXXXXXXXXXXXX

1- A IGREJA COLOCOU-SE DO LADO DOS POBRES E NOSSA DIOCESE TAMBEM. A GREVE DOS METALURGICOS E' JUSTA E PACIFICA, POR ISSO MANIFESTEI MEU APOIO E PENSO QUE TODOS DEVEM APOIA-LA.

2- A LUTA DOS METALRGICOS NAO E' SO' DELES, NEM SO' PARA O
PROVEITO DELES, MAS ELA AJUDA TODOS OS TRABALHADORES, PORQUE PELA
FORCA QUE OS METALURGICOS DESSA REGIAO TEN. FAZEN PRESSAO SOBRE O
PROPRIO GOVERNO PARA QUE AS ESTRUTURAS SOCIAIS E ECONOMICAS DO PAIS
SEJAM MUDADAS.

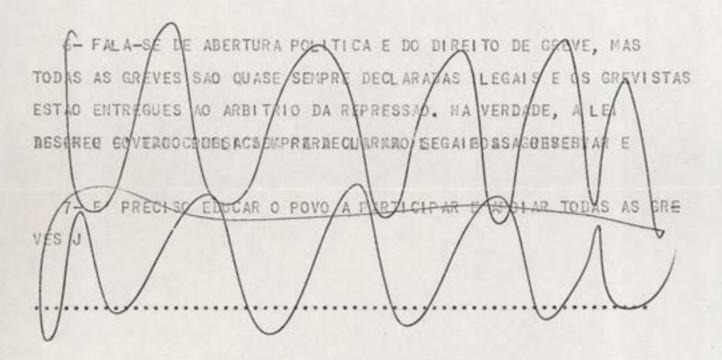
3- 0 GOVERNO E O EXERCITO ESTAD CLARAMENTE DO LADO DOS EMPRE SARIOS. AS NEGOCIACOES DE GREVE TORNAM-SE UMA MEIA-FARSA SE NAO UMA FARSA COMPLETA.

4- JA' ANTES QUE O TRIBUNAL DECLARASSE ILEGAL A GREVE NO DIA 2 DE ABRIL, OS HELICOPTEROS DO EXERCITO CIRCULARAM EM VOOS RASANTAS SOBRE AS ASSEMBLEIAS PACIFICAS DOS METALURGICOS, NUMA CLARA PRO-VOCACAO A VIOLENCIA.

SARIOS. AS NEGOCIACOES DE GREVE TORNAM-SE UNA MEIA-FARSA SE NAO UMA FARSA COMPLETA.

4- JA' ANTES QUE O TRIBUNAL DECLARASSE ILEGAL A GREVE NO DIA 2 DE ABRIL, OS HELICOPTEROS DO EXERCITO CIRCULARAM EM VOOS RASANTAS SOBRE AS ASSEMBLEIAS PACIFICAS DOS METALURGICOS, NUMA CLARA PRO-VOCAÇÃO A VIOLENCIA.

5-0 MINISTERIO DO TRABALHO NUNCA INTERVEIO NO SINDICATO DOS
PATROES, QUE ESTAO SEMPRE INFRINGINDO A LEI NO DIA-A-DIA DO TRATAMENTO DOS TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS, MAS OS SINICATOS DOS
TRABALHADORES APENAS CONECAM A MOVER-SE E JA' O MINISTERIO
DO TRABALHO AMEACA COM A INTERVENCAO.

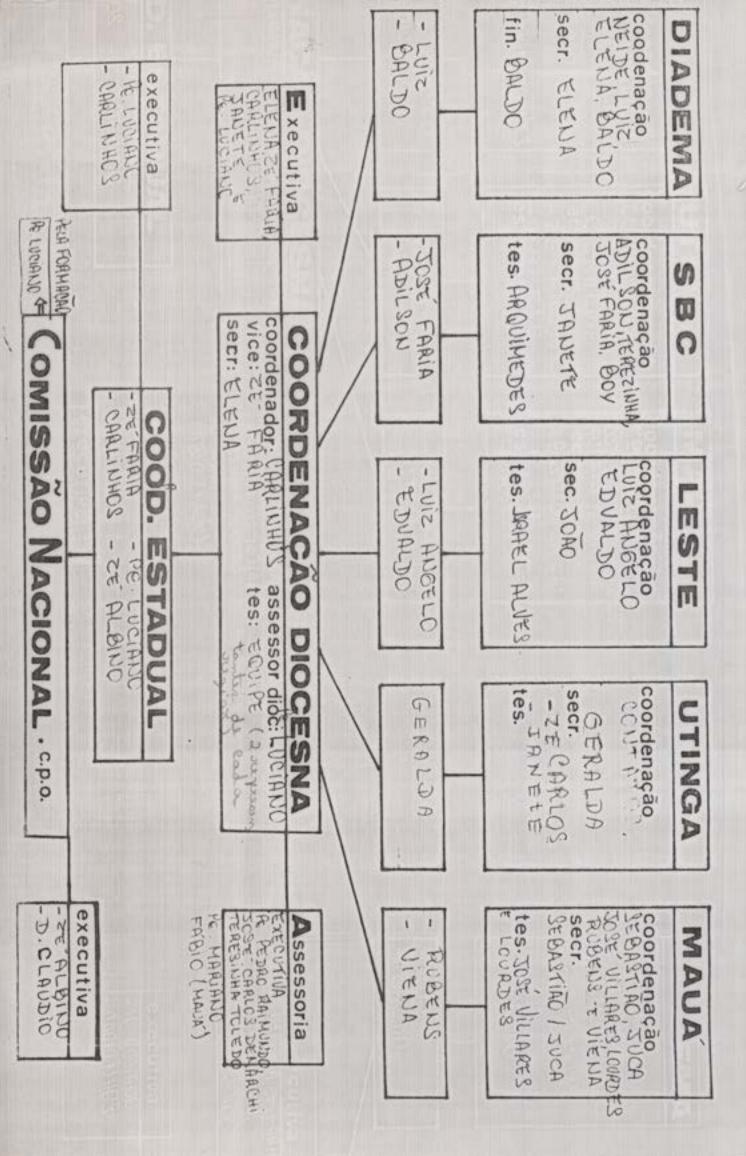


6- FALA-SE DE ABERTURA POLITICA E DO DIREITO DE GREVE, MAS
TODAS AS GREVES SAO QUASE SEMPRE DECLARADAS ILEGAIS E OS GREVISTAS
ESTAO ENTREGUES AO ARBITRIO DA REPRESSAO. NA VERDADE, A LEI
DE GREE E' TAO COMPLICADA PARA QUE NAO SE A POSSA OBSERVAR E
ASSIM O GOVERNO POSSA SEMPRE DECLARAR ILEGAIS AS GREVES.

7- E' PRECISO EDUCAR O POVO A PARTICIPAR E APOLAR TODAS AS GRE-VES JUSTAS E PACIFICAS, PARA QUE A UNIÃO DO POVO SE FORTALECA.

8- ENTRETANTO, NAO QUERO FORCAR A LIBERDADE DE NINGUEN MAS ESSE E' UM PEDIDO INSISTENTE E OS PADRES QUE O ATENDEREM PODEM CONTAR COM TODO O MEU APOIO SE HOUVER PROBLEMAS DECORRENTES'.

# TAUI OMAL OFEMANIA DIOCESE STO ANDRE



Oi companheire(a).

Estamos lembrando ae companheiro (a) que nosse proxima reunião será no dia 13 /09/87-as 9:00 horas na paréquia São Geraldo Magella que fica á rua Itamarati, nº 158 jardim Petroni - S. B. C..

A panta para a reunião será a seguinte:

9:00 horas -Oração e apresentação

9:30 heras - Celecação do Betto (sobre apostolado)

10:30 " - U Café

10:45 " .Reflexão e celebração (levar evangelho)

12:00 " ....Almoge

13:30 " -Informes

14:30 " Trivi (companheira ou o cubano)

15:30 "\_ Avaliação e programação da prexima reunião .

Não deixe de ir companheiro (a) sua presença será muito importante e não esqueça, levar algo para nesse almoço comunitário. Sairemos da Igreja Matriz de S. B.O. as 8:30H horas.

Até la

Janete.

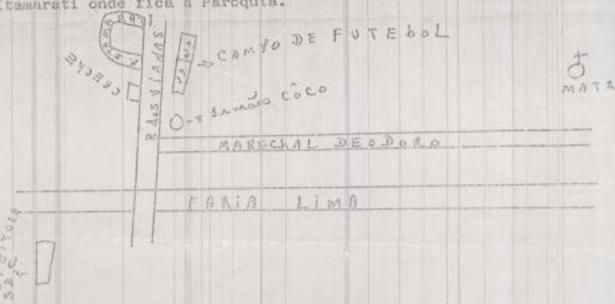
COMO CHEGAR À PARÓQUIA SÃO GERALDO MAJELLA:

#### ONTHUS

Tomar onibus na Faria Lima "Jd. Farina- Jd. Represa", descer em frente ao 2º Campo de futebol "Blumenal".

# CARRO:

Pegar a Marechal Deodoro e quando chegar em frente aos "Irmão Côco", entrar a dirita na R. dos Vianas e a partir daí é o mesmo itinerário. Ao chegar no Campo de futebol, do outro lado da rua, tem uma creche, entrar na 1º rua de asfalto à esquerda, ou seja a 1º rua de asfalto depois da Creche, essa 'rua é a Itamarati onde fica a Paróquia.



São Bernardo do Campo, 27 de maio de 1987.

Olá Companheiro (a):

Esta carta é para lembra-lo (a), de que nossa próxima reunião será no dia 07/06/87 às 9:00 horas na Igreja da favela do D.E.R.

Informamos que nossa proposta de pauta é a seguinte:

9:00 hs - Oração e Apresentação

9:15 hs - Informes

10:00 hs - Café

10:15 hs - Oração e Ideologia (Frei Betto)

11:30 hs - Celebração (Paróquia São Geraldo)

12:00 hs - Almoço comunitário

13:30 hs - Análise da Conjuntura (Frei Betto)

14:45 hs - Avaliação da reunião

Saíremos da Igreja Matriz as 8:30 horas. Não se esqueça de ' levar algo para o nosso almoço comunitário.

ATÉ LÁ!

P/ COORDENAÇÃO DA P.O. DE S.B.C..

RELATÓRIO DA REUNIÃO MENSAL DA P.O. DE S.B.C. 07 DE JUNHO DE 1987.

PRESENTES: Chiquinha; Luis; Chicão; Terezinha de Jesus; Eliana; Carlos;' Terezinha Gomes; Fátima; Zé Alves; Elena; Flávio; Janete: Boy Terezinha Toledo; Frei Betto; Márcia; Zé Faria; Wilson; Maria Raimundo; Luiz Carlos; Arquimedes; Alzira; Zé Albino; Roberto João; Derli; Marlene; Maria Marculina; Adilson.

LOCAL DA REUNIÃO: Igreja da Favela do D.E.R.

# ORAÇÃO DA MANHÃ

#### INFORMES

08 a 11 de junho - Eleições Sindicais Metalúrgicos de São Paulo e S.B.C.

13/05/87 - Reunião da Coordenação da P.O. Diocesana (8:00 hs).

13/06/87 - Reunião Equipe de Finanças a Nível Diocesano (12:00 hs).

15/05/87 - Encontro de Formação Sindical a nível Diocesano

Local: Instituto Coração de Jesus - Stº andre às 8:00 hs.

20/06/87 - Reunião da Coordenação da P.O. de S.B.C.

Local: Casa da Terezinha Toledo Horario: 9:00 hs.

27/06/87 - Encontro de Formação Sindical a nivel Estadual

04 e 05 de julho - Encontro da P.O. de S.B.C.

Local: Casa de Oração Santa Clara -Itapecirica da Ser ra Horario: 9:00 hs.

18 e 19 de julho - Encontro de Casaís a nível Estadual

Participantes de S.B.C. -Terezinha Gomes e Claúdio.

30/08/87 - Encontro de Formação Biblico a nível Diocesano

A Equipe que faz o Jornal P.O. Informa (Toninha, Deobaldo e Janete) so licitam aos companheiros para que participem da elaboração do Jornal , enviando matérias. Entregar as matérias para Janete ou Deobaldo.

A P.O. tem sapatos novos para serem vendidos a CZ\$30,00 (trinta cruzados). Quem estiver interessado, passe na sala 02 da Igreja Matriz e fa

le com Janete ou Ze Faria.

Os vídeos da 7ª Semana do Trabalhador já estão prontos, ficando decidi do nesta reunião, fazer a montagem somente das Palestras da Semana, pa ra discussões nos Bairros. Ficaram responsáveis (Janete, Zé Faria, Zé Albino e Ze Alves).

- As reuniões do Plenário Pró-Participação Popular não estão mais existin do.

- As Folhas com assinaturas das propostas para a Constitução, deverão ser entregues o mais rapido possível para a Janete ou Zé Faria na sala 02 da Igreja Matriz de S.B.C.

-Foi entregue uma folha para todos os presentes, com a prestação de contas da 7ª Semana do Trabalhador.

Foi entregue aos representantes dos Bairros onde existe P.O., fichas solicitando dados completos dos militantes, que deverão ser preenchidas e devolvidas para a Janete o mais rápido possível.

# ORAÇÃO E IDEOLOGIA:

Lucas - 18, 1-11 Criticas de Jesus a Oração / Mateus - 6, 1-5 Marcos - 12,38-40

Lucas,5,16 Oração de Jesus ( Lucas, 6,12 Lucas,9,12

Segundo Lucas, não devemos rezar nas esquinas, nas vistas dos outros, mas sim em seu quarto, a sós (na solidão).

- Orar é um encontro pessoal com o pai.

- Em nossas Orações, não devemos ser como os hipócritas ( hi pócrita são as pessoas que repetem algo que ouviram, mas que não assumem o que dizem, isto é, não refletem sobre o que estão falando).

- A Igreja nos ensina a pedir a Deus, porém não nos ensina a

ouvir Deus falando conosco.

- A verdadeira Oração é aquela, na qual deixamos Deus falar em nos.

- Lucas, 18,1-11 . Não devemos nos julgar bons e honestos, mas devemos assumir nossas fraquezas e pecados. HOUVE 30 MINUTOS PARA ORAÇÃO INDIVÍDUAL

IDEOLOGIA: São as idéias que temos, é o óculos com que enxergamos a realidade.

ORAÇÃO: Serve para aprofundarmos a fé ou a comunhão com o pai. Deus é Amor, protanto nos faz aumentar a comunhão com o povo. As pessoas muitas vezes deixam de rezar por medo, pois se pararem para rezar, vão se ver face a face com o pai e irão se converter ou seja, mudar de vida. Quando rezamos, a nossa fé, critica a nos sa Ideologia. O critério Evangélico é o critério da fé. Na Ideologia Capitalista, tempo é dinheiro, nós estamos tão domi nados por essa Ideología, que quando tentamos nos concentrar para rezar, temos a sensação de perda de tempo, essa ideologia quer nos levar ao desgaste total. Para conseguirmos realmente nos con centrar para rezar, é necessário irmos nos exercitando.

Na Ideologia Capitalista, a pessoa é consciência de si mesmo (individualismo), (sou o que penso de mim mesmo, porém só alguns tem o direito de ser o que pensam, exemplo - quer ser um industrial, um burgues ou achar que é melhor que os outros).

Para Marx - A pessoa é a relação de classa que ela tem, ou é

exploradora, ou e explorada,

Para Freud - A sua verdade está no seu inconsciente - A verdade é o seu desejo. Nos somos impulsionados por esse desejo, ele é cana lizado para o amor ou para o egoismo.

Para Cristo - A pessoa é aquilo que ela faz, na linha do amor

ou na linha do egoismo. (A arvore se conhece pelos frutos que dá).

A I Carta de S. João diz - Deus é amor - já não sou eu quem vive, mas Deus e quem vive em mim.

Quanto mais fizermos experiências de oração, mais faremos ex periências do amor. Amor é entrar no outro e deixar o outro entrar em mim Quanto mais nos aprofundarmos na Oração, mais temos chance ! de encontrar Deus.

#### ANÁLISE DA CONJUNTURA:

Após alguns minutos de discussão em grupo sobre os últimos ' acontecimentos, os grupos colocaram-se, sendo realizado um rápido fechamento das discussões pelo Frei Betto.

- Voltamos a"Democracia" representativa, com pressão popular, mas também com acordos, conchavos dos militares.
- Depois do acordo, Tancredo morreu, Sarney tomou posse, porém não tendo presenciado o acordo, não sabe exatamente o que foi combinado.
- Os empresarios investem um pouco em cada candidato, e depois cobram 'daquele que ganhar, um exemplo dessa cobrança é a ferrovia Norte-Sul.

- A recessão está grave.

## AVALIAÇÃO DA REUNIÃO

- -Reunião tranquila, bom aproveitamento;
- -Melhora das discussões temática.
- -Parte da manhã, sobre Oração muito bom;
- -O final da reunião ficou um pouco cansativo;
- -Muito positivo o envio dos relatórios das reuniões.

PASTORAL OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

<sup>\*</sup> Esta reunião foi secretariada por Adilson e Janete.

# COMPANHETRA(0)? TUDO BEM.

Aqui vai o relátorio da nossa reunião do dia 26/02/88 as 19:30hs- na sala da P.O. na matriz de SEC

Estavam presentes nesta reunião: NEIDE/ TEREZIMHA DE JESUS/ JOSÉ MAN NOEL/ JUGA/ ELIANA/ ADILSON/ ELERA/ JOÃO/ HEIDE(Baeta) / TIÃO/ BEZA / MARIA/ SEBASTIÃO/ FÁTIMA/ VANDA/ SILVIA/ GILBERTO/ JOSÉ ALVES/ WIL - SON/ BETTO/ e mais dues convidades, uma jornalista inglesa e uma tradutora.

Discutimos sobre SEKANA DO TRABALHADOR/88; A coordenação apresentou uma proposta para ser discutida.

25/04 - Igreja e o clamer do povo - D. Pedro Casaldaliga

28/04 - Educação: projetos alternativos - Marcos Arruda

27/04 - A saude esta doente

- Saude um direito do trabalhador - Betinho

- Como anda a saúde no Brasil

28/04 -Classe trabalhadora: alternativas e perspestivas - Aluísio Mer

29/04 - Igreja e projeto político - Frei Betto

Discutimos bastante a proposta, acrescentamos, mudamos e por fim fechemos a SENANA assimo

# TEMÃO (título) "RUMO À NOVA SOCIEDADEY

25/04 - EXPERIENCIAS DE LIBERTAÇÃO MA AMÉRICA LATINA - D. POGRO GOSALdáligo

26/04 - EDUCAÇÃO: FORMAR MULHER E HONEM NOVOS - Marcos Arruda

27/04 - MEGHA: UMA LUTA DE RESISTÊNCIA - Pe. Antonio

28/04 - CLASSE TRABALHADORA: PERSPECTIVAS RUHO AO SOCIALISMO - Aluisio mercadante

29/04 - Igreja e projeto político - Frei Betto

PROXIMA REUNINO.

NA YOREJA DA VILA VIVALDI - BARTA EDWIGES

REDEREGO - RUA VOTORASTIR, 685 - VELA VIVIALDI/ SEC

" ATHAS THE IMPIGAÇUE DE CONO CHRISTIN EAT

# PAUTA DE REURLAG

5:30 hords - acothids o chegada

9:00 horas - oração inicial

9r30 horas - depoimento de duas mulheres - depoimento de vida

10:00 horas - cafesinho

10:20 horas - exposição sobre a questão da MULHER, exposição, discussão e APROFUNDAMENTO - Elena, Neide, Terezinha de Jesus

11:30 horas - CELEBRAÇÃO

12:30 horas - ALMOÇo

14:00 horas - Semana do Trabalhador - Encaminhamentos praticos

14:30 horas - Informes gerais

- Campanha Salarial - metalprgicos - SBE/D

- Eleigoes

- Informes da viagem do Betto - CEB ivea

- putros. . .

15:45 horas - oração final e fim da nosoa reunião 

COMPANHETRA(O), NÃO ESQUEÇA DE TRAZER ALGUMA COTSA PARA O NOSSO LANCHE COMUNITARIO.

SAIREMOS DA IGREJA MATRIZA SEC ÀS 8: Mbhs.

um abraço fraterno da coordenação.

toté là.

Vamos fazer uma reunião bem gostosa o festiva. Se voce tiver algum instrumento musical trgga para animar, ok?

como chegar la ma vila vivaldi: que parra na VERQUEIRO - Sentido Rudge Nulles Ramos - Descer no 4º porto depois dos brês postos - voltar pra tras e discer a rua de posto de garolina.

P/ coordenação P.O.SBC

a rua Voterantim i uma traversa uma rua do posto.

COR

#### CENTRO OSCAR ROMERO DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS E PROMOÇÃO DO MIGRANTE

# ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO REGIÃO EPISOPRA MERECE MAIS RESPETTO!

Departamento de Psicologia Serviço de Saúde — Departamento Jurídico — Serviço Social Equipe Técnica e Pastoral Diretoria

S.P.14/11/81

Dois mortos e 20 feridos é o balanço do acidente ocorrido no dia 11 deste mês na Siderúrgica J. L. Aliperti na Água Funda.

A morte de um operário acidentado é motivo suficiente para a indignação de todos. O acidente ocorrido na Aliperti nos obriga a gritar: basta! este acidente ' vem comprovar mais uma vez a pouca atenção que se dá à segurança do trabalhador.

É sabido o estado precário em que se encontram as instalações elétricas, fornos, equipamentos e máquinas dessa firma, colocando diariamente em grande perigo
a vida do trabalhador.

A fé cristã valoriza a vida, pois ela é um dom de Deus e deve estar acima de qualquer bem material.

Em nome dessa fé demunciamos:

- as péssimas condições de trabalho que ceifaram a vida de Carlos Hi gino da Silva e José Ventura Esteves;
- a falta de informações exatas acerca de outras eventuais vítimas;
- o pavor e o medo a que está submetido o trabalhador impedindo a de fesa de seus direitos;
- o descaso aos pedidos que a população vem fazendo contra a poluição.

Pedimos aos Diretores dessa firma e às Autoridades responsáveis que tomem urgentemente as providências necessárias para <u>salvaguardar</u> a vida do trabalhador, <u>respeitar</u> os seus direitos fundamentais e <u>preservar</u> a saúde da população.

Transmitimos noeso conforto e esperança cristã às famílias dos falecidos e acidentados e queremos nos colocar ao lado do trabalhador da Aliperti na luta pela defesa dos seus direitos.

Que o sacrifício desses dois operários venha fortalecer a organização e a solidariedade do trabalhador em defesa da vida.

Ass. CENTRO OSCAR ROMERO ( COR )
Pastoral One fria da Região Ipiranga

Endereco \_\_\_\_\_\_ Tel. 275-0718 —

Ola companheiro (a)!

Como vai? Tenho alguns informes importantes pra você- o primeiro è que o Sindicato dos Metalurgicos de SBC e Diadema fara um curso de formação sindical no inicio de outubro, não temos a data certa e é preciso confirmar se estará aberto à participação dos que não são metalurgicos, vai ai um toque. O segundo é que o Sindicato dos Metalurgicos também está fazendo uma serie de debates sobre a Constituinte muito interessante, com as seguintes palestras-

27/09 0 que é constituinre? -Luis E. Greenhalgh

30/09 Como a Constituinte se liga com a luta pelos direitos dos trabalhadores? -Walter Barelli(diretor do Dieese)

02/10 Como a classe trabalhadora deve participar dessa luta?- Lula

04/10 Mesa Redonda: Posição dos Partidos e das Centrais Sindicais dianteda Constituinte - com: Prof. Otávio Ianni (Puc), Djalma Bom (PT), Dep. Darci Passos-(PMDB), Jair Meneguelli (CUT), Luis Antonio Medeiros (Conclat). Todas as palestras começarão as 19.00 hs.

A respeito de nossa reunião, será na Creche -

do Baeta no dia 06 de outubro com a seguinte pauta:

09.00hs. Oração (Janjão e Emilia)

09.15hs. Como o governo está encaminhando a questão da Constituinte, em que pé estão as coisas? e Como estão, digo, Como está sendo enca minhada a questão da Constituinte a nível popular?(grupos)

10,15hs, Care

10.30hs Plenaria

11.30hs. Celebração

12.30hs Almogo

13.30 Infiormes: Assembleia Estadual daPO? Divida Externa, Visita dos Ale

14.30hs Estudo Marxismo e Cristianismo

Sairemos as 8.30 hs da Igrreja Matriz.Faremos o lanche comunitário para o quel você poderá levar salgado, fruta ou bebi da. Ate o dia 06.

Um grande abraço,

P/COORDENAÇÃO DA PAST OPERARIA-SEC

Irmãos e irmãs. Diante da enorme crise que nosso povo está passando, convém lembrar a palavra que Deus disse a Moises, quando decidiu
libertar seu povo da escravidão do Egito: "Eu vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi os gritos de aflição diante dos opressores e tomeiros
conhecimento de seus sofrimentos. Desci para libertá-lo das mãos dos
egípcios e fazê-lo sair (...) para uma terra boa e espaçosa, uma ter
ra onde corre leite e mel...(Ex 3,7-8).

Nos da Pastoral Operária, junto com Dom Claudio, gostariamos de convocar os membros de nossas comunidades paroquiais para posicionar-se diante dessa crise e diante das propostas de ação que vão sendo apre-se sentadas pelos trabalhadores e pelo povo em geral.

De fato, a cada dia que passa, aumenta a situação de insegurança para todos nos. O povo sofreu uma serie de frustrações profundas nestes últimos tempos, quais sejam: o fracasso da primeira Campanha das Diretas-Ja, os retrocessos da Nova República, as ilusões e pessimas consequências do Plano Cruzado com sua manipulação política e seus congelamentos que, em última análise, só somaram para os grandes, o esvaziamento da Reforma Agrária, a falta de uma Constituinte independente do Congresso Nacional, os maléficos frutos da Dívida Externa, a crise crescente da falta de moradia, e há poucos dias atrás a volta da famige rada Lei da Segurança Nacional. A Classe Trabalhadora, em especial, com o Plano Bresser/Sarney, está sofrendo o maior arrocho salarial da sua história, o salário mínimo mais baixo desde que foi criado, e ainda uma perda média de 37,74% do valor de seus salários. Junto se desenvolve uma crescente recessão, com desemprego em massa e a consequente fome e miseria. Diante disso, o povo mais pobre tem apelado as vezes a gestos de desespero, como os saques e as invasões.

A causa maior de toda essa situação é a Dívida Externa, que não foi feita pelo povo e, ao que tudo indica, ao menos em grande parte é ilegítima. Nosso Governo insiste em pagá-la. É inaceitável que o faça, sem mais, pois, além de tudo, implica no empobrecimento desumano da nossa gente e impede o necessário desenvolvimento de nosso país. Assim, contraria os critérios evangélicos, que dão maior valor às pessoas humanas do que aos interesses econômicos.

Frente a essa situação, vários segmentos organizados da sociedade,co mo: Movimento Sindical, Movimento Popular e Partidos Políticos, que estão comprometidos com o povo e com a Classe Trabalhadora,lançam algumas propostas concretas para dar resposta a toda essa situação. As propostas são: manifestações em vários municípios: comícios por Eleições Diretas-Já;

coleta de assinaturas de emendas populares para a Constituinte:e, prin cipalmente, uma Greve Geral como grande arma de pressão para que final mente se façam as mudanças de que necessita esse país.

E nós, enquanto cristãos, não podemos ficar distantes e omissos diante de todo esse quadro, que aliás pesa sobre nós todos. É necessário sentar-nos juntos nas paróquias, nos bairros, nos grupos, nas nossas casas e juntos analisar a situação e as propostas que vão sendo apresenta das ao povo para responder eficazmente a esses desafios. É necessário posicionar-nos, definir o que julgamos ser o melhor caminho de solução, o que precisamos apoiar e como apoiar.

Como cristãos devemos colaborar na construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino Definitivo, e não podemos aceitar as atuais desigualdades.

Santo André, aos 20 de julho de 1987.

Elena Maria Rezende
pela Pagtoral Operaria do ABC

ARREST R PROPERTY

Carlos Augusto Alves dos Santos pela Pastoral Operária do ABC

Dummelo

Dom Claudio Hummes Bispo de Santo André RELATORIO DA IV ASSEMBLEIA DIOCESANA DA PASTORAL OPERÁRIA - 12 e 13 /12/87

#### PRESENTES:

REGIÕES		CONVIDADOS
- São Bernardo do Campo - Diadema - Maua - São Caetano do Sul - Santo André- Leste - Santo André- Utinga* - Santo André- Centro ( Catequese e Paju)	: 16 : 10 : 16 : 01 : 20 : 04 : 02	- Diocese Caxias do Sul (RS) : 2 - Diocese Mogi das Cruzes (SP): 1 - Diocese Guarulhos (SP) : 3 - P.O. Coord. Estadual (SP) : 1 - P.O. Estadual (MG) : 1 - A.C.O. : 1 - CEBs * / Catequese : 2

<sup>-</sup> Total de participantes : 78 pessoas

#### ABERTURA

Carlinhos na qualidade de Coordenador diocesano da P.O. fez um breve histórico das tres últimas Assembleias para compreendermos melhor nossa caminhada, nossa historia.

- I Assembléia Diocesana ( 29 e 30 de abril de 1985)- Capão Redondo (SP)
  - . tiramos propostas até dezembro

. formamos a Coordenação Diocesana

- refletimos sobre a conjuntura e sobre a espiritualidade da P.O.
- II Assembleia Diocesana ( 14 e 15 de dezembro de 1985)- Paulo VI (SP)
  - . retomamos as propostas da última assembleia e avaliamos a caminhada.

. planejamos atividades para 1986 e prioridades de ação.

- refletimos sobre a conjuntura e sobre a pratica de Jesus-e a P.O.
- III Assembleia Diocesana ( 13 e 14 de dezembro de 1986) Paulo VI (SP)

. Fizemos uma avaliação da caminhada nas regiões .

. Elaboramos um Plano de atuação nos diversos campos: Sindical, Popular,

Político-partidário, Pastoral de Conjunto.

. Discutimos a saída do companheiro José Albino (liberado-coordenador dioc.) para contribuir na P.O. Nacional e quanto a discussão de critérios indicação e votação do novo coordenador diocesano-liberado pela P.O.. Carlinhos. Aproveitamos também para dar esclarecimentos sobre as finan

Para melhor traçarmos nossas perspectivas futuras lembramos dos nossos OBJETIVOS , para esta IV ASSEMBLEIA DIOCESANA DA P.O. (87)

19 - CONHECER A REALIDADE EM QUE ATUAMOS 29 - AVALIAR A CAMINHADA , SE POSSÍVEL APROFUNDAR

39 - PLANEJAR PARA 1988 , FRENTE AOS DESAFIOS

Após os esclarecimentos e aprovação da Pauta, fizemos a divisão das Equipes de Trabalho: limpeza, Liturgia, Secretaria, Animação e cronometrista.

Ainda continuando nossa ABERTURA, chamamos D. Claudio para que comentasse a seguinte pergunta:

"" A Igreja do ABC para ser a Igreja de Jesus Cristo pode estar sepa rada da luta da Classe Trabalhadora ""

(D.Claudio): É um desafio e é um processo. A Igreja não pode estar separa da desta luta, isto não porque os trabalhadores sejam 'santos', e sim porque a causa deles é JUSTA. Deus mostra esta opção. A questão do Trabalho e como é montado: as relações de trabalho é a CHAVE para a evangelização. E os trabalhadores tem que ter prioridade e não o Capital, já dizia o Papa na Encíclica Laboren Exercen.

A CNBB coloca diretrizes que podem ser cobradas do padre, bispo e leigos e diz la, claramente que a opção pelos pobres se concretiza na opção pelos

trabalhadores.

Os Trabalhadores fazem parte dos empobrecidos e sua causa é justa , e faz parte de uma Classe que não tem voz e nem vez, e poucos direitos q. tem

ainda não são respeitados.

A nossa sociedade é do Trabalho. É evidente que a Igreja tem que estar com os trabalhadores. É importante ever se a Igreja na prática esta ao lado do trabalhador, a Igreja também é pecadora e devemos fazer um esforço 'para diminuir este pecado de omissão.

A Igreja aqui no ABC ainda tem muito para contribuir e estar ao lado 'dos trabalhadores. Mas com a clareza de entender que tudo esta dentro de um

processo mais amplo.

Nos últimos anos a P.O. fez grandes avanços e hoje tem toda uma caminha da feita. Tem uma boa coordenação e assessoria. Foi prioridade desde 79 na elaboração do 19 Plano de Pastoral da Diocese. Nesses 8 anos de Plano de 'Pastoral aconteceram muitos avanços. E em 88 ? Teremos a elaboração do Novo Plano de Pastoral da Diocese. Como a Diocese vai se pronunciar e decidir ??

Sem duvida que a Questão do Trabalho é um desafio real para a Diocese. A Igreja tem que fazer uma opção pela Classe Trabalhadora; não deve ser cha mada de classista, mas sim de comprometida com a libertação dos oprimidos.

No documento nº 38 - Diretrizes Gerais para a Ação Pastoral - CNBB, citações sobre a 'Opção aos Trabalhadores': 22, 46, 47, 51, 53, 55, 56, 64, 65, 96.

Na Enciclica sobre o 'trabalho Humano': nº 03, 6,8, 15, 23, 55,56.

#### PERGUNTAS:

- Em vários momentos a Igreja fez opção pelos pobres. Onde começa e termina o trabalho da Igreja do Trabalahdor ?

- Como a Igreja trabalha com explorados e exploradores ?

- A Igreja deve ser so solidaria ou estar junto ?

#### RESPOSTAS:

- Classista: a Igreja não 'usa esta palavra, pois a considera ambígua, a Igreja não pode se restringir a uma única classe na sociedade. Deus ama

a todos mas recrimina o pecado social.

- Solidária: Quando a Igreja diz que opta pelo pobre e a ela deve ser soli dária e deve dar apoio aos trabalhadores, é a medida que ela coloca a questão dos trabalhadores e os problemas sociais para as outras classes, é que ela verdadeiramente evangeliza.

E so estão evangelizados quando todos se converterem na igualdade de dir reitos de todos.

Neste Ato de Solidariedade restar com os trabalhadores, exige Ação e pra

tica de solidariedade. O que vale é a forma de prática - concreta.

# I - CONHECER A REALIDADE EM QUE ATUAMOS

Após a apresentação e esclarecimentos do relatório com uma síntese do levantamento da regiões, mais outros dados importantes de outras fontes. Nos dividimos em grupos para debater este apanhado de informações.

Depois do debate , a Plenaria com os resultados dos grupos foram:

## - A - O QUE MAIS IMPRESSIONOU, DESTE LEVANTAMENTO DA REALIDADE ?

## 1. Política Geral:

realidade operaria representada politicamente pela Burguesia.
 o poder político esta com o PMDB (4 prefeituras), depois o PTB (2).

. o PMDB : elegeu seus candidatos através da manipulações e da maquina.

usou de propaganda maciva e populismo: regra para ganhar eleições.

. ABCDMR : despolitizado, Regiões mais pobres menos conscientes.

. Existe pouca participação da Mulher no poder legislativo: vereadoras so 3 (do PT) e

no poder executivo : nenhuma experiência conhecida.

Devido ao trabalho de base, o investimento da Classe Dominante será maior aqui no ABCDMR nas Eleições 88. Devido a amostra de 87.

. Acreditar no partido que luta e tem compromissos com a Classe Trabalha dora.

# 2. Político-Partidario:

. Prefeitura de Diadema: administração com grande participação popular (PT), apesar das falhas e dificuldades. A experiência diferente compro va uma vitoria frente as outras administrações.

. PT : em 8 anos de existência é o 29 partido na Região, e representa uma

oposição progressista e popular.

. nucleos inativos

tendências , carrerismos , brigas internas : provocam divisões e regressão ao partido.

distanciamento da direção com a bases.

. não esta atendendo aos anceios das bases, totalmente.

# 3. Econômico

. a renda per-capita não mostra a realidade social.

. os rendimentos(receitas-dinheiro) maiores estão nas áreas(cidades) mais industrializadas.

Onde vai o 'dinheiro' do orçamento público ?

. cidades dormitórios: Diadema e Maua- principalmente . salários : a a 3.5 Salários Mínimos ( faixas salarial )

. número de fábricas em Diadema

- . favelas e mortalidade infantil : principalmente SBCampo e Diadema e São Caetano: não tem favelas e poucos menores.
- CONTRADIÇÕES -
- fabricas ( riquezas ) X trabalhadores (pobreza)
- Shopp Centers (crescimento) X favelas (inchaço)

#### 4. Movimento Popular

- . lutas imediatistas
- . cooptação

. esvaziamento

. prioridades excessiva de militantes só no movimento sindical e Partido, deixando o trabalho no bairro.

# 5. Movimento Sindical:

. aparecimento da C.G.T.

. São Caetano maioria dos trabalhadores atrelados aos patroes-

# Igreja

. o trabalho da Igreja desperta para a política-partidária

# 7. Pastoral Operaria:

persequição dos militantes de P.O. no : PT e na Comunidade.

# 8. Formação:

. investiu-se na formação e capacitação de lideranças (PT,CUT,P.O.,M.Pop.)

Mas falta conscientização e maior clareza política.

# - B - QUAIS AS CONSEQUENCIAS PARA O NOSSO TRABALHO ?

# Política-Partidaria:

- . povo traído, ilusão e decepção é com esta realidade que teremos que tra balhar.
- . maior participação ( efetiva ) no partido.

# Igreja - Pastoral Operaria - Pastoral de Conjunto :

. militantes engajados nas comunidades e partidos : conflito. . ma distribuição dos trabalhos na comunidade , pra assumir outros traba lhos fora ( centralização ) impede crescimento de novas lideranças.

- Proposta: É responsabilidade nossa informar e divulgar, assumir e agir frente a esta realidade. Para tal: importante a formação de Equipes para conhecer a aprofundar a realidade do ABC frente a pratica pastoral.

# 3. Movimento Popular:

. politização dos Movimentos Populares

. desarticulação

reforço como trabalho de conscientização popular maior
 maior incentivo de grupos de Mulheres, assim como sua valorização.

. maior investimento: organizativo e participativo.

# 4. Formação e Capacitação:

conscientização e surgimento de lideranças

. informação e formação do Povo pra transformar . surge o desafio: Conhecer mais a realidade para quebrar o Esquema Burgues.

. Prioridade: formação política - Eleições 88

- Projeto Político: da Burguesia e da Classe Trabalhadora

- Proposta: Cada Região dinamize sua formação através da Coordenação.

# II - AVALIAÇÃO DA CAMINHADA

Após a apresentação e esclarecimentos sobre o relatório síntese, formaram-se grupos para aprofundar e o resultado da Plenaria foi o seguin

# 1. QUAIS FORAM OS AVANÇOS principais, e as CAUSAS ?

## - POLÍTICO-PARTIDÁRIO

. maior participação : - filiação partidária

- nucleos

- mais interesse em tempos de eleição

. processo constituinte educativo

discussão sobre Socialismo

#### - SINDICAL

. enfrentou a Nova República ( pacotes )

quadros (novos)

. apoio: - as Eleições Sindicais

- greve geral e outras por categorias

- greve na Autolatina (avanço de organização - CUT)

. Apoio da P.O. e de D. Claudio

. 19 de maio : participação conjunta . mais ligado ao Movimento Popular

. maior engajamento por militantes da P.O.

. puxando discussão sobre a Dívida Externa (nível Socio-Econômico).

#### POPULAR

. luta pela posse da terra a e melhorias nas favelas.

. luta por tarifa social: agua e luz

. Apoio a Greve Geral

. passos para unificação do Movimento Popular ( Maua e SBCampo )

Constituinte: processo educativo e participativo

. Canalização do descredito popular para as lutas populares.

. conquista no ABC : das Mulheres trabalhadoras, na medida que se mobiliza ram e realizaram Ato Público no 8 de Março (conquistando a praça).

#### - PASTORAL

. Apoio via carta-pastoral de D.Claudio e da P.O., sobre situação dos traba lhadores em greve.

Leigos se organizando

. Povo forçando posicionamento da Igreja

. 19 de maio : - preparado em conjunto pelas pastorais - Semana do Trabalhador (SBC.Diadema) antecedendo o Ato

. Semanas do Trabalhador nas paroquias

. Campanha da Fraternidade (menor): assumida por todos no conjunto.

. Descobrimento e constatação:

- "A biblia ilumina a realidade a ser assumida"

- "A luta avança onde a Igreja apoia"

# - PASTORAL OPERARIA

#### . FORMAÇÃO

. analise constante da conjuntura

. P.O. se esforçou na relação com outras pastorais . autoformação (leituras, etc.)

. implementação do Plano de Formação: SINDICAL

. discussão sobre autonomia sindical

. eleições sindicais ( oposições e conjuntura interna do Movimnto)

. curso de formação sindical (julho)

#### BIBLICO

- . reflexão sobre fe e política / Fe e trabalho, nas reuniões
- . curso Biblico : sobre profetismo, ja iniciado

#### . ORGANIZAÇÃO

bom acompanhamento dos liberados nas Regiões

aparecimento de novos grupos.

preocupação na preparação das reuniões mensais das regiões, por parte da coordenação de cada Região.

. secretaria dicoesana: contato, referência, venda de livros, etc.

OBS: não foram apresentadas as causas dos avanços. 

# 2. QUAIS FORAM AS DIFICULDADES PRINCIPAIS, E AS CAUSAS ?

# POLÍTICO-PARTIDÁRIO

- Processo eleitoral não motivou e se mostrou ineficaz para dar continui dade com referencia:

. formação política

. participação no núcleo, com forma efetiva de participação do Partido

. cobrança dos eleitos ( comodismo )

. canalização do descredito popular , deixando virar contra a política-partidária.

#### PASTORAL DE CONJUNTO

- pouco engajamento nos movimentos sociais

- desentrozamento entre as pastorais

- diferentes posições políticas

- falta de abertura para discutir, constata-se ainda um forte tabu - não claro o nosso papel e compromisso com a Igreja Libertadora.

constatações:

"Igreja não enfrenta as raízes da opressão"

"Não assume a causa justa dos trabalhadores como chave de evange lização" - Simplismente é indiferente na maioria das vezes."

#### SINDICAL

- fase no movimentoSindical: de rotina, sem dinamismo

- de enfrentar a contra-informação dos grandes Meios de Comunicação.

- no trabalho de conscientização polifica.

#### CAUSA

falta de uma consciência revolucionária (processo de transformação)

#### POPULAR

- pronto-socorro ( agindo como )

- despolitização

- falta visão de conjunto e no interesse para unidade

- SABs (Sociedade Amigos): pouca participação, mas carrega a contradição de ser um regime fechado para cooptação nas

eleições , principalmente em 88 (regional).
- ideologia dominante : 'na cidade com a "cabeça" rural, de querer voltar'.

#### CAUSA

- necessidade da posse da terra

- baixos salarios

- falta de metodologia

# - PASTORAL OPERÁRIA

. FORMAÇÃO

. efetivar a formação política-partidária

Sindical: repassar para as regiões

. Biblico : falta assumir nossa exigência evangelizadora(evangelica) local dos Encontros Diocesanos, por ser dificil o acesso, dificulta.

. Acompanhamento da prática: . ativismo , acúmulo de tarefas . restrita a P.O. \* (lembramos que o Plano de Formação é da P.O. Diocesana

- CAUSAS: teologica

. fundamentação biblica para o nosso engajamento social .

 falta de questionamento . falta priorizar a P.O.

. necessidade de mais formação ( inexperiência de como repassar, fazer )

#### . FINANÇAS

. faltou Plano de Trabalho

. representatividade na Equipe Diocesana

- CAUSAS:

. falta de uma Coordenação ou responsável fixo na Região.

#### . ORGANIZAÇÃO

. formar mais grupos nas paroquias.

. esvaziamento de outros

. falta informação : precisa e ampliada

. coordenações : compreenderem melhor sua missão dentro da P.O.

**治由我们的自我们的自我们的的自我们的的的,我们的自己的的的的,我们的自我们的的的,我们的自己的自己的自己的的,我们就不要的的的,我们就不要的的的,我们就不要的** 

# COMENTÁRIOS SOBRE OS RESULTADOS DOS GRUPOS NA PLENÁRIA

#### POPULAR

. não estamos sabendo lidar com suas dificuldades proprias

falta de clareza e formação neste campo

. SABs : sempre foi reduto político-eleitoral do poder dominante. Será que e necessario reforça-lo ou criar alternativas ??

. A Igreja tem um papel importante na organização popular hoje.

. Temos que trabalhar contra a manipulação e cooptação que o PMDB faz em cima dos tiquets de leite, etc. - é um desafio.

## 2. POLÍTICO-PARTIDÁRIO

. É estranho, termos colocado como ponto negativo: ter diferentes posições política dentro da Igreja. Isto é tão somente um dado da realidade.

. A igreja opta pela Classe oprimida portanto faz uma opção de classe.

. A palavra classista fecha e restringe muito, (D.Claudio).

#### 3. SINDICAL

Será que esta havendo organização de fato ??
 será que temos clareza do Projeto que estamos construindo ??

. robotização e automação ( desafio )

. aumento do setor de serviços (bancos, comercio, etc) como a P.O. vai lidar com isso ??

#### 4. FORMAÇÃO

. Como esta e processo de formação nas bases ?

. estamos fazendo e fazendo e não estamos formando,:

- qual o objetivo da formação ? e onde queremos chegar com ela ?

- e como vai nossa Renovação da Prática, no dia-a-dia ? - como estamos trabalhando o conceito de 'classe' entre nos ?

consciencia

. Desafios da FE :

- como ficou nosso crescimento teológico e de fe ? , isto quase não apareceu na avaliação e este e um lado da P.O.

- Temos um ponto de partida : 'Opção pelos Pobres' e um ponto de chegada : 'Uma sociedade sem classes e fraterna' - Devemos pensar em como concretamente podemos construir esta Nova

Sociedade que a gente tanto fala. . Estudar sobre o Projeto Político da Classe Trabalhadora e fundamental.

. E daí ? qual deve ser a prática da P.O., confrontando : o Projeto Político da Classe Trabalhadora e o Projeto do Reino de Deus. . Precisamos de formação qualitativa e quantitativa (capacitação de novos

quadros.

. Nos grupos de P.O. ha níveis diferentes.

. O fato do militante estar em todos os campos: partido, popular, sindical, pastoral, faz com que o militante não tenha condições de uma formação mais completa.

. Temos muito que aprender na nossa nova forma de metodologia (pratica-

Teoria- Pratica).

Temos que reforçar mais a formação que existe e procurar ampliar no possivel.

Precisamos de uma formação que não seja imediatista.

## FINANÇAS

. É importante, temos que aprofundar esta discussão e ter sempre presente esta preocupação nas reuniões da região e dicesana.

. falta de um Plano de Trabalho .

## ORGANIZAÇÃO

. Será que conhecemos de fato nossa realidade? quais ferramentas temos? , no nosso Planejamento, não podemos cair mais no imediatismo (Eleições, Constituinte, Greve, etc.)

. Temos que ter um projeto de transformação: a curto, médio e longo prazo. . Integração com a Pastoral da Grande SP ? (\*discutivel, não debatido)

. Nas Assembleias da P.O. temos que ser mais práticos e objetivos, nem que tenhamos que analisar critérios de participação para a mesma.

# ACOMPANHAMENTO DA PRÁTICA/ MILITÂNCIA

. Estamos sempre super-atarefados, não repartimos e passamos os trabalhos pra frente. Será que não somos capazes de arrumar outras pessoas para nos substituir, e dividirmos mais as tarefas ??

. Precisamos envolver mais pessoas e não assumir tudo (centralizando)

numa so pessoa. (desafio)

. A igreja com um todo tem que ajudar neste sentido, com subsídios.etc.

\*

A noite antes do jantar, vimos um video sobre a 'morte de Che', depois cada um ficou livre para engrossar o forro, converssar, ler, etc.
Nossa pauta no dia seguinte ja prometia muito trabalho pra pouco tempo devido a importância do assunto, por isso procuramos seguir com rigor o nosso horário. Quase conseguimos ! no início.

#### 13 / DEZEMBRO

Fizemos uma reflexão biblica, ligando com a nossa importante missão de planejar a caminhada; com velas acesas colocamos nossas intenções e nossos pedidos.

# III - PLANEJAMENTO DA CAMINHADA DA P.O. DIOCESANA

coord. = Carlinhos

la. PARTE : Colocação sobre o Quadro Interno da P.O.

```
vice =ZeFaria
                                                 assessor= Luciano
- Na Diocese: Equipe de Coordenação Diocesana: secretária = Elena
    (Carlinhos)(formada por dois representantes de cada região)
             - Equipe Executiva
               (formada pelos liberados da P.O. )
             - Equipe de Finanças
             - Equipe de Formação
                Biblico . Sindical .Político-Partidaria
             - Equipe de Assessoria
             - Representação na Coordenação Estadual da P.O.
               ( Ze Faria e Carlinhos )
- grupos de base : ativos (16) em formação (10)
- numero de militantes : 187
- Na Estadual:
              Equipes:.Coordenação (representantes das dioceses)
  (Zé Faria)
                       .Executiva (Luciano e Carlinhos) +
                       .Formação (Ze Faria, Luciano, Carlinhos) +
                       .Assessor estadual: Luciano
             - Quadro:
                       .Dioceses com grupo de P.O. ( 18 )
                                         ( + ou - 138 )
                       .Grupos de Base
                                           ( 2.000 )
                       .Militantes
                       . Agentes de Pastoral ( 48 )
                       . Liberados (11)
                       - Representante na Coordenação Nac. (Lurdinha)
                       - Representante na Executiva Nac.
                         (Ari e Carlinhos)
- Na Nacional:
              Equipe de Fromação (Luciano ) +
  (Ze Albino) - Equipe Executiva (Carlinhos, Ze Albino) + 4
             - Equipe de Coordenação Nacional da P.O.
             - Liberados Nacionais (Zé Albino) + 2
             - Quadro:
                       .P.O. presente nos estados (20)
                       . Militantes (5.480)
                       . Grupos de base ( 500 )
                       . Secretariado Nacional- funcionários (7)
                         Duque de Caxias - RJ
 - Foi feito comentários sobre a experiência do trabalho do libera
   do nacional, surgiram perguntas pertinentes e curiosidades que
   foram esclarecidas.
- P.O. de Minas Gerais:
  . Também se apresentou através da Ana Gonçalves (Aninha)
```

2a. PARTE: Apresentamos um resumo de (Propostas e Desafios) que apareceram no decorrer da Assembleia:

- Valorização da Mulher : 8 de Março e vereadoras

- Formação política-partidária na diocese

- Atuação mais dentro do partido (efetivamente)

- Formação Sindical : ser buscada em conjunto (CUT, Silndicatos, outros, P.O.)

.10.

- formação sindical: importante continuar a nível diocesano

- Importante de conhecer melhor a realidade do ABC

- Equipe para pesquisar, conhecer e divulgar a realidade do ABC

- Conhecer o Plano da Burguesia

- Coordenação: dinamizar mais a formação nas suas Regiões, nos vários níveis

- Finanças : falta um Plano - Desafios : Robotização /automação . aumento da categoria dos comerciários -- Movimento Popular : - falta clareza quanto as SABs, preocupação em

reforçar ou criar alternativ as. - unificação e politidação

- ligação com o movimento sindical

- Projeto Político da Classe Trabalhadora ( ter mais clareza )
- Crescimento teológico fe na militancia - Integração da P.O. ABC com a grande SP.

- Metodologia

- priorização da militância

- Planejamento : a medio, e longo prazo

- Disciplina : como desafio

- Incentivar a formação de novos grupos nas paroquias onde não tem.

- jovens trabalhadores estudantes

- Plano Pastoral da Diocese

- CGT . ABC

00000000----

Apos esclarecimentos, encaminhamentos aos grupos para debaterem lembramos o nosso compromisso de a partir da nossa pratica, da nossa fe, ver como podemos contribuir com a Organização dos Trabalhadores do ABC e com a Construção do Reino de Deus.

> GRUPOS: QUAIS OS EIXOS FUNDAMENTAIS PARA O NOSSO TRABALHO A NÍVEL INTERNO: organização, formação e finanças A NÍVEL EXTERNO: .campos: politico-partidario, popular, sindical e eclesial(past.de conj.)

Depois de um debate caloroso , chegou-se via votação de pontos mais polêmicos, ao seguinte resultado:

#### 

EIXOS FUNDAMENTAIS PARA O TRABALHO DA P.O. NA DIOCESE

1. CAMPO : POLÍTICO-PARTIDÁRIO

- ELEIÇÕES 88

- PROJETO POLÍTICO DA CLASSE TRABALHADORA (SOCIALISMO)

#### DESTAQUE:

- Divida Externa - Constituinte

#### PREOCUPAÇÕES:

- participar e fortalecer o partido que defende os interesses dos trabalhadores.

#### 2. CAMPO : SINDICAL

- EIXO: TRABALHO DE BASE (reforçar)

- DESTAQUE: Formação Sindical

- PREOCUPAÇÕES: - 19 de maio

- 8 de março (também popular)

- Congressos da CUT

- CGT. ABC

- Oposições Sindicais (comerciários)especialmente

- trabalho do menorr

- automação e robotização

#### 3. CAMPO : POPULAR

- EIXO: POLITIZAÇÃO DO MOVIMENTO POPULAR

- DESTAQUE: Fortalecer a autonomia dos movimentos populares

- PREOCUPAÇÕES: - formação política das lideranças

 integrar e incentivar no Movimento Popular a questão dos negros e da mulher trabalhadora.

#### 4. CAMPO : ECLESIAL

- EIXO: PLANO DE PASTORAL DIOCESANO / E CAMPANHA DA FRATERNIDADE

- DESTAQUE: - Liturgia

- Aprofundamento da fe a partir da Revisão de Vida

- Organização dos Leigos

- PREOCUPAÇÕES: - manter dialogo com as comunidades e o clero

- envolver outras pastorais na Semana do Trabalhador

- motivar Equipe Diocesana de Negros

# 5. CAMPO : INTERNO DA PASTORAL OPERÁRIA

# A. ORGANIZAÇÃO:

- EIXO: ACOMPANHAMENTO POR PARTE DAS COORDENAÇÕES AOS GRUPOS DE BASE. CRIAR NOVOS GRUPOS E FORTALECER OS JÁ EXISTENTES.
- DESTAQUE: Integração entre as pastorais ( pastoral de conjunto )
   Organização das Regiões \* Desafios: Utinga e S.Caetano.

- Trabalhadores estudantes na P.O.

- Maior engajamento/integração entre: P.O. estadual e nacional

- Equipe Diocesana do JORNAL DA P.O. (urgente)

#### B. FORMAÇÃO:

- EIXO: - PLANO DE FORMAÇÃO DIOCESANA

( SINDICAL - PARTIDÁRIA - BÍBLICA-TEOL. - POPULAR )

- DESTAQUE: - Metodologia (prática- Teoria- Prática)

- treinamento de lideranças - diferentes níveis e campos

# C. FINANÇAS

- EIXO: AUTO-SUSTENTAÇÃO

- DESTAQUE: - Plano de Trabalho - Equipe de Finanças

( delegada pela Assembleia para discutir melhor forma

de compo-la )

#### \*

OBSERVAÇÃO:

.Cabe a Coordenação Diocesana da P.O. dar os encaminhamentos necessários para concretizar e viabilizar estes EIXOS de ação.

#### .PENDENTES:

- Data Galocal da próxima Assembléia Diocesana

- Mandato da Coordenação Diocesana

- Equipe de Finanças

#### \*\*\*

# AVALIAÇÃO DA ASSEMBLEIA

#### Pontos Altos

- .local
- .divisão de tarefas
- .participação do subreg
- .quadro e estudo da rea
- lidade do ABC
- .trabalho de grupo
- .planejamento
- .organização
- .acolhida
- .convidados boa partic.
- .esclarecimentos sobre as finanças
- .integração
- .teatro/dramatização
- .secretaria/limpesa
- .colocação sobre a P.O. nos estados(nacional)
- .presença de novos
- .nivel dos debates
- crescimento dos militantes.

# Pontos Baixos

- .tempo mal distribuído
- .não discussão da Revisão
- de vida
- .dificuldade com a redação da Assembleia
- .proposta de trabalho sem
- clareza
- .apresentação do video, dispersou o pessoal
- .falta de confraternização
- .não teve Celebração .plenária muito solta
- animação falha, sem cria
- tividade, cantos .falta de preparaca
- .falta de preparação para vir a Assembleia
- .assunto repetitivo
- .muito material e pouco tempo p/ aprofundar
- .pouca participação da
- assembleia .poucas pessoas
- quem não era coordenação coordenou plenária.

#### Propostas

- .ocupar melhor a noite
- discussão sobre metodologia
- .revisão de vida ,refletir sobre vida pes soal do militante.
- rever a Assembleia
- .sub-divisão dos grupos
- .por temas
- .mini-plenarios
- .melhorar a dinamica
- .continuar convites à pastorais e dioceses.
- .video em horário de refeição.

- CATEGORIAS PRESENTES: metalúrgicos(23), religiosos(5), mobiliários(3), padres(3) desempregados(2)-declarados, estudantes(2), químicos(2) aposentados, contador, assitente social, correio, costureiros, telefonistas, gravadora, purificação, enfermagem, outros que não se declararam.

# PESQUISA DOS MILITANTES NA ASSEMBLEIA:

- Sindicalizados (15)
- Filiados a algum partido (17)
- Brancos e não (30)
  - Total.....(62) fora convidados
- campos q. mais atua:
  - . Sindical (17) .outros(3)
  - . Popular (16)
  - . Eclesial (16)
  - . Partido (10)

PLANEJAMENTO PARA O TRABALHO DA PASTORAL OPERÁRIA. DIOCESE STO ANDRÉ - 88

## 1. CAMPO ECLESIAL:

EIXO: - CONTRIBUIR NO PLANO PASTORAL DIOCESANO

- COLABORAR NA CAMPANHA DA FRATERNIDADE FOCALIZANDO MAIS A QUESTÃO DO TRABALHO.

## DESTAQUE:

- Aprofundamento da fe a partir da Revisão de vida.

- Liturgia.

- Participar na Oganização dos leigos na Diocese.

## PREOCUPAÇÕES:

- Manter e promover uma maior integração na pastoral de conjunto.

- Preparação conjunta com outras pastorais das diversas Semanas do Trabalhador.

# 2. CAMPO POPULAR:

EIXO: - CONTRIBUIR NA POLITIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS POPULARES.

DESTAQUE:

- Fortalecer a Autonomia dos Movimentos Populares.

## PREOCUPAÇÕES:

- Formação Política das lideranças.

- Incentivar e integrar a questão do Negro e da Mulher.

# 3. CAMPO SINDICAL:

EIXO: - REFORÇAR O TRABALHO DE BASE.

# DESTAQUE:

- Formação Sindical.

# PREOCUPAÇÕES:

- 19 de Maio - DIA DO TRABALHADOR

- 8 de Março - DIA INTERNACIONAL DA MULHER

- Fortalecimento da CUT e preocupação da implantação da CGT no ABC.

- Congressos da CUT

- Oposições Sindicais (especialmente comerciários)

- Menor-Trabalhador

- Automação e Robotização

# 4. CAMPO POLÍTICO-PARTIDÁRIO:

EIXO: - ELEIÇÕES 88

- CONTRIBUIR NA CONSTRUÇÃO DO PROJETO POLÍTICO DA CLASSE TRABALHADORA, VISANDO O SOCIALISMO.

#### DESTAQUE:

- Divida Externa

- Constituinte

# PREOCUPAÇÕES:

- Participar e fortalecer o Partido que defenda na prática os interesses dos trabalhadores.

# 5. CAMPO INTERNO DA PASTORAL OPERÁRIA:

# A - FORMAÇÃO:

- PLANO DE FORMAÇÃO DIOCESANO :

. SINDICAL E BÍBLICO - CONTINUAR

. POLÍTICO E POPULAR REFORÇAR E CRIAR

# DESTAQUE:

- Metodologia (pratica-Teoria-Pratica)

- Treinamento de lideranças

- Respeitar os diferentes níveis e campos de atuação.

# B - ORGANIZAÇÃO:

EIXO:

- ACOMPANHAMENTO AOS GRUPOS DE BASE PELA COORDENAÇÃO.

- CRIAR NOVOS GRUPOS E FORTALECER OS JÁ EXISTENTES.

## DESTAQUE:

- Integração entre as pastorais (pastoral de conjunto)
- Organização das Regiões \*Desafio: Utinga e São Caetano.

- Atenção da P.O. ao trabalhador-estudante.

- Maior integração entre a P.O. Estadual e Nacional.

- Equipe Diocesana do JORNAL DA P.O.

## C - FINANÇAS:

EIXO:

AUTO-SUSTENTAÇÃO.

#### DESTAQUE:

- Plano de Trabalho

- Equipe de Finanças Diocesana

IV ASSEMBLEIA DIOCESANA DA PASTORAL OPERÁRIA-ABC - DEZEMBRO 87 \*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\* \*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\* \*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\* \* \*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*\*